



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**JOSEANE DA COSTA SANTOS**

**UM FALSO FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO**  
**NOS SERTÕES DA AMÉRICA PORTUGUESA (1735 – 1744)**

**São Cristóvão**

**2018**

**JOSEANE DA COSTA SANTOS**

**UM FALSO FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO  
NOS SERTÕES DA AMÉRICA PORTUGUESA (1735 – 1744)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) no Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Augusto da Silva

São Cristóvão

2018

Para as minhas estrelas que já se foram:  
Juarez Evangelista da Costa (*in memoriam*) e  
Dionelia José da Costa (*in memoriam*); e ainda  
às mulheres da minha vida:  
Josivânia da Costa, Isadora da Costa Silva e  
Júlia Isiany da Costa Matos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que foi quem me manteve de pé em todos os momentos, foi nele que me apoiei diversas vezes para não perder a fé em mim e nem no curso.

À minha família, principalmente a minha avó Dionelia José da Costa (*in memoriam*) que dividiu-se muitas vezes em ser vó, ser uma segunda mãe e a primeira professora. É minha grande inspiração e um dos principais motivos pelo qual escolhi ser professora. Agradeço também ao meu amado avô, Juarez Evangelista da Costa (*in memoriam*), que foi e é tão querido, um dos maiores exemplos de seres humanos no qual me espelharei para todo sempre.

À minha mãe, Josivânia, que sempre acreditou em mim e que muitas vezes fez das “tripas coração” para que me mantivesse de pé. À minha querida irmã, Isadora, que muitas vezes me devolveu a fé que eu perdia. À minha pequenina e amada sobrinha, Júlia Isiany, que deixou meus trabalhos mais alegres e menos tensos. Foi por vocês que eu fui além, será sempre por vocês.

Ao meu grande amigo, Allan de Araújo Dórea. Obrigada por toda ajuda, incentivo, amizade e por compartilhar comigo os momentos de alegrias e tristezas e ainda pelo seu apoio antes e durante o curso. Obrigada por tudo!

Ao meu orientador Dr. Augusto da Silva pelas suas instruções, dicas, ensinamentos e pelos vários “puxões de orelha” que me fizeram aprender cada vez mais. Muito obrigada!

Aos professores da graduação: Prof.º Me. Luís Eduardo Pina e Dr. Marcos Silva que são excelentes professores. A CAPES pelo financiamento e apoio, ao trabalho aqui desenvolvido, desde a fase de avaliação do projeto até a finalização da pesquisa.

Meus mais sinceros agradecimentos a Prof.ª Ma. Priscilla da Silva Góes pelos seus ensinamentos desde o período que foi minha professora de história no Ensino Médio. Obrigada por cada aula mais que estimuladora, pelos muitos conselhos, por compartilhar comigo as alegrias e tristezas. Obrigada por todas as vezes em que me socorreu e ajudou com dicas, sugestões e correções que sem dúvidas fizeram-me crescer academicamente. Sempre digo que minha vida é marcada pela presença de grandes mulheres e você com certeza é uma delas.

Agradeço aos grandes ensinamentos e contribuições da Prof.ª Orieta Cecília Bittencourt, um ser humano maravilhoso, que sempre esteve disposta a auxiliar em tudo o que eu precisei. Obrigada pelas aulas maravilhosas de português, pelas dicas, conselhos e muitos

momentos inesquecíveis ao longo dos três anos em que foi minha professora. Obrigada pela inspiração e por ser um dos meus espelhos de grandes mestres da educação.

Ao Colégio Estadual Frei Inocência e a todos os meus queridos ex-professores: Acácio Nascimento, Ana Angélica, Patrícia, Marcela Dória, Cristina, Suely e muitos outros. A todo o quadro de funcionário que sempre me tratou com imenso carinho em especial, Jurandir, Edênia Sobral e Vanessa. Aos meus queridos alunos do estágio no Frei, as turmas do 8º(2016) e 2º anos (2017), pela enorme contribuição na minha jornada para ser professora. Obrigada por cada momento incrível na sala de aula junto com cada um de vocês alegrando minhas manhãs e iluminando minhas tardes.

Agradeço imensamente a incrível e maravilhosa supervisora técnica, Polyanna de Menezes Aragão. Obrigada pelas dicas, conselhos, momentos de descontração, pelos incentivos antes, durante e depois de cada aula dada no estágio. Pelo acolhimento, por ter escolhido as duas turmas mais incríveis que uma estagiária poderia ter. Obrigada por ser mais que uma colega de curso, mas uma verdadeira amiga.

Aos meus colegas de curso: William de Jesus Noya, Sayonara Souza, Thamyres Suellen Sobral Lopez, Keline Pereira Freire e Josiane Paiva. Muito obrigada por serem os anjos que sempre estiveram ao meu lado, pelos aprendizados, por cada trabalho apresentado e principalmente por serem os mais incríveis e amáveis amigos que eu poderia encontrar dentro da universidade.

À Heloisa dos Santos Santana, parceira de pesquisa e uma grande amiga. Muito obrigada pelos conselhos, pelas dicas, por cada momento especial, pelas risadas e por cada palavra de carinho e entusiasmo nos momentos em que eu estava sem ânimo para continuar. À meu grande amigo, Cléber Rodrigues, que sempre me incentivou e por ser o amigo maravilhoso que é. Obrigada por todos os momentos incríveis ao seu lado. Aos meus irmãos do coração, Elenilton e Josenilton Pereira, que sempre me apoiaram e por serem grandes amigos com quem posso sempre contar.

Obrigada a todos!

## **UM FALSO FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO NOS SERTÕES DA AMÉRICA PORTUGUESA (1735 – 1744)**

### **RESUMO**

A facilidade com a qual acessarmos hoje, um maior universo de fontes por meio de suportes virtuais nos permite desenvolver pesquisas sobre temas e localidades antes restritas àqueles pesquisadores com tempo e dinheiro para o deslocamento aos arquivos distantes. Diante disto, o presente trabalho procurou apresentar uma análise do processo inquisitorial de Januário de São Pedro, indivíduo natural do Reino do Peru, que foi preso e levado para a cidade de Lisboa no ano de 1740. As acusações que sofreu foi de usurpação dos cargos de Comissário e Familiar do Tribunal do Santo Ofício e, por usar a falsa identidade de Frei José de Iguareta em suas viagens pelos sertões de Pernambuco, Sergipe e Bahia. Dizendo-se ser um funcionário inquisitorial, o falsário prende e incrimina o fazendeiro João de Souza Pereira. Buscamos estudar e entender a dinâmica da vida social e religiosa em Jacobina no século XVIII, tomando como base para tal, os depoimentos das testemunhas arroladas no processo. Entendemos que, ao final deste trabalho, algumas questões podem ser melhor compreendidas no que diz respeito à formação social, econômica e cultural de Jacobina. Além disso, o método de investigação e análise aqui proposto pode suscitar novos questionamentos e possibilidades de pesquisa.

**Palavras-Chave:** Jacobina. Inquisição. Sertão.

## **A FALSE FAMILY OF THE HOLY OFFICE IN THE NORTHEASTERN BACKWOODS OF PORTUGUESE AMERICA (1735 - 1744)**

### **ABSTRACT**

The ease with which we now access a larger universe of sources through virtual supports allows us to develop research on themes and locations previously restricted to those researchers with the time and money to move to distant archives. In view of this, the present work presents an analysis of the inquisitorial process of Januário de São Pedro, an individual from the Kingdom of Peru, who was arrested and taken to the city of Lisbon in the year 1740. The accusations he suffered were of usurping the positions of Commissary and Family of the Tribunal of the Holy Office and of using the false identity of Frei José de Iguareta in his travels through the countryside of Pernambuco, Sergipe and Bahia. Claiming to be an inquisitorial official, the forger arrested and incriminated farmer João de Souza Pereira. We sought to study and understand the dynamics of social and religious life in Jacobina in the eighteenth century, through testimony from witnesses in the process. At the end of this paper, it is possible to better understand some questions about the social, economic and cultural formation of Jacobina. In addition, the research and analysis method proposed here may raise new questions and research possibilities.

**Keywords:** Jacobina. Inquisition. Northeastern backwoods.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	10
LISTA DE SIGLAS.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - UM FALSO FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO: O PROCESSO DE JANUÁRIO DE SÃO PEDRO.....	16
1.1. Um falso padre nas terras da Coroa espanhola.....	16
1.2. Um falso padre na América portuguesa .....	19
1.3. Um falso familiar no sertão de Jacobina e a prisão de João de Souza Pereira .....	22
1.4. Januário versus Santo Ofício .....	26
CAPÍTULO 2 - OS SERTÕES NA AMÉRICA PORTUGUESA .....	29
2.1. A Vila e Comarca de Jacobina .....	32
CAPÍTULO 3 - “OUVIR DIZER QUE...”: UMA ANÁLISE DE TESTEMUNHOS.....	39
3.1 Cristãos velhos versus Cristãos novos .....	40
3.2. Uma análise de testemunhos.....	44
3.3. O sumário de culpas de João de Souza Pereira .....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
REFERÊNCIAS .....	53
1. Fontes primárias .....	53
2. Bibliografia.....	53
3. Monografias; Dissertações e Teses .....	55
APÊNDICE .....	57
ANEXO 1 – PRISÃO DE JANUÁRIO DE SÃO PEDRO .....	60
ANEXO 2 – Auto de Januário em Lisboa .....	60
ANEXO 3 – Documento do Comissário Antônio Rodrigues Lima .....	61
ANEXO 4 – Termo de Juramento e Termo da Assentada .....	65
ANEXO 5 - Sumário de testemunhas.....	66
ANEXO 6 – Documento do Vigário e Padre Francisco Ferreira .....	86
ANEXO 7 – Termo de Encerramento .....	93
ANEXO 8 – Documento que contém o pedido de Januário para fazer declaração ao Comissário Antônio Rodrigues Lima .....	94
ANEXO 9 – Documento feito por Januário que fala sobre a falsa partícula.....	96
ANEXO 10 – Documento de excomunhão de Inácio Soares .....	97
ANEXO 11 – Notificação entregue a Antônia de Brito (Mulher de Phelipe de Santiago) .....	98
ANEXO 12 - Autorização para celebrar missa .....	99



ANEXO 13 – Falsa patente feita por Januário .....	100
ANEXO 14 - Carta de patente do verdadeiro Frei José de Iguareta.....	101
ANEXO 15 – Depoimento de Luís Barreiro Braga sobre as ações de João de Souza Pereira .....	102
ANEXO 16 – Documento que trata da canastra do acusado João de Souza Pereira.....	105
ANEXO 17 – Sumário de Testemunhas feito por Januário.....	107
ANEXO 18 – Confissão de Januário.....	114
ANEXO 19 – Genealogia de Januário.....	132
ANEXO 20 – Interrogatório (I) .....	136
ANEXO 21 – Interrogatório (II).....	149
ANEXO 22 – Inspecie.....	159
ANEXO 23 – Citação .....	162
ANEXO 24 – Requerimento dos Promotores.....	163
ANEXO 25 – Documento que contém a sentença de Januário .....	171
ANEXO 26 – Documento do Conselho Geral para os párocos dos sertões de Sergipe .....	177
ANEXO 27 – Sobre a celebração do auto-de-fé.....	179
ANEXO 28 – Abjuração de Veemente.....	180
ANEXO 29 – Termo de Segredo.....	181
ANEXO 30 – Penitências Espirituais.....	182
ANEXO 31 – Indicação por parte dos Inquisidores do médico e cirurgião .....	183
ANEXO 32 – Sobre o lugar de degredo .....	184
ANEXO 33 – Análise do médico Antônio da Costa Falção.....	184
ANEXO 34 – Análise do cirurgião Manoel Gomes da Paz .....	185
ANEXO 35 – Sentença dos Inquisidores sob o alívio da pena .....	186
ANEXO 36 – Sobre a fuga dos cárceres .....	187

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Tabela de Testemunhas

Tabela 2. Sumário de Testemunhas feito por Januário

## **LISTA DE SIGLAS**

ANTT: Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

## INTRODUÇÃO

A atuação do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição marcou profundamente a história da Igreja Católica e a história do mundo Ocidental. Os impactos de suas ações revelaram-se no combate aos hereges que, segundo a historiadora Anita Novinsky seriam “aqueles indivíduos que partilhavam [...] ideias contestadoras da doutrina oficial do catolicismo”<sup>1</sup> ameaçando consequentemente os mandamentos pregados pela Igreja. De um lado, a inquisição com suas imposições e regras, e do outro, os desregrados e hereges. Na luta travada entre esses dois lados estavam em jogo o poder e o controle social que a Igreja não queria deixar de exercer.

Vale salientar que, na sociedade europeia, o Estado e a religião andavam juntos e que aspectos além do campo religioso, de ordem econômica e social, contribuíram de alguma maneira para que o Tribunal do Santo Ofício fosse instalado desde a Idade Média nas mais diferentes regiões da Europa. Em Portugal, por exemplo, surge por volta do ano de 1536, durante o reinado de D. João III, enquanto na Espanha aparece na segunda metade do século XV, período em que o reino estava unificado e era governado pelos monarcas Fernando de Aragão e Isabel de Castela.

Assim sendo, os autos-de-fé, celebrações públicas realizadas pela Santa Inquisição, foram importantes ferramentas utilizada para expor quais as consequências que recairiam sob aqueles que fossem contra as doutrinas e procedimentos cristãos comprometendo a moral e os bons costumes pregados pelo catolicismo. Um dos motivos pelo qual o Santo Ofício permaneceu atuando ao longo de quase três séculos em Portugal deu-se principalmente devido a toda uma forma de estruturação e organização estabelecida pela igreja. Assim como o governo português necessitava de funcionários régios que auxiliassem na administração colonial, o Tribunal possuía funcionários que combatiam os inimigos da fé e garantiam a boa conduta cristã.

Estas funções eram exercidas, principalmente, por aqueles que faziam parte da rede de Familiares e Comissários que atuavam em nome do Santo Ofício. O indivíduo que almejava ocupar um posto hierárquico, dentro desta instituição, necessitava passar por um processo de habilitação onde a condição financeira, a limpeza de sangue<sup>2</sup> e o histórico familiar pesava na

---

<sup>1</sup> NOVINSKY, Anita Waingort. *A inquisição*. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 10.

<sup>2</sup> Esta limpeza de sangue consistia em avaliar se o candidato tinha “defeito de sangue”. Este quesito estava diretamente relacionado com os indivíduos que fossem descendentes de mouro, judeu, negro ou índio.

escolha do pretendente ideal para ocupar o cargo inquisitorial, seja de Comissário ou Familiar da Inquisição portuguesa.

Casos de falsos padres e funcionários inquisitoriais exercendo funções para as quais não estavam habilitados podem ser encontrados dentro dos inúmeros processos inquisitoriais que estão no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). O acervo documental disponível na Torre do Tombo referentes as ações inquisitoriais no reino português fornecem importantes contribuições para a história para que possamos, principalmente “[...] refletir não somente em aspectos referentes às ações do Santo Ofício na América Portuguesa [...]”<sup>3</sup>, mas questões que estão relacionadas a religião, a dinâmica social, política e até econômica no período colonial.

Dentre estes casos encontramos o processo de Januário de São Pedro, indivíduo estudado no presente trabalho, que foi julgado e sentenciado em maio de 1741 pelos inquisidores após ter cometido o crime de usurpação de cargos durante o período em que circulou pelos sertões de Sergipe, Pernambuco e Bahia. Nesses lugares intitulou-se algumas vezes Comissário ou Familiar, porém, sem possuir a habilitação necessária para exercer nenhum dos cargos. Além disso, celebrou missas e batizou sem possuir a ordenação de sacerdote e ainda fez sequestro de bens em nome do Santo Ofício<sup>4</sup>.

Outros crimes dessa natureza foram cometidos na América Portuguesa. No século XVII, na região do Recôncavo baiano, Baltasar Coelho, que se dizia Familiar do Santo Ofício prendeu um indivíduo de nome Nuno Fernandes que foi levado para Portugal juntamente com o falso familiar<sup>5</sup>. De acordo com o depoimento de Baltasar aos inquisidores, Heitor Furtado de Mendonça<sup>6</sup> havia lhe dado uma carta de familiar que deveria ser confirmada junto ao inquisidor geral da Inquisição. Entretanto, Baltasar não tinha em sua posse a tal carta que provava a veracidade da história contada e recebeu, como pena pelo crime cometido, dois anos de galés e mais cinquenta açoites nas costas.

O processo de Januário de São Pedro nos fez lembrar da história de Martin Guerre contada por Natalie Zenon Davis<sup>7</sup>. Na obra é retratada a história de um camponês que viveu em Languedoc, hoje sul da França, no século XVI. Casou-se muito jovem com Bertrand de

---

<sup>3</sup> SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Para remédios das almas: comissários, qualificadores e notários da Inquisição Portuguesa na Bahia (1692 – 1804)*. Tese de doutoramento UFBA, 2009, p. 12.

<sup>4</sup> ANTT. *Processo de nº 3693 do Frei Januário de São Pedro*. Disponível em: <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=2303657>.

<sup>5</sup> ASSIS, Angelo Adriano Faria. A inquisição no Brasil e a Farsa pelo Avesso: O caso de Baltasar Coelho, tratante e falso familiar do Santo Ofício e da prisão de Nuno Fernandes, revel e descendente dos Macabeus do recôncavo. In: ASSIS, Angelo Adriano Faria; SANTANA, Nara Maria Carlos; ALVES, Ronaldo Sávio Paes. *Desvelando o poder: histórias de dominação – Estado, Religião e Sociedade*. Niterói: Vício de Leitura, 2007.

<sup>6</sup> Primeiro visitador do Santo Ofício na América Portuguesa.

<sup>7</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Roll, com quem teve um filho. No ano de 1548, quando ainda residia na casa de seu pai, Martin teria roubado uma pequena quantidade de trigo. Temendo a severidade do pai pelo crime cometido, o jovem deixou toda a família durante anos sem notícias sobre o seu paradeiro, até que finalmente o esposo tão esperado da senhora Bertrande retornava para casa. Toda a família festejou o regresso, porém brevemente iriam descobrir que o indivíduo que acolheram com tanto amor em casa era na verdade Arnaud du Tilh, o falso Martin.

Uma história parecida com o que ocorreu acima encontramos na Bahia. Por volta do ano de 1739, não se sabe o dia exato, apareceu um padre de origem castelhana na Vila de Jacobina, povoado vinculado ao Arcebispado da Bahia e distante da cidade de Salvador mais de 300 km. Ao chegar nesta região, apresentou-se aos moradores como Frei José de Iguareta. Ele celebrou missas, ouviu confissões e prendeu pessoas em nome do Santo Ofício dizendo-se umas vezes Familiar e em outras Comissário, além de, em determinadas situações, obrigar as pessoas a fornecer-lhe aquilo que fosse necessário para sua subsistência, inclusive daqueles que o acompanhavam.

Após ouvir algumas confissões, o falso Frei resolveu abrir uma devassa contra João de Souza Pereira, lavrador de mandiocas e fazendeiro bem estabelecido na região, acusando-o de usar no pescoço uma partícula sagrada, ter praticado sacrilégio com a imagem de Jesus Cristo e de ser cristão-novo. Com o sumário de testemunhas contra o fazendeiro em mãos, o frei sequestrou-lhe os bens e o conduziu preso, acorrentado, até a cidade de Salvador. Após chegar na referida cidade e entregar João de Souza ao Comissário Antônio Rodrigues Lima juntamente com o sumário de testemunhas e a canastra com a tal partícula, o frei desapareceu.

Em Salvador, diante das autoridades civis e eclesiásticas, descobriu-se que o referido frei tratava-se de um impostor. Seu verdadeiro nome era Januário de São Pedro, religioso leigo da Ordem dos Pregadores de São Domingos na cidade de Quito, antigo vice-reinado do Peru. Em meados de 1740, aos 35 anos de idade, o falso Iguareta foi conduzido preso até os Estaus<sup>8</sup> em Lisboa para ser julgado pelo Tribunal do Santo Ofício. Num auto-de-fé realizado e celebrado em 18 de junho de 1741, na Igreja de São Domingos em Lisboa, ficou estabelecida a seguinte sentença: abjuração de veemente, degredo por dez anos para as galés, inabilitado para nunca receber ordens, penitências espirituais, pagamento de custas<sup>9</sup>.

Januário, alegando estar incapacitado para cumprir os sete anos que restavam da pena de galés que lhe foi imposta, consegue através de petições enviadas ao Santo Ofício fazer com

---

<sup>8</sup> Está localizado na Praça do Rossio no centro histórico de Lisboa. Em 1571 tornou-se a Casa de Despacho da Inquisição. Desde a segunda metade do século XIX funciona como o Teatro Nacional D. Maria II.

<sup>9</sup> ANTT. Proc. 3693. Fol. 85 v.

que os inquisidores determinem, como alívio da referida pena, sua retirada do Convento de São Domingos na cidade de Elvas para outro convento na cidade de Badajoz de mesma ordem religiosa. No entanto, antes de ser cumprida a determinação dos inquisidores, Januário conseguiu, não se sabe de que maneira, fugir sem deixar pistas de seu paradeiro.

Esta história interessa-nos por que, por meio dela, podemos revelar aspectos importantes dos sertões da América portuguesa, sobretudo de Jacobina em meados do século XVIII a partir do sumário de testemunhas arroladas pelo falso Iguareta e dos depoimentos dados por elas. Podemos extrair informações relevantes sobre os moradores da dita vila como: os locais de moradia, as atividades econômicas que desempenhavam, ofícios e profissões, as relações que mantinham com o acusado João de Souza Pereira, sobretudo, os problemas relacionados com a religiosidade e a presença dos cristãos novos na região.

Sendo assim, nosso trabalho está dividido da seguinte forma:

No primeiro capítulo intitulado “Um Falso Familiar do Santo Ofício: O processo de Januário de São Pedro”, será apresentada uma narrativa histórica relatando a história de Januário desde sua saída da cidade de Quito, sua passagem pelos sertões de Sergipe, Pernambuco e Bahia, principalmente Jacobina, até a sua prisão pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa.

No segundo capítulo designado “Os sertões na América Portuguesa”, será contextualizado o espaço e o tempo, levantando questões relacionadas aos aspectos sociais, religiosos e econômicos referentes à Bahia e Jacobina no século XVIII. Em “Ouvir dizer que...: Uma análise de testemunhos”, terceiro, e último capítulo deste trabalho, será apresentada uma análise com base no processo inquisitorial, principalmente nos documentos que referem-se as testemunhas arroladas ao longo do processo de Januário de São Pedro.

Em anexo apresentamos a transcrição dos principais trechos dos documentos contidos no processo de Januário seguindo as normas da paleografia. A transcrição segue o documento mantendo a grafia utilizada pelos escrivões do período estudado, entretanto, pode-se perceber que determinadas palavras estão em *itálico*, pois essas são palavras que na documentação estão abreviadas. Para nos auxiliar num melhor entendimento da transcrição separamos algumas palavras e destrinchamos as que estavam abreviadas a partir da pesquisa de Maria Helena Flexor que trabalhou com abreviaturas de manuscritos produzidos entre os séculos XVI e XIX.

## CAPÍTULO 1 - UM FALSO FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO: O PROCESSO DE JANUÁRIO DE SÃO PEDRO

A história do falso Frei José de Iguareta foi mencionada em trabalhos como *A inquisição em Sergipe* do historiador baiano Luiz Mott<sup>10</sup>, *Agentes da Fé: Familiares da Inquisição Portuguesa no Brasil Colonial* de Daniela Buono Calainho<sup>11</sup> e ainda na tese de doutorado intitulada *Para remédios das almas: comissários, qualificadores e notários da Inquisição Portuguesa na Bahia (1692 – 1804)* de Grayce M. B. Souza<sup>12</sup>. Entretanto, as ações deste falso sacerdote aparecem nestes trabalhos de maneira sucinta e sem maiores aprofundamentos.

### 1.1. Um falso padre nas terras da Coroa espanhola

Januário de São Pedro, o falso Frei José de Iguareta, era natural da cidade de Quito, antigo vice-reinado do Peru, diz em sua confissão que tinha trinta e cinco anos e era um religioso leigo da ordem de São Domingos. Seus pais, de acordo com a genealogia<sup>13</sup> apresentada no processo, eram o fazendeiro João Cristóvão de Montes Doca e sua mãe Dona Josefa de Suas Naves que eram naturais e residentes na Cidade de Quito.

Segundo o seu relato, seus avós maternos chamavam-se Dom Afonso de Suas Naves, que foi Governador de Cambato e era natural do Reino de Biscaia, e sua avó Dona Patrinhilha Mera de Hortega, natural e moradora de Quito. Segundo o documento produzido pelo escrivão André Corsino de Figueiredo no início de outubro de 1740, tantos os genitores quanto seus avós maternos e paternos, já eram falecidos quando o processo contra Januário fora iniciado. Os nomes dos avós paternos não aparecem na genealogia feita pelo tribunal por que o réu não os conheciam<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> MOTT, Luiz Roberto de Barros. *A Inquisição em Sergipe: do século XVI ao XIX*. Aracaju: Sercore Artes Gráficas, 1989.

<sup>11</sup> CALAINHO, Daniela. *Agentes da Fé: familiares da Inquisição portuguesa no Brasil Colonial*. Bauru, SP: Edusc, 2006.

<sup>12</sup> SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Para remédios das almas: comissários, qualificadores e notários da Inquisição Portuguesa na Bahia (1692 – 1804)*. Tese de doutoramento UFBA, 2009. Disponível em: <[http://www.catedra-alberto-benveniste.org/\\_fich/17/Tese\\_Grayce\\_Souza\\_-\\_Para\\_remedio\\_das\\_almas\\_-\\_Comissarios\\_Qualificadores.pdf](http://www.catedra-alberto-benveniste.org/_fich/17/Tese_Grayce_Souza_-_Para_remedio_das_almas_-_Comissarios_Qualificadores.pdf)>. Acesso em: 21 de set. 2016, 06hs 21 min.

<sup>13</sup> De acordo com Ronaldo Vainfas, em *Trópico dos Pecados*, é uma espécie de “inquérito genealógico” onde buscava-se retratar de maneira geral a história do indivíduo fazendo questionamentos sobre o lugar de nascimento, a idade, o ofício e outras informações referentes aos pais, avós e outros parentes.

<sup>14</sup> ANTT. Processo 3693. Fl. 48 v.



A partir da documentação inquisitorial fizemos o levantamento de alguns fatos da vida do nosso personagem. Durante o período de sua infância e adolescência, Januário esteve presente nas ações ligadas à igreja. Foi cristão batizado, na Catedral de Quito por Dom Ambrósio de Assumar, e crismado na Igreja de Santa Barbara pelo Bispo de Popain, ia às missas e às pregações, fazia o sacramento da penitência e da comunhão, além de muitos outros trabalhos cristãos. Era um homem que sabia ler, escrever, havia aprendido a gramática e até mesmo o latim. No inquérito sobre a sua genealogia foi mandado que ficasse de joelhos e deveria rezar o pai-nosso, a ave-Maria, o credo e a Salve-Rainha, além de dizer quais eram os mandamentos da lei de Deus e os da Igreja<sup>15</sup>, tudo feito de maneira correta pelo réu.

No tempo em que residiu em Quito, estudou Filosofia e Medicina na Universidade de São Gregório, instituição que estava sob a direção dos padres da Companhia de Jesus e que foram seus mestres durante a sua formação. Sobre as universidades na América espanhola, Josef M. Barnadas nos revela que

[...] uma parcela significativa dessas chamadas universidades nada mais eram que instituições para a educação do clero; a maioria oferecia instrução apenas em filosofia e teologia; apenas umas poucas possuíam cadeiras de direito canônico ou civil; um número ainda menor contava com cadeiras de línguas indígenas ou clássicas; e até em pleno século XVIII pouquíssimas eram as universidades que ofereciam ensino de medicina ou de ciências naturais<sup>16</sup>.

Na discussão levantada por Barnadas haviam universidades que eram patrocinadas pelo governo e que ficavam localizadas na Cidade do México e em Lima. Entretanto, existiam ainda as universidades particulares, porém localizavam-se em Bogotá, Santo Domingo e em Quito. É possível, a partir da informação apresentada pelo autor, levantarmos a hipótese de que Januário teria feito a sua formação em medicina e filosofia em uma universidade particular que no caso seria, a Universidade de São Gregório, já que seu pai era um fazendeiro e poderia financiar os seus estudos.

Segundo a sua confissão realizada no dia 27 de setembro de 1740 nos Estaus em Lisboa, podemos aqui elencar alguns dos lugares pelos quais Januário viajou antes de aventurar-se nas terras pertencentes a Corte Portuguesa na América. Dentre as localidades podemos citar: a Província de Lima, Província de Tucumã, Cuenca, São João de Pasto, Vila de Riobamba e São Miguel da Barra.

---

<sup>15</sup> Idem. Fl. 49 e 49 v.

<sup>16</sup> BARNADAS, Josef M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina Colonial*. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004, p. 538.

Os crimes cometidos por Januário iniciaram-se por volta do ano de 1736 quando ainda estava no Convento em Guaiaquil na cidade de Quito. De acordo com Januário, em sua confissão, vinha ele há algum tempo servindo nos ministérios mais trabalhosos e penosos da comunidade. Ao perceber que indivíduos ordenados e que atuavam em nome da inquisição obtinham dos demais um certo respeito e admiração, despertou-o o desejo por tornar-se um sacerdote, pois o mesmo queria ser tratado com estimo e “descanso”. Para conseguir realizar este desejo, decidiu então, escrever uma falsa patente em nome de seu Padre Provincial Frei José Henrique<sup>17</sup>. O documento produzido e falsificado por ele apontava todos os requisitos necessários para a obtenção da tão desejada ordenação de sacerdote.

Em sua confissão Januário diz que “[...]imitou o melhor que lhe foy posivel, para que desta sorte pudece mostrar pela ditta patente falça, que hera avido por habil, e idoneo, e ter todos os requizittos necesarios para ser ordenado por qualquer Bispo [...]”<sup>18</sup>. O documento falsificado continha o selo da religião e até mesmo a assinatura do padre provincial fazendo com que a patente tivesse um caráter de autenticidade e veracidade.

Abandonando o Convento de Nossa Senhora de Penha de França, local onde residia, com a falsa patente em mãos Januário almejava receber a ordenação do sacerdócio em outra localidade, pois em Quito logo descobririam o crime por ele cometido. Seguiu, então, para a Província de São João Batista na Cidade de Lima onde permaneceu durante alguns meses chegando a ser tratado como se fosse um verdadeiro religioso em decorrência da patente que havia apresentado.

Para desânimo de Januário, o Arcebispo de Lima encontrava-se indisposto e não pode recebê-lo<sup>19</sup>. Com esperança de que encontraria um bispo que lhe ordenasse seguiu viagem para o Reino do Chile onde estabeleceu-se durante alguns meses na Cidade Santiago e foi durante este período que conheceu Frei José de Iguareta<sup>20</sup>, correligionário que conviveu com Januário durante alguns meses.

Seguindo para uma outra região, José de Iguareta acabou por deixar alguns dos seus papéis, dentre estes, sua carta de ordens, a qual Januário tomou para si. Com o intuito de conseguir a ordenação de sacerdote, o falso padre seguiu para a Província de Tucumã onde recebeu a notícia de que a falsificação da patente havia sido descoberta, pois o seu antigo padre provincial, Frei José Henrique, por meio de cartas já avisava sobre o documento falsificado pedindo assim que não o ordenassem e que o castigassem merecidamente. Fugindo

---

<sup>17</sup> ANTT. Proc. 3693. Fl. 35 v.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Idem. Fl. 36.

<sup>20</sup> Idem. 36 v.

do severo castigo que seria aplicado, Januário escapou para a cidade de Buenos Aires e desta parte rapidamente para as terras da Nova Colônia do Sacramento, uma praça militar portuguesa na margem oeste do Rio da Prata.

## 1.2. Um falso padre na América portuguesa

Após chegar na América Portuguesa, Januário muda seu próprio nome passando assim a intitular-se dali por diante como Frei José de Iguareta, valendo-se da carta de ordens do verdadeiro Iguareta que estava em sua posse. Com receio de que viessem à tona qualquer questionamento sobre a sua saída da Província de Lima até à Nova Colônia, apresentou-se então como Procurador Geral da Ordem de São Domingos que havia sido designado para comparecer até a Cúria Romana encarregado de tratar sobre questões pertinentes à ordem religiosa<sup>21</sup>.

No texto *Portugal e o Brasil: A estrutura política e econômica do Império (1580 – 1750)*, Frédéric Mauro discorre acerca da Colônia do Sacramento. Segundo o autor

Em 1680, os portugueses haviam fundado Colônia do Sacramento na margem oeste do rio da Prata, para convertê-la em depósito do comércio de contrabando com Buenos Aires, que se tornava então um dos principais portos da América espanhola. Era um posto avançado vulnerável, capturado duas vezes pelos espanhóis antes que o Tratado de Utrecht (1713) o confirmasse como possessão portuguesa e, mesmo então, continuou sujeito a frequentes ataques. Situada a apenas 25 quilômetros de Buenos Aires, do outro lado do estuário, Colônia do Sacramento ficava a centenas de quilômetros do Rio de Janeiro e dos outros principais portos brasileiros. Na época da navegação a vela, estava a menos de um dia de viagem de Buenos Aires, mas a sete dias de Santa Catarina e não menos de quatorze dias do Rio de Janeiro.<sup>22</sup>

A Colônia do Sacramento foi a porta de entrada de Januário nas terras dominadas pela coroa lusitana. Por conta da proximidade acima apresentada pelo autor, pode-se deduzir que este primeiro local, no qual Januário teria se instalado, assim que entrou na América Portuguesa teria sido a Nova Colônia. Sabe-se que, segundo a documentação, Januário teria permanecido durante cerca de um mês antes de seguir numa embarcação que dirigia-se à cidade da Bahia. Chegando em Salvador, apresentou-se a Luís Alves de Figueiredo, Arcebispo da Diocese, que deu ao falso Iguareta a licença para que exercesse as funções

---

<sup>21</sup> Idem. Fl. 37.

<sup>22</sup> MAURO, Frédéric. *Portugal e o Brasil: A estrutura política e econômica do Império (1580 – 1750)*. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina Colonial*. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004, p. 472.

sacerdotais, entre elas celebrar missas e realizar confissões. O cumprimento de tais funções eclesiais duraram cerca de quatro meses<sup>23</sup>.

Ausentando-se desta cidade, Januário decide seguir viagem para Pernambuco. Entretanto, durante o trajeto, ocorreu um temporal que fez com que a embarcação desviasse da rota inicial, acabando por levar Januário até a Capitania de Sergipe D' El Rei partindo desta para os seus sertões. No decorrer do período em que esteve na capitania sergipana, o falsário visitou as freguesias existentes celebrando missas, ouvindo confissões e ainda pedindo esmolas dizendo que serviria para a construção de um hospício na região. Foi em sua passagem pelas freguesias da Capitania de Sergipe D'El Rei que Januário soube das Breves das Marcas<sup>24</sup>.

Vendo nas breves uma oportunidade para conseguir arrecadar mais recursos, começou a negociá-las e vendê-las por preços muito altos. Em sua confissão, no período em que percorreu os sertões da Capitania sergipana, o réu não relatou qual a localidade em que havia descoberto a existência das breves das marcas. Segundo este mesmo documento, o falsário havia encontrado algumas pessoas reunidas e que no meio delas encontrava-se um cachorro usando em seu pescoço uma bolsinha da breve das marcas.

Um dos indivíduos ali presente, interessou-se pela tal bolsinha e quis comprá-la; porém para que a compra se concretizasse deveria ser provado que o objeto era realmente eficiente. Para confirmar tal questionamento, o cão deveria levar um tiro de espingarda e sair ileso. Observando o ocorrido e ouvindo os comentários dos demais, Januário finge ser comissário do Santo Ofício dizendo aos presentes que por ordem do tribunal deveria retirar as bolsas que encontrasse. Acreditando na mentira contada, as pessoas começaram a entregar suas breves, e estas foram por ele entregue a Dom José Fialho, Bispo de Pernambuco, contando ao religioso sobre os abusos e as superstições existentes<sup>25</sup> em torno das ditas bolsinhas nas freguesias de Sergipe D' El Rei.

Para que pudesse exercer o cargo de comissário do Santo Ofício era necessário que Januário passasse por processo de habilitação. O suplicante que almejava o cargo deveria fazer uma petição contendo informações referentes às suas pretensões, morada e genealogia. Após os deputados apresentarem o despacho da petição, o Conselho Geral solicitava aos tribunais informações acerca do suplicante e seus descendentes realizando diligências

---

<sup>23</sup> ANTT. Proc. 3693. Fl. 37 v.

<sup>24</sup> Também chamada de Bula da Marca, concedia os mesmos privilégios da Bula da Cruzada. O portador podia ser absolvido de todos os crimes e deviam ser compradas todos os anos. Podiam ainda, as tais bulas serem compradas para os defuntos (MOTT, 1989, p. 57).

<sup>25</sup> ANTT. Fl. 38 v. e 39.

judiciais e extrajudiciais. As judiciais serviriam para colher dados referentes a limpeza de sangue e a genealogia do candidato, enquanto que as extrajudiciais, objetivavam coletar informações dos pais, avós maternos e paternos com o intuito de averiguar as condições e a capacidade do indivíduo para exercer a função.

A respeito dos comissários, Bethencourt aponta que

[...] os comissários eram os verdadeiros delegados dos inquisidores no distrito. Eles eram encarregados dos inquéritos mais diversos, respeitantes não apenas a processos criminais mas também a processos de habilitação a um cargo no tribunal, recolhendo denúncias, ouvindo testemunhas, fazendo devassas, controlando a entrada de livros nos portos e vigiando o comportamento dos familiares. Os comissários eram geralmente clérigos, o que tornava sua intervenção mais séria e eficaz, sendo a área de jurisdição calcada nas divisões da justiça eclesiástica [...]<sup>26</sup>.

A partir das funções dos comissários apresentadas por Bethencourt podemos observar que exercer estas atividades tornavam-os, aos olhos da sociedade, homens dignos de respeito e admiração pelo papel que desempenhavam. Para Aldair C. Rodrigues que estuda a referida temática, esses agentes eram “[...] a autoridade inquisitorial máxima na Colônia. Dentro da hierarquia dos agentes da Inquisição, eles se subordinavam diretamente aos Inquisidores de Lisboa”<sup>27</sup>. Os processos de habilitação para ocupar o cargo de comissário levava anos por conta das dificuldades de locomoção dos agentes para realizar a averiguação das informações apresentadas pelos candidatos.

Seguindo seu caminho, Januário encaminhou-se para Minas Gerais onde permaneceu por cerca de um mês numa povoação de índios que se localizava em uma missão dos padres capuchinhos italianos conhecida como Missão de Rodelas<sup>28</sup>. Sem demorar-se muito nesta missão religiosa, passou para o sertão de Pajau e deste rumou para Pernambuco. Chegando em seu destino, tratou logo de pedir ao Bispo Dom José Fialho para que instrísse melhor o povo, porém não foi atendido, muito menos recebido por que naquela região já se tinha notícia que ele vinha há alguns anos pregando e celebrando missa sem ter nenhuma ordem.

Assim que soube a notícia de que seus crimes haviam sido descobertos, Januário tratou de fugir para o sertão pernambucano. Foi durante o trajeto de sua fuga, que o criminoso

<sup>26</sup> BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV – XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pg. 61.

<sup>27</sup> RODRIGUES, Aldair Carlos. *Sociedade e Inquisição em Minas Colonial: Os familiares do Santo Ofício (1711 – 1808)*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, pg. 29.

<sup>28</sup> CALDAS, José Antônio. *Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1951 [edição Fac-Similar de 1759]. Segundo Caldas, a missão ou aldeia de Rodelas estava sob a administração dos religiosos capuchinhos italianos e por volta do ano de 1759 contava com cerca de 400 almas, ou seja, indivíduos. Atualmente Rodelas é um município localizado no norte do estado da Bahia.

encontrou cartas e um sumário, feitos pelo pároco Antônio Alves de Carvalho da Freguesia de Cabrobó<sup>29</sup> e que estavam endereçadas ao bispo de Pernambuco. Após ler todos os documentos que comprovavam suas culpas, largou os papéis e continuou o caminho para o sertão ficando por lá durante algum tempo escondido até poder seguir caminho para os sertões baiano.

Entretanto, antes de deixar Pernambuco, o falso Iguareta conheceu o Frei José de Freixes, um religioso da ordem de São Bento, Procurador Geral do Convento de Nossa Senhora do Moncarrate no Reino da Catalunha e indivíduo natural do Reino de Castela. O frei trazia consigo uma grande quantidade de papéis impressos que comunicavam as indulgências e graças espirituais a Senhora do Moncarrate. Com a posse de tais papéis, Januário conseguiu arrecadar algumas esmolas contando e espalhando mentiras por onde passava.

Foi acreditando nas mentiras que contava o falso frei Iguareta, que João de Aguiar Vilas Boas deixou que o falso frei permanecesse durante algum tempo residindo em seu engenho. Januário nos revela em sua confissão, que foi por meio desse dono de engenho que ele obteve a medalha de familiar que as testemunhas arroladas no sumário contra João de Souza Pereira revelam ter visto em seu pescoço. A medalha<sup>30</sup> recebida pertencia ao falecido pai de João de Aguiar que foi Familiar do Santo Ofício e foi entregue a Januário após o dono do engenho aceitar ser irmão e seguidor da Ordem de Nossa Senhora do Moncarrate<sup>31</sup>.

### **1.3. Um falso familiar no sertão de Jacobina e a prisão de João de Souza Pereira**

Com a medalha<sup>32</sup> do falecido familiar, pai do senhor de engenho João de Aguiar, no pescoço Januário, o mesmo passou, a intitular-se algumas vezes como comissário e outras como familiar da Santa Inquisição. Para ocupar tais cargos era necessário ser aprovado no processo de habilitação. Lembramos que Januário não era habilitado para exercer nenhum dos cargos.

Segundo Francisco Bethencourt, a rede da qual faziam parte os familiares inquisitoriais era “[...] formada por membros civis que apoiavam a ação dos tribunais,

---

<sup>29</sup> Atual município de Exu em Pernambuco.

<sup>30</sup> Também chamada de venera, era uma insígnia usada pelos agentes inquisitoriais após serem aprovados nos processos de habilitação do Tribunal do Santo Ofício.

<sup>31</sup> ANTT. Fl. 40 v.

<sup>32</sup> Esta medalha de familiar usada por Januário é citada nos depoimentos de Joseph Gonçalves, Bartholomeu Martins Ferreira, João de Deus dos Santos, Pedro da Silva Brito, João de Barros Rego, Antônio Ramos, João Batista Neves e Manoel Carvalho de Souza. As testemunhas relatam que Januário apresenta a medalha de Familiar como se fosse sua.

gozando de certos privilégios, nomeadamente licença de porte de armas, isenção de impostos, isenção de serviço militar, indulgência plenária e funções de representação [...]”<sup>33</sup>. A procura por esse cargo cresceu, principalmente no início do século XVIII. Para Bomfim,

[...] o aumento de agentes inquisitoriais ocorreu destacadamente em função da busca da “legitimação” de uma ascensão “estamental” do que em relação ao crescimento repressivo do Tribunal. Esse crescimento impulsionado pela pretensão de mais status ocorreu majoritariamente no seio do setor mercantil<sup>34</sup>.

A ascensão social era o principal motivo pelo qual muitos se candidatavam no processo de habilitação para Familiar. Esta função era comunmente ocupada por comerciantes, negociantes e lavradores que atuavam nos confiscos de bens, notificações, prisões, condução e transporte de réus. Em suas andanças pelos sertões, acabou chegando até a região chamada de Santo Sé<sup>35</sup>. Logo que os moradores souberam do cargo que o falsário dizia exercer, inúmeras denúncias e culpas que envolviam o Santo Ofício começaram a chegar até Januário, que foi recebendo todas elas como se realmente fosse um funcionário inquisitorial. Dentre elas, destacou-se as acusações feitas por algumas pessoas a um fazendeiro e lavrador de mandiocas de nome João de Souza Pereira.

Nos depoimentos, algumas testemunhas o acusavam de açoitar por diversas vezes a imagem de Jesus Cristo pregado num crucifixo, atitude que teria sido vista pela sua falecida esposa Dona Ignacia Maria do Sacramento e uma de suas escravas. De acordo com as denúncias, João de Souza Pereira seria o assassino da própria esposa, pois tinha medo que ela viesse a denunciá-lo para o Tribunal do Santo Ofício. O acusado teria se livrado da esposa ao envenená-la e para não ir para a prisão teria subornado, com uma grande quantidade de dinheiro, um juiz secular da Vila do Pilão Arcado<sup>36</sup> para encobrir o crime.

Tomando ciência da denúncia e da oportunidade que surgia para praticar mais delitos, Januário reúne uma determinada quantidade de pessoas e parte do local conhecido como Aldeia indo até a casa e as terras de João de Souza na Freguesia de Jacobina, prendendo-o em nome do Santo Ofício. Os bens de João de Souza que foram por Januário sequestrados foram depositados nas mãos de Bartolomeu Martins<sup>37</sup>, porém nosso falso frei apossou-se da quantia de 56 mil reis que foram utilizados para manter os gastos feitos ao longo do percurso da

<sup>33</sup> BETHENCOURT. Op. cit, p. 54.

<sup>34</sup> BOMFIM. Op. cit, p. 104.

<sup>35</sup> Uma das localidades que estava sob a jurisdição da Comarca de Jacobina. Atualmente é um município no norte da Bahia.

<sup>36</sup> ANTT. Fl. 41 v. É atualmente o município baiano de Pilão Arcado.

<sup>37</sup> Idem. Fl. 9 v. A testemunha relata que havia visto uma notificação que continha a assinatura de Januário dizendo ser ele o Comissário Geral do Santo Ofício nos Estados do Brasil.

Comarca de Jacobina até a cidade de Salvador. Outros bens do fazendeiro foram entregues por Januário ao Procurador do Fisco por ordem do comissário Antônio Rodrigues Lima<sup>38</sup>.

Durante o percurso até a cidade de Salvador, percebeu que precisava embasar melhor as denúncias que pesavam contra o fazendeiro João de Souza e como solução, introduziu uma partícula dizendo ser consagrada em um pequeno relicário de ouro que pertencia ao preso conduzido por ele. Ao longo do trajeto, algumas pessoas que acompanhavam Januário e serviriam como testemunhas usadas para acusarem o fazendeiro foram deixando de seguí-lo devido ao longo percurso (mais de 300 km) que vinham há muito tempo fazendo.

Podemos perceber o longo tempo que levou desde a prisão e confisco dos bens de João de Souza até a entrega do mesmo ao comissário pelas datas mencionadas ao longo do processo. De acordo com o depoimento de João de Deus dos Santos<sup>39</sup>, o fazendeiro teria sido preso no dia 23 de setembro de 1739. Segundo o relato de Januário em sua confissão, no dia 8 de novembro<sup>40</sup> do mesmo ano, ele teria chegado até a casa do comissário entregando o preso acorrentado. Ao todo foram gastos cerca de um mês e 17 dias de viagem de Jacobina até a cidade de Salvador.

A confissão de Januário nos traz diversas informações referentes as suas ações expondo alguns outros crimes cometidos ao longo da viagem. Segundo ele, ao fazer um inventário, provavelmente de todos os bens do fazendeiro, chegou um indivíduo de nome Phelipe de Santiago que é citado algumas vezes nos depoimentos das testemunhas. Este homem seria um primo de João de Souza que queria livrá-lo da prisão e para tal levou consigo dois sargentos, um tenente de cavalos e alguns soldados, porém “[...] vendo a muita quantidade de gente que o guardava revendo lhe socedesse mal se retirou sem fazer causa alguma [...]”<sup>41</sup> ficando o fazendeiro nas mãos de Januário.

Logo, tratou de fazer uma notificação de culpas, dizendo ser da parte do Santo Ofício endereçada a Phelipe de Santiago que deveria comparecer no local indicado para dar explicações de quais eram os motivos que teria ele mandado os oficiais para soltar o preso João de Souza. Assim que tomou conhecimento de que já o procuravam, Phelipe tratou de fugir. Após retornar para casa, o homem descobriu que uma notificação que o intimava a prestar esclarecimentos foi entregue a sua esposa. Phelipe, então, pediu que um homem de nome Manoel da Costa fosse até o falso familiar e lhe dissesse que rasgasse o termo de

---

<sup>38</sup> Cônego, desembargador da Relação Eclesiástica e visitador episcopal.

<sup>39</sup> Fl. 10.

<sup>40</sup> Fl. 46 v.

<sup>41</sup> Fl. 43.



notificação, pois não se via obrigado ir até a Bahia para esclarecer as motivações de suas ações.

Em sua passagem por Saco de Arara, Januário lembrou-se que na comitiva que o acompanhava estava um ferreiro<sup>42</sup>, o qual o nome não lembrava, que foi durante muitos anos vizinho do fazendeiro acusado. Chegando em Tamanduá, lugar não tão distante de Saco de Arara, Januário buscando, de certa maneira relembrar as acusações que recaíam sobre o preso, prendeu o tal ferreiro, ouviu seu testemunho, fez auto de testemunhas e logo após solto-o. Em seguida, continuou o trajeto acompanhado de muitas pessoas, cerca de vinte e cinco a trinta indivíduos.

No decorrer da viagem, Januário exibia o relicário para que as testemunhas o vissem como uma forma de relembrar as culpas de João de Souza Pereira. Chegando a Vila de Água Fria<sup>43</sup> fez novas notificações para que mais pessoas pudessem acompanhá-lo. Dentre as pessoas que foram notificadas estava Manoel Alves<sup>44</sup> que ensinava crianças numa escola localizada na dita vila. O homem relutando em segui-lo, fugiu. Porém, não tardou para que fosse encontrado e o acompanhasse no caminho.

Depois de caminhar por cerca de duas ou três léguas, o falso familiar, notou que Manoel Alves havia se ausentado novamente da comitiva e decidiu buscá-lo e o encontrou escondido em Orizangues<sup>45</sup>. Retornando com o fugitivo, Januário acabou por se instalar no engenho da Pojuca, hospedando-se na casa do Capitão José Pereira. Após instalar-se, convocou toda a comitiva e relatou sobre a fuga de Manoel Alves que foi absorvido da excomunhão através do ritual romano, deveria ainda comparecer nu na Igreja de Orizangues durante três dias santos sucessivos. Esta foi a penitência imposta por Januário.

Manoel Alves não foi o único a fugir da comitiva, algumas pessoas começaram a fugir e dentre as que escaparam somente três foram encontradas e absorvidas da excomunhão. A punição para aqueles que não foram encontrados seria a excomunhão que foi escrita por Januário e enviada para os párocos e os capelães das aldeias e povoações onde residiam estes fugitivos.

Depois de muitos dias de viagem conseguiram chegar até um porto, não se sabe o qual, onde deveriam pegar uma embarcação com destino a Bahia, porém o navio não estava pronto. Decidido a resolver a situação, Januário usou da autoridade e do poder que ele exercia, por se fazer passar por familiar, e conseguiu amedrontar alguns barqueiros que

---

<sup>42</sup> Fl. 44.

<sup>43</sup> Município baiano.

<sup>44</sup> Fl. 45.

<sup>45</sup> Atualmente é o município de Ouriçangas na região centro norte da Bahia.

levaram toda a comitiva numa embarcação para a Cidade de Salvador no início de novembro de 1739.

Por volta das onze horas da noite, o Comissário Antônio Rodrigues Lima recebeu em sua casa Januário de São Pedro que lhe entregou o preso João de Souza Pereira acorrentado e trazido de Jacobina juntamente com as testemunhas, os sumários e as diligências, além de um relicário com a falsa partícula consagrada. Sem entender o que estava acontecendo, o comissário mandou que o preso fosse conduzido até o Convento de São Francisco e entregue aos cuidados do padre guardião do mosteiro. Após entregar o preso no convento, Januário estabeleceu-se numa casa na Cidade de Salvador onde permaneceu por alguns dias.

#### **1.4. Januário versus Santo Ofício**

Na noite seguinte ao episódio relatado, um homem que se identificou como sendo um meirinho deu voz de prisão por parte do Governador da cidade ao frei falsário e o levou para a cadeia pública. Em seguida foi conduzido pelo mesmo meirinho, para os cárceres no Convento de Santa Tereza dos padres carmelitas. Aprisionado e encurralado, percebeu que suas aventuras e crimes haviam sido todos descobertos. A solução para livrar-se de seus crimes foi lançar-se “[...] de uma janela abaixo a qual por ficar demasiadamente alta de outra, queda tão grande que quebrou uma perna, e um braço [...]” ficando, assim, com a saúde gravemente debilitada, permanecendo durante alguns meses acamado<sup>46</sup>.

Após melhorar o quadro de saúde, o falsário confessou-se ao comissário Antônio Rodrigues Lima e em seguida foi mandado para os cárceres do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa. Depois de passar por alguns interrogatórios, o seu processo foi concluído no dia 30 de maio do ano de 1741. Na admoestação produzida em 20 de abril de 1741, antes da publicação da sentença de Januário de São Pedro, o escrivão retomou alguns relatos das testemunhas que foram ouvidas pelo Vigário Francisco Ferreira, entretanto, neste documento das treze testemunhas duas não foram mencionadas: Joseph Gonçalves (criador de gados) e Esperança (uma das escravas de João de Souza Pereira).

A sentença de Januário foi lida num auto-de-fé<sup>47</sup> no dia 18 de julho de 1741 na Igreja do Convento de São Domingos em Lisboa. Estavam presentes neste auto-de-fé o rei Dom

---

<sup>46</sup> Fl. 46 v.

<sup>47</sup> O sermão geral ou auto-de-fé era uma cerimônia pública que demonstrava para os telespectadores o poder que a Igreja possuía e o quanto seria punido aqueles que fossem considerados hereges.

João V, o príncipe e os infantes Dom Pedro e Dom Francisco<sup>48</sup>. Sua condenação dizia que deveria fazer a abjuração<sup>49</sup> de veemente<sup>50</sup>, cumprir dez anos para as galés com degredo para a Vila de Castro Mirim<sup>51</sup>, estava inabilitado para nunca receber ordens e cumprir penitências espirituais.

Sobre a pena de galés, Novinsky, retrata que eram “[...] uma forma econômica de castigo, pois os Tribunais não precisavam manter os penitentes na prisão e o Estado não precisava contratar remadores. As galés eram uma espécie de pena de morte lenta”<sup>52</sup>. O regimento de 1640 já retratava a respeito das penas aplicadas aqueles que fingissem serem ministros ou oficiais do Santo Ofício. O livro III deste regimento evidencia que:

[...] serão condenados a que vão ao Auto da Fé, a ouvir sua sentença e não farão abjuração; salva se do crime resultar também culpa contra a Fé; e sendo pessoa vil, terá penas de açoites e degredo, as quais poderão moderar, conforme a qualidade dos réus e circunstâncias que diminuirão degredo e as mais penas arbitrárias, que parecer aos inquisidores; e uns e outros restituirão por partes tudo que tiverem levado<sup>53</sup>.

Deste veredito, apenas o tempo de galés foi questionado. A pena de açoites como aparece no regimento não foi aplicada no caso de Januário. Um dos deputados presentes alegava que o tempo das galés fosse de oito anos, uma vez que, desde sua chegada Januário mostrava-se arrependido dos crimes que cometeu. Após três anos da leitura da sentença no auto-de-fé, foi feita uma petição em nome de Januário de São Pedro solicitando aos inquisidores do Santo Ofício que aliviassem a pena das galés. De acordo com a documentação, o condenado dizia-se estar com a perna machucada, o ventre inchado, sentindo dificuldade para andar e com suspeita de ser hidrópico<sup>54</sup>.

Alegando estar com a saúde frágil e debilitada, Januário recebe a visita do médico Antônio da Costa Falcão e do cirurgião Manoel Gomes da Paz enviados pelos inquisidores para que o analisassem. Após examiná-lo, os profissionais constataram que seu ventre estava inchado, o ombro esquerdo estava deslocado e a perna esquerda quebrada. Para o cirurgião, Januário fingia que era paralítico da perna direita, porém não pode comprovar nem averiguar

---

<sup>48</sup> Fl. 93.

<sup>49</sup> É o ato de expressão pública e formal do arrependimento do penitente, de recusa das heresias cometidas e de compromisso renovado com a Igreja Católica.

<sup>50</sup> Esta abjuração se dava quando havia no réu uma forte presunção de heresia.

<sup>51</sup> Fl. 100. Vila portuguesa situada na região dos Algarves.

<sup>52</sup> NOVINSKY. Op. cit, p. 63-64.

<sup>53</sup> REGIMENTO DE 1640. Livro III, tit. XXI. In: RODRIGUES, Aldair Carlos. *Sociedade e Inquisição em Minas Colonial: Os familiares do Santo Ofício (1711 – 1808)*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, p. 74.

<sup>54</sup> Inchação ou tumor localizado no ventre, nas pernas e em outras partes do corpo.

melhor por que o mesmo estava acamado com febre alta. O médico e o cirurgião emitiram seus pareceres para o tribunal e em 27 de março de 1744 saiu o parecer final com o posicionamento dos inquisidores sendo favorável à redução da pena de galés. De acordo com os inquisidores Francisco Mendo Frigor e Simão José Silvério Lobo, Januário deveria ser remetido do Convento de São Domingos na Cidade de Elvas<sup>55</sup> para o Convento de mesmo nome na Cidade de Badajoz<sup>56</sup>.

No entanto, o que os inquisidores decidiram não ocorreu porque no dia 24 de outubro de 1744 por volta das oito horas da manhã perceberam que Januário havia desaparecido. Após realizar a transcrição e análise documental, não identificamos nenhuma pista de qual teria sido a maneira utilizada pelo falso frei para fugir dos cárceres e o que poderia ter ocorrido com ele após a tal fuga. Podemos apenas, a partir da transcrição e da análise do processo, levantarmos algumas hipóteses.

Januário poderia ter tido algum tipo de ajuda que teria facilitado sua saída do convento, já que o mesmo dizia estar com a saúde debilitada. O fugitivo poderia ter subornado algum padre ou até mesmo um carcereiro que viabilizou sua saída de Elvas sem maiores dificuldades. O que mais intriga é tentar entender de que maneira um indivíduo com o ventre inchado, um braço deslocado e com dificuldades para andar teria saído sem chamar atenção. Teria ele fingido que não poderia andar? Cabe ressaltar que Januário era formado em medicina então ele poderia de alguma forma ter forjado os sintomas da doença. Levantamos apenas questionamentos, pois o processo não nos permite descobrir informações a respeito de sua fuga. Tais indagações somente poderiam ser confirmadas com o auxílio de outra documentação que, infelizmente, não foi por nós encontrada.

---

<sup>55</sup> Cidade portuguesa localizada no distrito de Portalegre na região do Alentejo.

<sup>56</sup> Cidade localizada na Espanha.

## CAPÍTULO 2 - OS SERTÕES NA AMÉRICA PORTUGUESA

A discussão historiográfica contemporânea tem trazido à tona importantes subsídios a respeito da sociedade colonial brasileira, destacando-se os debates que estão para além da análise das atividades econômicas desenvolvidas pautadas na pecuária, no comércio e na mineração na região da Bahia no período aqui estudado. Como discutem alguns autores, além da corrida do ouro, um outro fator determinante para o crescimento populacional colonial no século XVIII, seria a dispersão das fazendas de gado com a expansão dos pastos.

De acordo com Caio Prado, grande parte dos indivíduos que se estabeleceram na América portuguesa vieram para cá fugindo das inquietações e mudanças pelas quais passavam a Europa. Segundo o mesmo autor, os colonos que vinham do continente europeu objetivavam

[...] construir um novo mundo, uma sociedade que lhes ofereça garantias que no continente de origem já não lhes são mais dadas. Seja por motivos religiosos ou meramente econômicos [...]. Procuram então uma terra ao abrigo das agitações e transformações da Europa, de que são vítimas, para refazerem nela sua existência ameaçada. O que resultará desse povoamento, realizado com tal espírito e num meio físico muito aproximado do da Europa, será naturalmente uma sociedade que, embora com caracteres próprios, terá semelhança pronunciada à do continente de onde se origina<sup>57</sup>.

Esses colonos esperavam que na Nova Colônia pudessem refazer suas vidas. Para muitos era a oportunidade de buscar novos meios de enriquecer e ainda professar sua religião longe dos olhos da inquisição. Para Wehling, o colonizador branco português

[...] reproduziu na Colônia a sociedade estamental de onde provinha, adaptando-a às novas condições. Trouxe seus valores, sua organização jurídica hierarquizada, suas regras familiares (casamento, filiação, sucessão), patrimoniais (posse, administração dos bens) e obrigacionais (contratos, execução de dívidas, responsabilidade civil) [...].<sup>58</sup>

Cada colônia possuía suas particularidades, mas eram fundadas a luz e semelhança da Metrópole que a controlava. Tanto Héli da Santos Conceição, em *Pedro Barbosa Leal e a Colonização do sertão da Bahia no século XVIII*, quanto Caio Prado Júnior, em *Formação do Brasil Contemporâneo*, nos revelam que os principais fatores determinantes no processo de

<sup>57</sup> PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 24.

<sup>58</sup> WEHLING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 223.

penetração e povoamento do interior da colônia está diretamente ligado a exploração das minas de ouro que empurrou o homem para dentro do sertão dentre tais regiões e localidades mineradoras destacam-se as “[...] da Chapada Diamantina, concentrada em dois pontos principais: Jacobina e Rio de Contas”<sup>59</sup>. Essa região seria a produtora de uma “[...] base da produção de gêneros tropicais e metais preciosos para o fornecimento do mercado internacional”<sup>60</sup>, a qual hoje chamamos de sertão.

As vias de penetração pecuarista marcada pelos “[...] ‘sertões de dentro’, pelo eixo do São Francisco, e os ‘sertões de fora’, pelo litoral”<sup>61</sup> trazia além da circulação de mercadorias entre as localidades um grande fluxo de pessoas. As terras da Vila de Jacobina eram, no século XVIII, um local de criação e venda de gado, tornando-se uma zona de intensa circulação de produtos, indivíduos e objetos. Sobre o fluxo e circulação nas minas podemos destacar que “[...] em vinte anos mais de 20 mil brancos e 80 mil escravos foram trabalhar nas regiões mineradoras”<sup>62</sup> como aponta o historiador Schwartz.

Sobre suas terras e sua geografia podemos destacar que

A largueza de seus campos entre as serras, a abundância de água em seus rios e fontes, a fertilidade de suas planícies e a formação rala de sua vegetação fazia do Sertão das Jacobinas um lugar propício para a expansão da pecuária e a instalação de fazendas, posto que o estabelecimento dos currais dependia da disponibilidade de pastos e água, bem como dos campos e seus recursos naturais<sup>63</sup>.

Os produtos que ali eram produzidos seguiam por rotas comerciais internas que abasteciam a cidade de Salvador e outras localidades. A descoberta do ouro na região aguçou o desejo de aventura e obtenção de riqueza de vários indivíduos em diferentes províncias e cidades da metrópole e principalmente da colônia. A cobiça da Coroa portuguesa por este metal vinha desde o século XVI, porém até encontrá-lo levou-se um longo período.

A respeito do ouro que saíam das minas da colônia, Schwartz revela que em “[...] 1701, chegaram a Lisboa 1090 quilogramas de ouro, em 1704, a qualidade superou 4 mil quilogramas”<sup>64</sup>. Assim sendo, inúmeros eram os benefícios que as minas de ouro acarretariam

---

<sup>59</sup> PRADO JR. Op. cit, p. 65.

<sup>60</sup> PRADO JR. Op. Cit, p. 214.

<sup>61</sup> WEHLING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 121.

<sup>62</sup> SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos: engenho e escravos na sociedade colonial (1550 – 1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 166.

<sup>63</sup> SANTOS, Solon Natalício Araújo dos. Os Payayá e suas relações de contato no Sertão das Jacobinas (1651 – 1706). In: SILVA, Geraldo Antônio da. *As embrulhadas de Jacobina nunca terão fim: criminalidade e justiça na vila de Jacobina (1720 – 1743)*. Monografia em História UNEB, 2014, pg. 15.

<sup>64</sup> SCHWARTZ. Op. cit, p. 166.

para a Coroa, entretanto, logo os seus malefícios seriam descobertos e causariam fortes dores de cabeça ao monarca português.

Quando a notícia da descoberta das minas se espalhou pela colônia e a corrida do ouro iniciou-se, começou a ocorrer um deslocamento de pessoas para a região do sertão com o intuito de enriquecer ao encontrar o *el dourado*, entretanto, acabaram por fixarem-se e povoarem a região próxima as minas.

O historiador Caio Prado, a respeito deste deslocamento nos revela que “[...] ocupavam-se novos territórios até então desertos, abandonavam-se outros já devassados; a população refluía de um para outro ponto, adensando-se nalguns, reduzindo-se em outros”<sup>65</sup>. Assim sendo, a mineração acabou empurrando o homem para dentro do sertão.

As linhas e vias de comunicações estabelecidas, em fins do século XVII e ao longo do século XVIII, serviram inicialmente para abastecer o mercado de carne do litoral, entretanto estas assumiriam uma outra função de grande relevância para a formação da sociedade brasileira. Foram através de tais vias e caminhos que o sertão pode comunicar-se e colocar-se em contato com a região litorânea. A partir da abertura de caminhos e estradas foi

[...] possível a fiscalização das minas da serra da Tromba, a cobrança do quinto e o efetivo escoamento do ouro com a segurança e a rapidez possíveis. Por ter sido uma obra determinada pelo rei de Portugal, a primeira estrada aberta no interior da Bahia, ligando as duas minas, ficou conhecida como Estrada Real<sup>66</sup>.

A estrada Real fazia a ligação entre Jacobina e Rio de Contas, duas vilas mineradoras, e tinha como tarefa proporcionar o rápido deslocamento do ouro que era extraído. Este caminho possibilitava, ainda a fixação de populações ao longo do seu curso, a estrada acabou por ligar fazendas e povoações, principalmente aquelas que forneciam a carne do gado.

A criação de estradas e caminhos proporcionou uma maior circulação de pessoas, produtos e objetos o que fortaleceu, conseqüentemente, as relações comerciais internas e externas da colônia portuguesa na América. Podemos caracterizar, o comércio colonial no século XVIII, ocorrendo em três diferentes planos. O primeiro era o comércio local que estava voltado para a produção de gêneros agrícolas de subsistência que garantiria o alimento das populações que haviam se estabelecido no sertão.

O segundo ocorria entre diferentes regiões tendo como eixo principal a região mineradora do centro da colônia que ligavam-se pelas rotas comerciais ao Norte, Sul e ao que

---

<sup>65</sup> PRADO JR. Op. cit, p. 73.

<sup>66</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. *Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistemas viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. [et. al.] – Editora Arcadia, 2007,p.79.

hoje chamamos de região Nordeste do país. Este comércio inter-regional acontecia da seguinte maneira: as minas enviavam para o sertão e os portos ouro e diamantes e recebia destes a carne do gado, escravos e produtos manufaturados. No comércio marítimo atlântico, a colônia, enviava os gêneros tropicais, ouro e diamantes para a metrópole recebendo desta produtos manufaturados e da costa africana vinham a principal mão-de-obra utilizada nos trabalhos coloniais: os africanos escravizados.

## 2.1. A Vila e Comarca de Jacobina

Nos fins do século XVII e principalmente na primeira metade do século XVIII a América Portuguesa, principalmente as regiões da Bahia e Minas Gerais, tornaram-se palco das descobertas de minas de ouro que atraíram diversos olhares. As preocupações da Coroa fizeram com que a liberação da extração de ouro não fosse de imediato aprovada, porém, no ano de 1720, o Vice-Rei, Vasco Fernandes César de Menezes<sup>67</sup>, consegue do monarca a autorização para explorar.

A inexistência de um aparato administrativo que coibisse a extração ilícita fizeram com que o governo português buscasse como solução a criação de uma vila com o intuito de resolver os problemas daquela região. Em carta régia de 05 de agosto de 1720 o monarca retrata que

Fui servido permitir se continue a minerar nas minas de Jacobina, sem embargo das ordens contrárias e ordeno-vos (como por esta faço) que chegareis a Bahia mandeis o corregedor da comarca por seu Ministério que vos parecer ai dito sítio da Jacobina para nele se estabelecer uma vila com seu Magistrado e se informará bem das qualidades das minas e da forma com que lavram, fazendo uma exata e [precisa] informação que com seu parecer nos remeterá e tudo me dareis conta [...] <sup>68</sup>.

A vila, acima citada, foi fundada em 1722 na Missão de Nossa Senhora das Neves no sítio do Saí, tinha como objetivo central promover a atuação de um governo eficiente tanto no âmbito local e regional, garantir a administração da justiça e a aplicabilidade das leis fazendo-

---

<sup>67</sup> Seguiu a carreira de militar e era de família com tradição na burocracia portuguesa recebendo o título de Conde de Sabugosa em 1721.

<sup>68</sup> Carta régia de 5 de Agosto de 1720 citada em SILVIA & AMARAL. In: VASCONCELOS, Albertina Lima. *Ouro: conquistas, tensões, poder, mineração e escravidão – Bahia do século XVIII*. Tese de Mestrado em História. São Paulo: [s.n.], 1998, p. 75.



se cumprir as obrigações reais da fé. Com a criação da Vila, Jacobina<sup>69</sup> estaria sendo moldada de acordo com os aparatos administrativos da metrópole. A Coroa almejava assegurar a cobrança dos impostos e dos quintos que não eram pagos com a extração ilegal, além de proporcionar o desenrolar da vida civil e garantir a obediência de seus súditos que ali residiam. Com a instalação de vilas seriam levados a “[...] civilização e progresso às colonizações rústicas do sertão”<sup>70</sup> de acordo com o historiador Charles Boxer.

A vila foi fundada pelo então Coronel Pedro Barbosa Leal<sup>71</sup> atendendo as ordens de Vasco Fernandes César de Menezes, Vice-rei e Governador. A justificativa de Barbosa Leal para a escolha do local foi de que:

[...] pôr a vila no sítio da Missão do Sahy de Nossa Senhora das Neves para ficar vizinho a estrada geral das boiadas do Piaguihy [...] Rio de São Francisco, e mais sertão que vem buscar o pé da serra da Jacobina, aonde se faz feira de gados pelos moradores da mesma Jacobina, de que hoje se sustenta não só a povoação dos moradores, senão todas as minas; e porque por esta estrada, entram, e saem os moradores e tratantes, e sairão todos os que comerciarem e minerarem nas minas que há, [...] <sup>72</sup>.

Através da justificativa de Barbosa Leal pode-se perceber a importância do local escolhido para facilitar a comunicar, a entrada e saída de produtos pela estrada que ficava próxima ao sítio do Saí. No ano de 1717, em carta ao vice-rei Marquês de Angeja, o monarca relata sobre as informações referentes as terras de Jacobina e suas riquezas. Neste documento o rei diz ser informado de que:

[...] a terra da Jacobina que dista desta cidade setenta léguas pelo sertão a dentro, é povoada há muitos anos de moradores com muitos Currais de éguas e gados [...] em que há algumas aldeias de gentio que missionam os frades franciscanos e uma vigararia que compreende e toda a barra do rio São Francisco e se compõem de mil e quinhentos fogos e que já alguns anos se abriram na dita parte minas de bom ouro e se vão continuando, tendo acudido a elas de São Paulo bastante gente, e é notório haver ali bom cristal branco, e que risca vidro, e também ametistas [...] <sup>73</sup>.

---

<sup>69</sup> Foi, antes mesmo de sua elevação a categoria de vila e posteriormente comarca, a Freguesia de Santo Antônio de Jacobina datada do ano de 1682 com sede erigida onde hoje é a cidade de Campo Formoso e que no passado era um local conhecido como Jacobina Velha.

<sup>70</sup> BOXER, Charles R. *A Idade Ouro do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 168.

<sup>71</sup> Foi Capitão de Infantaria em 1691, senhor de engenho e sesmeiro entre os rios Sergipe e Japarutuba.

<sup>72</sup> AHU, Bahia Avulsos, cx. 12, doc. 111. Carta do [Vice-rei e governador-geral do Brasil] Vasco Fernandes César de Menezes ao Rei [D. João V] comunicando as diligências sobre os particulares de Jacobina. In: IVO, Isnara Pereira. *Homens de Caminhos: Trânsitos, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa – século XVIII*. Tese de doutorado em História. FAFICH, 2009, p. 27.

<sup>73</sup> APEB. Carta do rei ao vice-rei Marquês de Angeja de 17 de agosto de 1717. Citada por EDERWEIS, Frederico. Os primeiros vinte anos de extração de ouro documentada da Bahia. In: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. *Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia*. Salvador, v.4, p. 178-179.

A carta evidencia a existência de vários currais e fazendas com criação de gado, além de mencionar as aldeias indígenas que estavam sob a direção dos religiosos da Ordem de São Francisco. Com este mesmo documento podemos perceber a quantidade considerável de habitações em Jacobina por volta de 1717 que começava a ganhar destaque pela produção mineral e até mesmo a descoberta de diamantes.

Segundo a historiadora Isnara Ivo, a escolha do sítio do Saí para que fosse edificada a Vila de Jacobina foi selecionado pelo Coronel Pedro Leal por ser uma localidade que facilitava “[...] a ação do fisco em uma região cujo movimento do comércio de gado já era intenso, assim como o trânsito de pessoas e produtos vindos de diversas regiões e direcionadas para outras capitanias [...]”<sup>74</sup>. Entretanto, a decisão de Leal acabou desagradando alguns “homens da terra”.

Dentre os descontentes estavam Manoel Garcia D’Ávila e alguns mineiros que enviaram cartas ao monarca pedindo a transferência da sede da vila. O rei Dom João V, em carta enviada ao Vice-Rei do Brasil pediu que o mesmo fosse averiguar a situação exposta por Garcia D’Ávila. Meses mais tarde, por ser distante das minas de ouro, essa vila viria a ser transferida para a Missão do Bom Jesus da Glória<sup>75</sup> pelo então ouvidor geral da Comarca da Bahia, Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira.

Essa região ganhou destaque a partir das descobertas de suas minas fazendo com que a localidade necessitasse de um estabelecimento da administração mais acentuada por parte do governo e sua elevação a categoria de Comarca mostra bem essa questão. Estavam sob a sua jurisdição, as vilas de Nossa Senhora do Livramento do Rio das Contas<sup>76</sup>, Nossa Senhora do Bom Sucesso, Santo Antônio, os julgados do Santo Sé e Pambu; além dos termos do Saí e Juazeiro.

As aldeias ou missões de índios existentes estavam sob a administração dos religiosos antoninos do Convento de São Francisco, localizado em Salvador, e dos padres capuchinhos italianos<sup>77</sup>. Quando sua Ouvidoria foi criada em 10 de dezembro de 1734, Minas Novas e parte

---

<sup>74</sup> CONCEIÇÃO, Héli da Santos. Pedro Barbosa Leal e a colonização do sertão da Bahia no século XVIII. XXVII *Simpósio Nacional de História* (ANPUH). Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013, p. 50.

<sup>75</sup> Atualmente é conhecida como Capela do Bom Jesus da Glória localizada em Jacobina e que fica próxima do vale do Rio Itapicuru-mirim.

<sup>76</sup> Rio das Contas está localizado no centro-sul da Bahia.

<sup>77</sup> CALDAS, José Antônio. *Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1951 [edição Fac-Similar de 1759], p. 58, 69, 98, 153 e 156.

do Serro do Frio já estavam sob a alçada de Jacobina. Na prática, segundo Vieira Filho, “[...] tudo fora da jurisdição da Capitania da Bahia e de Sergipe, era Comarca de Jacobina [...]”<sup>78</sup>.

Durante anos a Coroa tentou de diversas maneiras impedir a extração de ouro na região de Jacobina através de ordens e resoluções que mostravam “[...] a preocupação da Coroa Portuguesa com as constantes levadas de mineiros e exploradores que para aquela região se dirigiam”<sup>79</sup>. “A descoberta de minas de ouro em Jacobina aumentou o fluxo de pessoas para as margens dos rios que dão acesso ao sertão no limiar do século XVIII”<sup>80</sup> como aponta a historiografia.

Os recursos utilizados pelos administradores da região foram inúmeros, numa tentativa de acabar com as desordens locais. “A mineração na forma como se estruturou a exploração e na perspectiva de ser redenção econômica e objeto de ganância de alguns, ativava disputas, discórdias e violência [...]”<sup>81</sup>. De acordo com Wehling, apesar de todas as formas de controle adotadas por parte do governo português e com a instalação de postos militares nas estradas, ou melhor, nos principais caminhos de circulação, o contrabando ainda assim ocorria prejudicando a arrecadação dos quintos reais.

Em 1703, a Coroa portuguesa proíbe a exploração das minas de ouro descobertas na Bahia, incluindo as de Jacobina, pois estas estavam causando

[...] prejuízo na lavoura, da coroa e de seus vassallos e o remédio é proibir as ditas Minas como diz o político ‘mais poderosos eram os reis de Castela no tempo que não haviam minas de prata’ [...] porque faltaram os homens para a lavoura pela ambição da prata que os levava às índias e podemos dizer que as minas são mais castigos do céus que fortunas da monarquia.<sup>82</sup>

Dentre os vários motivos para esta proibição da extração das minas, Albertina Vasconcelos salienta que o período das descobertas estava marcado por “[...] uma conjuntura de rivalidade entre as nações europeias, fornecia indicadores para a cautela e as estratégias do Rei na defesa de suas posições e conquistas. Diante do risco de perder, melhor ocultar”<sup>83</sup>. As ordens e proibições que partiam do reino prejudicavam os exploradores, mas não os impediam de continuar extraindo o ouro de maneira ilícita.

<sup>78</sup> VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. *Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX*. São Paulo: Annablum, 2009, p. 48.

<sup>79</sup> CONCEIÇÃO. Op. cit, p. 2.

<sup>80</sup> IVO, Isnara Pereira. *Homens de Caminhos: Trânsitos, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa – século XVIII*. Tese de doutorado em História. FAFICH, 2009, p. 36.

<sup>81</sup> VASCONCELOS. Op. cit, p. 192.

<sup>82</sup> AMS. DOCUMENTOS HISTÓRICOS. Cartas do Senado. 1950, v.5. (1699 – 1710). In: IVO, Isnara Pereira. *Homens de Caminhos: Trânsitos, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa – século XVIII*. Tese de doutorado em História. FAFICH, 2009, p. 38

<sup>83</sup> VASCONCELOS. Op. cit, p. 40.

Enquanto o governo português discutia se liberava ou proibia, indecisão que perdurou por quase vinte anos, as minas sofriam as consequências como é o caso, por exemplo, das minas de Jacobina que passou por “[...] um processo de esvaziamento, em 1714, devido à seca, o que gerou uma crise de abastecimento, agravada pelo descuido dos mineradores com o plantio de roças”<sup>84</sup>. A falta de chuva prejudicou a plantação da mandioca e outros gêneros alimentícios que eram consumidos pelos exploradores das minas.

Segundo Vasconcelos, no ano de 1726 teriam saído das minas de Jacobina cerca de 20.240 mil oitavas de ouro, rendimento que logo seria superado por volta dos anos de 1729/1730 quando as minas obtiveram uma retirada de cerca de 50.600 mil oitavas de ouro. De acordo com a autora, as minas de Jacobina teriam arrecado entre os anos de 1723 e 1743 um total de 152.840 mil oitavas. Entretanto, não tardou para que a mineração em Jacobina acaba-se por fracassar e perdesse a importância que outrora tivera. A extração de ouro caiu “[...] de 13.500 oitavas em 1759 para 500, dez anos depois”<sup>85</sup> segundo Wehling.

A descoberta do ouro fez com que o sertão baiano se tornasse um objeto de desejo para muitos indivíduos que buscavam fazer fortuna de maneira fácil, atraindo assim numerosos aventureiros para a região de Jacobina tornando-a um ambiente onde permeavam-se a violação das normas civis e morais que vigoravam no período. Conforme apontado por Boxer, “O Brasil, como tôdas as colônias européias, era usado, então, como depósito de lixo para indesejáveis, e como lugar de degredo para os que feriam a lei da mãe-pátria”<sup>86</sup> a distância do sertão, por exemplo, facilitava o afrouxamento e a ineficácia das ordens e autorizações que partiam tanto do governo local quanto do reino português.

O forte contrabando na região e os constantes descumprimento das leis e normas que gerenciavam a exploração das minas foram um fator decisivo nas proibições de exploração das mesmas. O fato de ser o sertão um local distante das principais esferas do poder administrativo colonial acabava possibilitando que esta região tornar-se

[...] esconderijo para refugiados da justiça civil, eclesiástica e até mesmo inquisitorial. Por conta da distância e dificuldades de locomoção é muito provável que a esmagadora maioria do Sertão da Capitania da Bahia e regiões limítrofes, não tenha recebido a visita de um só oficial da Inquisição. Isso pode ser estendido para os outros segmentos de poder na sociedade colonial. Naquele cenário, era muito mais fácil para alguém que tinha algo a esconder, manter-se protegido<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>85</sup> WEHLING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 177.

<sup>86</sup> BOXER, Charles R. *A Idade de Ouro do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 161.

<sup>87</sup> SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Para remédios das almas: comissários, qualificadores e notários da Inquisição Portuguesa na Bahia (1692 – 1804)*. Tese de doutoramento UFBA, 2009, p. 130.

Quanto mais distante ficava a localidade, mais distante estava o aparato administrativo de controle social facilitando os desregramentos. Durante anos a Coroa procurou formas de conter os crimes ocorridos e a situação de desordem que se instalava nos sertões baiano desde o século XVII e ainda ao longo do século posterior. Na sociedade colonial a violência e o crime segundo Arno Wehling:

[...] faziam parte da vida cotidiana, num grau frequentemente maior do que em outras sociedades contemporâneas. Para repressão ao crime havia duas justiças paralelas: a oficial, representada pela máquina judiciária estatal, e a privada, exercida pelos proprietários rurais em seus domínios, ou mesmo fora deles. A primeira centrava-se em poucas cidades e vilas mais importantes das capitanias, cabendo recursos que protelavam as decisões e às vezes remetiam para Lisboa. A outra, implacável, sempre irrecorável, era baseada no poder incontestado dos régulos locais e fruto do mandonismo<sup>88</sup>.

Na falta de ferramentas de controle vindas do governo entravam em ação os poderosos locais que dominavam a região. No século XVIII dava-se início a “[...] exploração das minas e a interiorização dos lusos-brasílicos pelo território colonial, praticamente obrigou a Coroa Portuguesa a tentar ordenar o fluxo de pessoas e as investidas que se faziam aos sertões”<sup>89</sup> fez-se necessário a existência de um maior controle da região e daqueles que a habitavam.

Faltava ao governador-geral do Brasil a força militar para a aplicação das ordens advindas da metrópole voltadas para o interior da colônia, principalmente quando confrontava-se com a realidade em que cada zona mineira estava inserida especialmente com o aumento da população e, no caso de Jacobina, a criação de gado bovina e equino se revelaria importante desenvolvimento econômico subsidiário.

A importância das minas de Jacobina logo reduziram-se após alguns anos. A razão para tal foi “[...] a descoberta das minas de Arassuaí (1727), as minas de Jacobina se esvaziaram, pela corrida que provocou. Os quintos de Jacobina foram-se reduzindo, motivo de constantes queixas das autoridades, até a determinação de se fechar a casa de Fundição [...]”<sup>90</sup> de acordo com Vasconcelos..

Roubo, bigamia, contrabando, feitiçaria e crimes passionais são os crimes mais comuns praticados na colônia. Os sertões funcionaram como um esconderijo para aqueles que buscavam ficar no anonimato e continuar realizando atos criminosos que iam contra os princípios que eram pregados na época pela Igreja católica.

<sup>88</sup> WEHLING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 266.

<sup>89</sup> CONCEIÇÃO, Hélida Santos. Pedro Barbosa Leal e a colonização do sertão da Bahia no século XVIII. *XXVII Simpósio Nacional de História* (ANPUH). Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013, p. 1.

<sup>90</sup> VASCONCELOS, Albertina Lima. *Ouro: conquistas, tensões, poder, mineração e escravidão – Bahia do século XVIII*. Tese de Mestrado em História. São Paulo: [s.n.], 1998, p. 125.

O sertão da Jacobina foi uma região formada por “[...] pessoas de origens distintas e distantes, trazendo consigo os mais variados e inusitados conhecimentos, crenças, práticas, sentimentos, sabores e gostos tonificaram o continente com novas cores, formas e costumes”<sup>91</sup> e evidentemente tal região, constituída por pluralidades de ideias e indivíduos, necessitava solucionar as crescentes situações de violência através da “[...] fundação de vilas e a instalação de instituições administrativas responsáveis pelo governo local”<sup>92</sup> buscando resolver a desordem civil e moral.

Portanto, podemos aqui concluir que a sociedade colonial foi marcada pelo embate de duas situações contraditórias que dinamizava o cotidiano vivido, pois

[...] de um lado, a sensação de liberdade do Novo Mundo, onde as peias sociais seriam mais frouxas, a mobilidade mais fácil, a presença do Estado mais tênue, sensação resumida na expressão que afirmava não haver pecado além do equador [...]; de outro, a moralidade repressora do barroco ibérico, bem no espírito do Concílio de Trento, que foi representada na Colônia pelos visitantes do Santo Ofício e pelos jesuítas. [...], os colonos viviam permanentemente sob a tentação demoníaca, apartando-se da religião, enriquecendo de modo ilícito e cometendo abusos sexuais<sup>93</sup>.

A colônia vivia uma dualidade muito bem definida. Existiam aqueles que buscavam encontrar a liberdade e ao mesmo tempo lutavam com demônios interiores e exteriores. A inquisição vinha exatamente para tirar da sociedade tudo aquilo que afastava os fieis das regras de convivência, os aproximavam dos hereges, os afastavam da religião e consequentemente da fé católica.

---

<sup>91</sup> IVO, Isnara Pereira. *Homens de Caminho: Trânsitos, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa – século XVIII*. Tese de Doutorado em História FAFICH, 2009, p. 25.

<sup>92</sup> IVO. Op. cit, p. 42.

<sup>93</sup> WEHLING. Op. cit, p. 223.

### **CAPÍTULO 3 - “OUVIR DIZER QUE...”: UMA ANÁLISE DE TESTEMUNHOS**

Inicialmente nos surgiram dois caminhos a seguir. O primeiro seria tomar o processo inquisitorial de José de Iguareta para analisar justamente questões ligadas a Inquisição na América Portuguesa. O outro caminho seria o de utilizar este processo como forma de analisar aspectos da sociedade na qual essa história se desenvolve. Optamos pelo segundo caminho de pesquisa. Sendo assim, o primeiro aspecto a destacar diz respeito a circulação de pessoas e ideias pela América hispano-portuguesa. Januário percorreu lugares como Quito, Chile, Tucumã, Buenos Aires, chegando até as terras pertencentes a Coroa Portuguesa na América entrando em contato com diferentes culturas e modos de convivência.

Fazendo a leitura do processo podemos perceber que esta mesma circulação de Januário ao passo que o levou a conhecer diferentes regiões e localidades, fez também com que as pessoas tomassem conhecimento de seus delitos. Do mesmo modo que as circulações das informações foram importantes para que o falsário soubesse das suspeitas acerca de João de Souza Pereira, foi também a mesma um fator decisivo para que seus crimes fossem descobertos.

Analizando o processo de Januário, percebe-se que embora Jacobina estivesse distante dos centros políticos e administrativos da coroa portuguesa, os processos econômicos e sociais ocorridos na região inseriam-na no circuito de relação colonial marcado, algumas vezes por conflitos, entre a metrópole e a colônia. Os funcionários régios como, por exemplo, Capitão-mor, Ouvidor, Juiz ordinário entre outros foram “[...] agentes de ligação entre o reino de Portugal e os domínios ultramarinos [...]”<sup>94</sup> enviados com o objetivo de administrar e controlar aquilo que dizia respeito as riquezas e as terras do governo português.

Eram os funcionários eclesiásticos sob o manto da Santa Igreja Católica Apostólica Romana que desempenhavam a função de controlar a massa da sociedade. Pregavam o respeito, a moral e os bons costumes, auxiliavam os bons cristãos em seus procedimentos e buscavam afastar da sociedade tudo aquilo ou aquele que desobedecessem às suas ordens e fossem contra os seus ideários. E era exatamente nesse contexto que a tão aterrorizante Santa Inquisição se inseria.

---

<sup>94</sup> SILVA, Augusto da. *O governo da ilha de Santa Catarina e sua terra firme: território, administração e sociedade (1738 – 1807)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013, p. 77.

### 3.1 Cristãos velhos versus Cristãos novos

A Colônia portuguesa na América era um terreno fértil para a prática dos crimes que feriam a fé e os bons costumes católicos. Independente de Jacobina encontrar-se distante dos centros políticos e administrativos que se situava em Salvador, a religião se fazia presente naquela localidade onde ser ou não um cristão velho, ir às missas e ter bons procedimentos eram um dos fatores determinantes para que o indivíduo tivesse qualidade<sup>95</sup> e fosse digno de confiança.

A avaliação da qualidade e a pureza de sangue, por exemplo, eram fatores determinantes no almejo de um cargo público. Acerca de tal questão o historiador Stuart Schwartz assinala que

Os descendentes de cristãos-novos encontravam muitas desvantagens, fosse qual fosse a ortodoxia de sua crença. Também a ilegitimidade acarretava problemas na herança do nome e de propriedades e na capacidade de ascender socialmente por meio de ingresso na carreira das armas ou em cargos públicos. A ilegitimidade e a ortodoxia religiosa da família relacionavam-se ao conceito de pureza de sangue. Embora as origens e o significado exato desse conceito sejam muito debatidos, no século XVI ele era usado para distinguir os que, racial e politicamente, enquadravam-se no ideal do português branco e cristão velho, não contaminado, como se dizia, pelas raças infectas dos “mouros, mulatos, negros ou judeus”. Quando à pureza de sangue aliava-se a fidalguia, todas as portas podiam ser abertas na sociedade<sup>96</sup>.

A suspeita de ser cristão-novo acabava colocando o indivíduo em maus lençóis. Alguns dos acusados de práticas judaizantes chegavam a ser denunciados por seus desafetos com ou sem motivos. Fatos como estes não estavam somente ligados a uma religiosidade etnocêntrica e preconceituosa. As razões de tais situações relacionam-se a aspectos mais fundamentados como, por exemplo, na participação dos cristãos-novos no comércio com a Bahia e Pernambuco. Sobre os cristãos-novos Vieira Filho revela-nos que

As origens étnicas ou religiosas eram também usadas como gradiente social. Aqueles que tivessem ancestrais ou parentes “cristãos-novos” – isto é, judeus – eram considerados religiosa ou culturalmente suspeitos e sofriam discriminações legais e financeiras. No Brasil, porém, essas limitações eram muitas vezes superadas por realizações econômicas<sup>97</sup>.

<sup>95</sup> Segundo o dicionário de Antônio Moraes Silva, a qualidade civil referia-se a alguém que a tem em razão de nobreza, do nascimento, ou da dignidade, portanto, era considerado uma pessoa de qualidade.

<sup>96</sup> SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos: engenho e escravos na sociedade colonial (1550 – 1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 211.

<sup>97</sup> VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. *Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX*. São Paulo: Annablum, 2009, p. 415.



Os anos que antecederam a instalação da inquisição na região da Península Ibérica foi um período marcado pela convivência mútua entre diferentes povos e culturas. Nessa região habitavam o mesmo solo cristão português e espanhol e alguns povos oriundos de outras regiões como foi o caso dos judeus e mouros. Entretanto, a relação de convivência entre esses povos mudaria drasticamente no final do século XV e durante a segunda metade do século XVI ocasionando perseguições e massacres que continuaram no decorrer da história.

A fome, a miséria sofrida pelo povo, as pestes, as desavenças políticas, guerras e muitos outros malés que afligiram a Espanha foram atribuídos aos estrangeiros, principalmente os judeus, que foram acusados de explorar os cristãos com seus desejos e cobiças exercendo atividades lucrativas que deveriam, de acordo com os cristãos velhos espanhóis, lhe pertencerem. Foi com o intuito de livrar a sociedade desse mal que a inquisição surgiu.

Quando a inquisição espanhola iniciou-se em 1478, atingindo seu auge no ano de 1492, não tardou para que muitos judeus fossem acusados de herege. Após serem expulsos da Espanha, os judeus se espalharam pelo mundo, porém uma grande quantidade partiu para o reino de Portugal. Os reis espanhóis, ao descobrirem que os judeus expulsos de suas terras migraram para o reino vizinho, fizeram a D. Manuel I uma proposta. Este deveria expulsar de Portugal todos os judeus para assim casar-se com a princesa Isabel, filha do rei Fernando de Aragão e Isabel de Castela.

A forte pressão que o monarca português sofreu dos reis espanhóis fizeram-no determinar um prazo para que os judeus partissem de Portugal. O rei acabou ficando em uma situação delicada já que não queria indispor-se com a coroa vizinha e muito menos com os judeus que lhe davam apoio econômico graças ao seu forte capital. Estes ainda possuíam ligações direta e indiretamente as grandes navegações que iniciaram ainda no século XV e intensificariam posteriormente. Aceitando a proposta que lhe fora feita, D. Manuel assina o decreto de expulsão dos judeus, mas de última hora batiza-os forçadamente.

A instalação da inquisição em Portugal acirrou ainda mais a perseguição aos judeus. O receio de serem pegos pelo Santo Ofício fez com que muitos deles acabassem vendo no batismo forçado a única opção de continuarem em suas terras sem perder suas posses e até a vida. Mesmo com a conversão forçada, os judeus não estavam a salvo dos olhos atentos da inquisição, muitos mantinham as aparências com ações e procedimentos de bons cristãos, mas intimamente dentro de seus lares continuavam judaizando secretamente. Fugindo do controle e perseguição do tribunal inquisitorial, os judeus começaram a migrar para a colônia de

Portugal na América no início do século XVI, intensificando esse processo migratório a partir da segunda metade desse mesmo século.

Os judeus sofrem inúmeras restrições, principalmente com o surgimento da inquisição, ficaram impedidos de ingressar na carreira eclesiástica, cargos na justiça e nas ordens militares. O indivíduo que almejasse ocupar algum cargo público teria que passar por uma avaliação da pureza de sangue que serviria principalmente para

[...] dividir a sociedade entre os homens de famílias cristã-velha, de um berço com boa base religiosa, sendo, portanto, “bons cidadãos” estando o poder sempre em suas mãos, tanto na religião ou no Estado, e os “outros”, ou seja, os infectos, que, legalmente nunca atingiriam na sociedade portuguesa cargos de prestígios, continuariam sendo vistos como párias<sup>98</sup>.

Com o impedimento do ingresso em cargos públicos, os cristãos novos passaram a dedicar-se a outras atividades como, por exemplo, agricultura e comércio. De acordo com Novinsky, no século XVII os cristãos novos estabelecidos na Bahia possuíam grandes latifúndios e numerosas propriedades. Do ponto de vista econômico, alguns se destacaram e chegaram a serem senhores de engenhos, negociantes, mercadores, comerciantes e exportadores de açúcar. Outros, no entanto, destacaram-se pela posição política que possuíam<sup>99</sup>.

Existiam ainda os que atuavam como barqueiros, alfaiates e lavradores independentes. A posição que os cristãos novos alcançaram na Bahia desagradou muitos cristãos velhos que eram seus concorrentes direto como foi o caso de Antônio Teles da Silva, Familiar da inquisição, governador e um importante mercador e concorrente de muitos cristãos novos envolvidos nas negociações e comércio de exportação de produtos.

A posição social dos cristãos novos que chegaram a fazer parte da burguesia comercial baiana afetava direta e indiretamente a vida e os negócios dos cristãos velhos que os viam como um forte “[...] concorrente, aquele que se colocava muitas vezes em posição igual à classe dominante, era o cristão novo e nas condições existentes, mistificada a mente da

<sup>98</sup> GOES, Priscilla da Silva. *A perseguição inquisitorial e o criptojudaísmo: estudo dos processos envolvendo o sargento-mor Diogo Vaz e seus familiares (1662 – 1673)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017, p. 71.

<sup>99</sup> Em seu livro “Cristãos novos na Bahia: 1624 – 1654”, a historiadora Anita Novinsky expõe alguns casos de cristãos novos que alcançaram uma posição de destaque no século XVII na Bahia tanto no plano econômico quanto no político. Dentre alguns nomes apontados pela autora estão *Mateus Lopes Franco* (comerciante filho de cristãos novos); *Diogo Lopes Ulhoa* (senhor de engenhos e homem de confiança do governandor Diogo Luís de Oliveira); *Diogo Muniz Teles* (juiz ordinário da Câmara, senhor de engenho e fidalgo de Sua Magestade); *Gonçalo Homem de Almeida* (ouvidor da Capitania do Rio de Janeiro); *Belchior Roiz Ribeiro* (senhor de engenho, mercador de açúcar, procurador da Câmara, meirinho e tesoureiro da misericórdia) entre outros.

população, nada mais fácil do que identificá-lo com o herege”<sup>100</sup>. Cristão novo e heresia andavam lado a lado.

A sociedade colonial estava marcada pela pluralidade em seus diferentes planos sendo o social o mais evidente, principalmente no que se refere a religiosidade presente na colônia. Segundo Melo<sup>101</sup>, a religião da sociedade baiana na colônia do século XVI e XVII era fortemente caracterizada pela presença de elementos da cultura cristã, negra, indígena e judaica.

Ainda de acordo com a autora, era uma sociedade marcada por um sincretismo religioso, principalmente com a mesclagem de elementos da cultura cristã com as demais. Mesmo aquele cristão velho que ia as missas, confessava-se com o pároco e que era visto pelos demais com um bom católico sempre devoto, podia ainda acreditar no sobrenatural e em superstições.

A cena descrita por Januário de São Pedro em sua passagem pelos sertões da Capitania de Sergipe D’El Rey e a menção de que o fazendeiro João de Souza Pereira usava em seu pescoço uma partícula consagrada são exemplos que elucidam a combinação do sagrado com as credences existentes no cotidiano naquela sociedade. Suzana de Melo explica que

Era muito comum entre a população simples atribuir valores sagrados a objetos do cotidiano das cerimônias religiosas, como a utilização do sanguinho [...] em bolsas de mandinga, trechos da Bíblia, palavras sacras em momentos inoportunos como nas cópulas, e outras práticas supersticiosas, todas eram inseridas dentro do universo popular<sup>102</sup>.

A cena descrita na confissão de Januário refere-se as breves da marca que servia para absolver todos os crimes de quem o portasse, entretanto, da maneira como é narrada a cena na documentação fica evidente que as tais breves foram usadas como uma espécie de amuleto da sorte que protegeria quem o usasse que, no caso relatado pelo falso padre, seria um cachorro e mais posteriormente o homem que a comprasse.

A partir da leitura da transcrição, descobrimos que o fazendeiro, João de Souza Pereira, fazia uso de uma bolsinha em seu pescoço. De acordo com os depoimentos de Antônio Ramos<sup>103</sup> e João Batista Neves<sup>104</sup>, dentro da tal bolsinha estava um agnos dei e que

---

<sup>100</sup> NOVINSKY, Anita. *Cristãos novos na Bahia: 1624 – 1654*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972, p. 59 – 60.

<sup>101</sup> MELO, Suzana Leandro de. *A religiosidade no Brasil colonial: o caso da Bahia (séculos XVI – XVII)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. João Pessoa: [s.n.], 2010.

<sup>102</sup> MELO. Op. cit, p. 62.

<sup>103</sup> ANTT. Proc. 3693. Fl. 13 v.

<sup>104</sup> Idem. Fl. 14.

Januário ao perguntar ao fazendeiro quem lhe dera aquela partícula o mesmo respondeu-lhe que recebeu do missionário da Companhia de Jesus, o Padre Gabriel Malagrida.

De acordo com o historiador Luiz Mott, “[...] todo cristão só sentia protegido se trouxesse em volta do pescoço algum tipo de talismã – os mais ortodoxos carregavam rosário, escapulário, bentinhos, medalhas milagrosas, agnus-dei e relíquias variadas [...]”<sup>105</sup>. Desconhecemos por qual motivo João de Souza usava o agnus dei ao redor do pescoço e o por que o padre Malagrida lhe deu a partícula.

### 3.2. Uma análise de testemunhos

João de Souza Pereira foi fazendeiro e lavrador de mandiocas residente na Comarca de Jacobina quando foi preso por Januário de São Pedro. Dona Inácia Maria do Sacramento, que foi esposa de João de Souza, de acordo com algumas testemunhas, teria sido morta por ter juntamente com uma escrava avistado o marido açoitando a imagem de Jesus Cristo crucificado. A suspeita de prática judaizante que recaía sobre o fazendeiro está diretamente ligada a este boato que surgiu na região.

A sociedade colonial baiana tinha no topo de sua pirâmide social os senhores de engenhos e logo abaixo deles estavam os lavradores que eram considerados, muitas vezes, como uma elite de agricultores. O historiador Stuart Schwartz, aponta a existência de três tipos diferentes de lavradores. O primeiro seria o lavrador de cana que tinha seu trabalho voltado para a plantação, produção e comércio do açúcar. Muitos foram os lavradores de cana na Bahia, dentre eles haviam padres, comerciantes, cristãos novos, oficiais militares, homem que atuavam na câmara e possuíam cargos públicos.

O segundo era o lavrador de fumo que geralmente, de acordo com o autor, seriam alguns indivíduos abastados que eram donos de grandes extensões de terras, e por fim, os lavradores de roça. Este último dedicava-se a agricultura de subsistência, plantando ou não mandiocas e outros produtos que eram vendidos no comércio local. Estes possuíam status ou riqueza inferior aos que se dedicavam ao comércio de exportação. Os lavradores de roça utilizavam uma “[...] mão-de-obra escrava em pequena escala”<sup>106</sup> defende Schwartz.

A profissão de lavrador pode ser caracterizada como uma atividade exercida por

<sup>105</sup> MOTT, Luiz. *Bahia: Inquisição & Sociedade*. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 103.

<sup>106</sup> SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos: engenho e escravos na sociedade colonial (1550 – 1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 248.

[...] qualquer pessoa que praticava a agricultura, podendo ser usada genericamente tanto para os mais humildes agricultores como para um grande senhor de engenho. Na prática, porém, o termo “lavrador” era geralmente modificado por uma especificação da cultura que o indivíduo se dedicava, e isso, por sua vez, ao menos na Bahia, também fornecia indicações sobre sua posição social<sup>107</sup>.

A partir do documento, obteve-se uma lista dos bens do João de Souza que foi sequestrado por Januário. Dentre tais bens estavam: 138 oitavas de ouro lavrado, 4 arráteis e meio de prata lavrada, 56 mil reis em dinheiro, 18 escravos, 60 porcos, mais de 100 cabeças de vaca, uma grande quantidade de móveis da casa, além ainda de cerca de 3 créditos de escritos de obrigação que vinham de empréstimos que foram feitos por João de Souza para indivíduos que residiam em Salvador. Os três créditos pertencentes a João de Souza Pereira aparecem quase no final do processo em um dos interrogatórios feito pelos inquisidores a Januário, revelando a quantidade dos créditos. Os valores dos créditos são de: 680 mil, 250 mil e mais de 300 mil reis, respectivamente<sup>108</sup>.

Observando os bens que João de Souza Pereira possuía podemos assinalar que este indivíduo foi um homem de posses. A quantidade de ouro, prata, dinheiro em espécie que tinha no momento em que foi preso, além da grande quantia que emprestou para outras pessoas deixa evidente que João de Souza estava muito bem estabelecido economicamente dentro daquela sociedade. O status social e a riqueza estavam atrelados, muitas vezes, a quantidade de escravos, quanto mais escravos o indivíduo possuía mais bem posicionado socialmente ele estaria.

“Os agricultores de mandioca donos de suas próprias roças possuíam em média pouco mais de cinco escravos por plantel [...]”<sup>109</sup>, seria João de Souza então, uma exceção. Um homem que apesar de ser lavrador, tinha uma quantidade de escravos que estaria de certa forma, acima da média dos outros lavradores na região do sertão. Em suas terras dedicava-se a várias atividades, era criador de gados e pecuarista, fazia o cultivo de gêneros alimentícios e poderia, caso desejasse, até voltar-se para a plantação de cana-de-açúcar.

Podemos observar, através dos depoimentos de Domingos de Souza Penedo e Joseph Gonçalves, que João de Souza tinha uma posição econômica e social que causava certo desconforto nos demais criadores de gado e lavradores da região. A primeira testemunha, Domingos de S. Penedo, diz em seu depoimento que os vizinhos chamavam João de Souza de judeu por ele vender a farinha que produzia por um preço elevado quando a mesma estava em falta. Observar-se com este relato que o fato, dele vender a farinha por um preço acima da

---

<sup>107</sup> SCHWARTZ. Op. cit, p. 248.

<sup>108</sup> Idem. Fl. 67.

<sup>109</sup> SCHWARTZ. Op. cit, p. 363.

média num período em que o produto estava escasso no mercado, caracterizava-o como um cristão novo que estava explorando os demais, assim como foram vistos muitos judeus, principalmente na Espanha do século XV.

A segunda testemunha, Joseph Gonçalves, relata que os vizinhos do réu João de Souza estavam aborrecidos por ele não emprestar dinheiro a todos, além ainda de não se fiar, ou seja, confiar em muitos e ser muito reservado. De acordo com a documentação, os empréstimos feitos por João de Souza foram para três indivíduos que residiam em Salvador e a descoberta desses empréstimos poderiam ter causado nos seus vizinhos certa irritabilidade, pelo fato de ter ele emprestado dinheiro a pessoas que estavam tão longe ao invés de ter concedido a um dos seus vizinhos que o conhecia a muitos anos, como é o caso da maior parte das testemunhas.

Colocamos em apêndice uma tabela onde é apresentado as testemunhas ouvidas pelo Vigário Francisco Ferreira acerca das ações e procedimentos do fazendeiro João de Souza Pereira. Feita assim a análise do processo, questionamo-nos sobre quem seriam as testemunhas que depõem e falam a respeito dos procedimentos do acusado João de Souza. Constatou-se então que a maioria das testemunhas é constituída por homens, cristãos-velhos “com bons procedimentos e devoção”. Boa parte desses depoentes morava em fazendas e aldeias na região da Comarca de Jacobina onde a maior parte atuava na criação de gados e na lavoura.

A credibilidade dos testemunhos pode ser verificada a partir do documento produzido por Francisco Ferreira, que era vigário colado<sup>110</sup> na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Rodelas e visitador das Freguesias do Sertão do Sul que estavam sob a jurisdição do Bispado de Pernambuco. O sumário feito por esse vigário nos mostra que ele conhecia algumas das testemunhas sempre “com bons procedimentos”, “temor a Deus” e “bom conceito”, além ainda de identificar quem era ou não cristão velho.

Partindo das informações apresentadas pelo vigário pode-se identificar qual a sua avaliação a respeito de cada um dos envolvidos no processo. A maioria das testemunhas eram homens brancos e cristãos-velhos, o fato da testemunha ser de cor branca conferia ao seu depoimento credibilidade. Do total de treze testemunhas arroladas o vigário caracteriza como sendo cristãos velhos apenas nove<sup>111</sup>. Para o religioso, Pedro da Silva Brito parecia ser cristão

---

<sup>110</sup> Era um clérigo titular de benefício recebendo, portanto, a cômputo que era um rendimento anual da Coroa para o seu sustento.

<sup>111</sup> Domingos de Souza Penedo, Joseph Gonçalves, Bartholomeu Martins Ferreira, João de Deus dos Santos, Francisco Correia Pitta, Joseph Carvalho da Conceição, João de Barros Rego, Manoel Carvalho de Souza e Faustina Soares.

velho não podendo afirmar nada por ser o homem freguês de Jacobina, já os irmãos Antônio Ramos e João Batista Neves o padre não chega a classificá-los como cristãos velhos por que nunca ouviu falar a respeito dos procedimentos dos dois homens.

As impressões deste clérigo sobre Januário de São Pedro são as de que tinha um “péssimo procedimento”, “não tinha temor a Deus” já que o falsário atuava sem licença em qualquer diocese, considerava-o escandaloso e o tinha como um apóstata por trazer em sua companhia uma mulher de mal viver. Sobre esta mulher a documentação não apresenta maiores informações, qual era seu nome, de onde era natural e nem o que aconteceu com ela após a entrega do réu João de Souza ao comissário. Sabe-se apenas que durante a viagem de Jacobina para Salvador a mulher estava presente, de acordo com o relato de uma testemunha<sup>112</sup> que teria conversando com ela.

A terceira testemunha arrolada no processo foi o criador de gado, Bartolomeu Martins Ferreira, homem branco, cristão velho, trinta e três anos de idade e morador na Barra de Santo Sé. Ao ser perguntado pelo vigário sobre a prisão de João de Souza, Bartolomeu respondeu que a prisão foi realizada no fim do mês de setembro de 1739 na Fazenda da Aldeia por um religioso espanhol da ordem dos dominicanos. Segundo a testemunha, Januário havia feito a prisão acompanhado de algumas pessoas, que foram notificadas por um mestiço identificado como Antônio Soares dos Santos.

Após prender João de Souza, Januário notifica-o como sendo o depositário dos bens sequestrados devendo ele tomar conta de tudo na Fazenda do Urusê. Obedecendo as ordens de Januário, a testemunha assina o termo de depósito dos bens, porém tudo o que era de ouro, de prata e ainda algumas roupas foram levados por Januário ficando, assim, o restante dos bens sob a responsabilidade de Bartolomeu.

A testemunha conheceu o fazendeiro por volta dos anos de 1732 nos arredores na Barra de Santo Sé sempre com ações de bom católico. Relata que sempre ouvira um rumor de que era cristão novo, porém não sabia de onde vieram os boatos, não sabia de nada sobre as origens do acusado, mas achava que eram falsos os boatos. Sobre os boatos envolvendo João de Souza, Bartolomeu conta que ouviu de Inocência de Assunção que a esposa do acusado foi envenenada, a mesma história contada a ele por Phelipe de Santiago, porém Phelipe não acusava João de Souza de ser o assassino, diferentemente do que fazia a senhora Inocência. Bartolomeu termina seu depoimento dizendo que o fazendeiro, nas vezes em que esteve em

---

<sup>112</sup> Fl. 12 v. Depoimento de João de Barros Rego.

sua presença, queixava-se muitas vezes de Phelipe de Santiago, mas não fornece mais informações sobre essas queixas.

A próxima testemunha a depor foi, João de Deus dos Santos, que era criador de gados, tinha trinta e oito anos e residia na Fazenda da Aldeia, local onde ocorre a prisão de João de Souza. O depoente relata que conhecia o acusado há quase quatorze anos e que durante alguns meses conviveu com o réu e sempre o virá como um bom cristão, verdadeiro católico e acreditava ser ele cristão velho apesar dos rumores que ouvira<sup>113</sup>. Diferentemente da testemunha anterior, João de Deus ouviu os boatos que difamavam João de Souza de um indivíduo de nome Joseph Pereira que espalhou os rumores sem revelar quem o tinha contado.

João de Deus revela que o tal Joseph era um homem em que não se podia confiar o que fazia a testemunha não acreditar nos rumores que circulavam pela região a respeito de João de Souza. Quem também não confiava muito nas palavras de Joseph Pereira, era o lavrador Francisco Correia Pitta, que disse que o mesmo era avaliado como homem indigno de crédito, escrupuloso e mentiroso pela vizinhança. Segundo o relato do lavrador, Antônio Ribeiro Sardinha havia sonhado que avistava o fazendeiro açoitando o crucifixo e contou este sonho para Joseph que saiu espalhando pela arredores como se realmente estivesse acontecido. Outra testemunha revela que ouviu um homem de nome Luís Barreiros dizer que a defunta havia queixado-se do marido para Faustina Soares que contou para seu genro, Manoel Gomes, que contou para Barreiros.

De acordo com o depoimento de Faustina Soares da Cunha, mulher viúva e costureira, a mesma teria ouvido boatos que Antônio Ribeiro Sardinha acerca de três ou quatro anos, antes da prisão feita por Januário a João de Souza Pereira, andou contando que havia sonhado que o fazendeiro maltratava a esposa por que a mesma o teria visto açoitando a imagem de Jesus crucificado. Este mesmo sonho foi “ouvido” por um indivíduo de nome José Pereira que passou a contar a história confirmando como se fosse verdade contando para Manoel Gomes que contou a Faustina.

Interessante que apesar de algumas testemunhas afirmarem que Joseph Pereira e Luis Barreiros eram homens em quem não se podia confiar, os definiam como mentirosos e escrupulosos e apesar de não darem crédito ao que falavam os boatos foram se espalhando não só por Jacobina, mas nos arredores da região chegando estas fofocas até a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Rodelas e nas proximidades do rio São Francisco.

---

<sup>113</sup> João de Barros Rego também passou alguns dias na casa de João de Souza e descreve que sempre o vira com ações de bom e verdadeiro católico.



A circulação dos boatos sobre a vida de João de Souza correu pelos sertões difamando e manchando a imagem de cristão velho que tinha o fazendeiro. Podemos destacar a importância que a linguagem oral possuía neste período, principalmente numa época onde o “ouvir dizer” carregava consigo uma grande força e se este fosse dito por um cristão-velho, homem branco, casado e com bons costumes e excelente procedimento era este digno de crédito e respeito.

Os boatos de João de Souza ter cometido o crime de sacrilégio repete-se nos depoimentos de outras testemunhas que dizia acreditar ser este o motivo da prisão. Porém, Joseph Carvalho da Conceição conta que ouviu algumas vezes de que João de Souza era judeu por ser um homem severo com seus escravos e que um deles foi jogado pelo fazendeiro num rio com uma pedra amarrada no pescoço. A testemunha diz que este boato seria falso já que o tal escravo foi visto em Piauí, provavelmente tinha escapado das terras de João de Souza.

### 3.3. O sumário de culpas de João de Souza Pereira

Ao longo do processo de Januário de São Pedro foram encontrados documentos que ele produziu como foi o caso do sumário das testemunhas feito em 23 de setembro de 1739 e que o mesmo teria arrolado contra o fazendeiro João de Souza Pereira. A tabela abaixo nos revela quais os indivíduos que aparecem no sumário, suas idades, moradias e desde quando conheciam o réu.

**Tabela 1. Sumário de Testemunhas feito por Januário**

Nome	Idade	Morador de...	Conhece há...
<b>Miguel Mesquita Leite</b>	64 anos	Rio São Francisco	10 anos
<b>Manuel de Silva Soares</b>	_____	Sítio da Barra – Rio São Francisco	12 anos
<b>Vicente Pereira Soares</b>	24 anos	Barra de Santo Sê	_____
<b>José de Almeida Pinto</b>	28 anos	Sítio de Vazagua – Rio São Francisco	9 anos
<b>Lucas Pereira</b>	29 anos	Negociante na Vila de Jacobina	6 anos
<b>Antônio Soares dos Santos</b>	43 anos	Sítio de Alagadiço debaixo – Rio São Francisco	11 anos

<b>João de Deus dos Santos</b> <sup>x114</sup>	37 anos	Sítio da Aldeia – São Francisco	12 anos
<b>Manuel de Vargas Cirne</b>	36 anos	Santo Sê	14 anos
<b>Bartholomeu Martins Ferreira</b> <sup>x</sup>	33 anos	Fazenda na Barra do Santo Sê	7 anos
<b>Antônio Pereira Caminha</b>	42 anos	_____	3 anos
<b>Manoel Ferreira Passos</b>	45 anos	Sítio de Laguna - Rio São Francisco	10 a 12 anos
<b>Luís Barreiro Braga</b>	45 anos	Sítio do Encave – Rio São Francisco	10 anos
<b>Antônio de Fretes Pereira</b>	59 anos	Rio São Francisco	8 a 9 anos

Partindo das informações fornecidas pelas testemunhas acima apresentadas, pode-se identificar que a maior parte morava em sítios e fazendas nos arredores do Rio São Francisco e na região da Barra do Santo Sê. Importante ressaltar que essas testemunhas conheciam o acusado João de Souza há muitos anos. Alguns o conheciam a cerca de 8, 9 anos e outros até muito antes. De acordo com o que as testemunhas relatam, há muito existia e tinham elas ouvido uns boatos de que João de Souza seria um cristão-novo com fortes ligações com as práticas judaicas.

As testemunhas, assim como as do sumário anterior, retratam novamente a história do envenenamento da esposa de João de Souza que teria tomado o veneno em casa e foi até a residência de Phelipe de Santiago e quando a falecida sentou-se a mesa e comeu algo sentiu-se mal e pediu azeite dizendo que sua comida fora envenenada<sup>115</sup>. Pode-se perceber, através dos relatos de Antônio de Fretes Pereira e de Luís Barreiro Braga, que entre Phelipe de Santiago e João de Souza havia uma relação de parentesco, sendo os dois homens primos.

Outras informações a respeito de sua morte aparecem nos pormenores do processo através dos depoimentos das testemunhas que aparecem na tabela. Podemos identificar no relato de Manuel de Silva Soares, morador do Sítio da Barra, o período em que teria surgido os boatos sobre o envenenamento de Dona Inácia e que provavelmente é o mesmo período em que a mesma teria falecido. Em seu depoimento a testemunha relata que: “[...] abra coza de seis meses, *que* oiera dizia que matara la muger conveneno [...]”<sup>116</sup>. Levando em conta que o

<sup>114x</sup> - Testemunhas que aparecem em um documento produzido em janeiro de 1740 pelo escrivão e padre Bento Velloso e assinado por Francisco Ferreira (Vigário de Rodellas).

<sup>115</sup> ANTT. Proc. 3693. Fl. 34.

<sup>116</sup> Idem. Fl. 31.

sumário foi feito em setembro de 1739, a morte da esposa teria ocorrido por volta do mês de março no mesmo ano dando início aos boatos.

Conforme o relato da testemunha acima citada, a fama de ser João de Souza um cristão-novo era oriunda da fama de judeu de seu parente Phelipe. O estudioso Vieira Filho ressalta que

Os cristãos-novos carregavam de geração para geração o estigma de seu nascimento, e mesmo os que eram católicos devotos podiam, sob uma legislação e prática discriminatórias, ser excluídos de cargos públicos ou honrarias devido à existência de um cristão-novo em algum lugar de sua árvore genealógica. Tanto os criptojudeus quanto aqueles que não possuíam a mais leve ligação com o judaísmo eram considerados globalmente pela sociedade como grupo suspeito. Entretanto, os cristãos-novos haviam se envolvido na empresa brasileira desde suas origens, e o fato de não ter sido a Inquisição Portuguesa instalada antes de 1547 significou que os primeiros anos da colônia estiveram relativamente livres dos olhos atentos da ortodoxia. No Brasil, os cristãos-novos se tornaram não apenas comerciantes, mas também artesãos, senhores de engenho e lavradores de cana e ocuparam cargos civis e eclesiásticos<sup>117</sup>.

O depoimento de todas as testemunhas aqui apresentadas nos dá um panorama da sociedade sertaneja de Jacobina. Uma sociedade composta de homens branco, cristãos velhos que se dedicavam a criação de gado, atuavam como lavradores e comerciantes com bons procedimentos e ações de cristãos verdadeiros e devotos. Os depoentes por terem ligações comerciais não somente em Jacobina acabavam sabendo dos vários boatos que percorriam de freguesia à freguesia, de vila à vila. Eram testemunhas que residiam em localidades distantes de Jacobina, mas que tinham conhecimento dos acontecimentos da vida de João de Souza Pereira, principalmente pela circulação não só de pessoas, mas também de informações proporcionadas pelas rotas e estradas facilitando, assim, a comunicação entre diferentes regiões na Capitania da Bahia.

---

<sup>117</sup> VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. *Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX*. São Paulo: Annablum, 2009, p. 415.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que esta pesquisa fosse desenvolvida foi de suma importância a transcrição paleográfica do processo inquisitorial do falso frei José de Iguareta. Através da transcrição podemos conhecer aspectos importantes sobre a vida de Januário, além de apontar os motivos que o levou a usurpar cargos de comissário e familiar do santo Ofício por volta do ano de 1739 nos sertões da América Portuguesa, principalmente nas regiões de Sergipe, Bahia e Pernambuco. A partir deste mesmo processo, pudemos listar as testemunhas arroladas pelo falsário num processo aberto contra o fazendeiro João de Souza pereira acusado de açoiar uma imagem de Jesus Cristo crucificado e ter ainda fama de ser cristão-novo.

Após transcrever, percebemos que Januário contruiu toda uma rota de circulação desde que deixou sua terra natal, a cidade de Quito, até ser preso e enviado para os Estaus em Lisboa. Januário vinha há anos viajando e conhecendo diferentes localidades. Em torno da sua história havia uma circulação que foi um fator determinante para o desenrolar dos acontecimentos posteriores a sua partida de Quito.

Podemos, a partir dos relatos das testemunhas, conhecer a vida do fazendeiro João de Souza Pereira, bem como ainda, estudar a comunidade na qual o mesmo estava inserido. Observamos, de acordo com a documentação, que havia todo um perfil de testemunhas e indivíduos que mereciam credibilidade e confiança. Para o Santo Ofício não bastava apenas ser homem que possuíam uma posição relevante na sociedade e com certa idade, era necessário que alguém atestasse que o mesmo fosse cristão velho, com qualidade e pureza de sangue, bons procedimentos e devoto. Todo aquele que fugia deste perfil não era digno, não tinha qualidade e eram excluídos. Os judeus, negros e cristãos novos são exemplos dessa exclusão social na América Portuguesa no período colonial.

## REFERÊNCIAS

### 1. Fontes primárias

ANTT. Processo de nº 3693 do Frei Januário de São Pedro. Disponível em:

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2303657>

### 2. Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. *Capítulos de história colonial (1500 – 1800) & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. 5ª edição. Revista prefaciada e anotada por José Honório Rodrigues. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

ACIOLI, Vera Lucia. *A escrita no Brasil Colônia*. Um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: Massangana, 2003.

ASSIS, Angelo Adriano Faria. A inquisição no Brasil e a Farsa pelo Averso: O caso de Baltasar Coelho, tratante e falso familiar do Santo Ofício e da prisão de Nuno Fernandes, revel e descendente dos Macabeus do recôncavo. In: ASSIS, Angelo Adriano Faria; SANTANA, Nara Maria Carlos; ALVES, Ronaldo Sávio Paes. *Desvelando o poder: histórias de dominação – Estado, Religião e Sociedade*. Niterói: Vício de Leitura, 2007.

BAKEWELL, Peter. A mineração na América Espanhola Colonial. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2004.

BARNADAS, Josef M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina Colonial*. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.

BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália (Séculos XV-XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOXER, Charles Ralph. *A idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CALDAS, José Antônio. *Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1951 [edição Fac-Similar de 1759].

CONCEIÇÃO, Hélida Santos. Pedro Barbosa Leal e a colonização do sertão da Bahia no século XVIII. *XXVII Simpósio Nacional de História (ANPUH)*. Natal – RN, 22 a 26 de julho de 2013.

- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ESPADA LIMA, Henrique. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GONZAGA, João Bernardino Garcia. *A inquisição em seu mundo*. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 1993.
- IVO, Isnara Pereira. *Homens de Caminho: Trânsitos, comércio e cores nos sertões da América Portuguesa – século XVIII*. Tese de Doutorado em História FAFICH, 2009.
- LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Montaillou: cátaros e católicos numa aldeia occitana (1294 – 1324)*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- MAURO, Frédéric. Portugal e o Brasil: A estrutura política e econômica do Império, 1580 – 1750. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina Colonial*. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *O nome e o sangue: uma fraude genealógica no Pernambuco colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MELO, Suzana Leandro de. *A religiosidade no Brasil colonial: o caso da Bahia (séculos XVI – XVII)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. João Pessoa: [s.n.], 2010.
- MOTT, Luiz Roberto de Barros. *A Inquisição em Sergipe: do século XVI ao XIX*. Aracaju: Sercore Artes Gráficas, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Bahia: Inquisição & Sociedade*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. *Caminhos do sertão: ocupação territorial, sistemas viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. [et. al.] – Editora Arcadia, 2007.
- NOVINSKY, Anita Waingort. *A inquisição*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- \_\_\_\_\_; CARNEIRO, Maria Tucci. *Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias e arte*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1992.
- \_\_\_\_\_, Anita Waingort. *Cristãos novos na Bahia: 1624 – 1654*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.
- PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo – colônia*. (?). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RODRIGUES, Aldair Carlos. *Igreja e Inquisição no Brasil: Agentes, carreiras e mecanismos de promoção social – século XVIII*. São Paulo: Alameda, 2014.

\_\_\_\_\_. *Sociedade e Inquisição em Minas Colonial: Os familiares do Santo Ofício (1711 – 1808)*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

RODRIGUES, Matias. *Vida e obra do padre Gabriel Malagrida*. Belém do Pará: Centro de Cultura e Formação Cristã, 2010.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. O Brasil Colonial: O ciclo do ouro, c. 1690 – 1750. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2004.

SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos: engenho e escravos na sociedade colonial (1550 – 1835)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. O Brasil Colonial, c. 1580 – 1750: As grandes lavouras e as periferias. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol. II. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2004.

SILVA, Augusto da. *O governo da ilha de Santa Catarina e sua terra firme: território, administração e sociedade (1738 – 1807)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013.

SILVA, Geraldo Antônio da. *As embrulhadas de Jacobina nunca terão fim: criminalidade e justiça na vila de Jacobina (1720 – 1743)*. Monografia em História UNEB, 2014.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_; CARDOSO, Ciro Flamarion. *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. *Os negros em Jacobina (Bahia) no século XIX*. São Paulo: Annablum, 2009.

WEHLING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

### 3. Monografias; Dissertações e Teses

GOES, Priscilla da Silva. *A perseguição inquisitorial e o criptojudaísmo: estudo dos processos envolvendo o sargento-mor Diogo Vaz e seus familiares (1662 – 1673)*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Para remédios das almas: comissários, qualificadores e notários da Inquisição Portuguesa na Bahia (1692 – 1804)*. Tese de doutoramento UFBA, 2009. Disponível em: < <http://www.catedra-alberto->

benveniste.org/\_fich/17/Tese\_Grayce\_Souza\_-\_Para\_remedio\_das\_almas\_-\_Comissarios\_Qualificadores.pdf>. Acesso em: 21 de set. 2016, 06h21min 33seg.

VASCONCELOS, Albertina Lima. *Ouro: conquistas, tensões, poder, mineração e escravidão – Bahia do século XVIII*. Tese de Mestrado em História. São Paulo: [s.n.], 1998.



## APÊNDICE

**Tabela 2: Tabela de Testemunhas**

Nome	Idade	Estado Civil	Morador de	Ocupação (vive de...)	Relação com o réu	Testemunho		Considerações do Vigário Francisco Ferreira
						Que defende	Que acusa	
Domingos de Souza Penedo	± 55	Casado	Sítio do Gatauhy – Jacobina	Oficial de Seleiro	Conhecido	—	Diz que não sabe se é cristão velho, que os vizinhos o chamavam de judeu por vender sua farinha por preço elevado quando a mesma estava em falta.	Cristão velho, branco, tinha bom procedimento, verdadeiro, temente a Deus, é seu freguês.
Joseph Gonçalves	± 60	Casado	Fazenda do Riacho – Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Rodelas (Bispado de Pernambuco)	Criador de gados	Conhecido	Sempre o vira como um bom católico por ser devoto e verdadeiro.	Ouviu rumores de que era cristão novo, diz que os vizinhos estavam aborrecidos por ele não emprestar dinheiro a todos, não se fiar de muitos e ser reservado	Cristão velho, branco, é seu freguês, tem bom procedimento, verdadeiro, timorato.
Bartholomeu Martins Ferreira	± 33	Casado	Barra de Santo Sé – Jacobina	Criador de gados	Conhece o réu entre 7 e 8 anos	Sempre p virá com ações de bom católico, o virá como cristão velho, devoto e verdadeiro.	Relata que ouviu rumores de que João de Souza seria cristão novo. Ouviu de Phelipe de Santiago que a esposa do réu teria sido envenenada, mas não aponta o viúvo como o assassino.	Branco, com bom procedimento, cristão velho, freguês de Jacobina.

João de Deus dos Santos	38	Casado	Fazenda da Aldeia – Jacobina	Criador de gados	Conhece entre 13 e 14 anos	Conhecido por ser bom cristão, ter bom procedimento, verdadeiro, católico, cristão velho. Viveram juntos alguns meses na mesma casa.	Ouviu dizer que o réu era cristão novo. Joseph Pereira foi quem lhe contou que João de Souza teria matado a esposa.	Homem branco, gregues de Jacobina, verdadeiro, bom procedimento, timorato, cristão velho.
Pedro da Silva Brito	38	Casado	Fazenda do Boqueiranzinho – Jacobina	Agencia	Conhece a mais de 12 anos	Visto como bom cristão velho.	Ouviu dizer que era cristão novo.	Homem branco, freguês de Jacobina, conhece por verdadeiro, parece ser cristão velho, tem bom procedimento.
Francisco Correia Pitta	± 43	Casado	Fazenda da Lagoa – Jacobina	Lavrador	Conhece a mais de 14 anos	Bom procedimento como católico.	Diz ter ouvido dizer que o réu foi acusado de ter matado a esposa após ser flagrado açoitando uma imagem de Jesus.	Homem branco, freguês de Jacobina, verdadeiro, dele tem bom conceito, cristão velho.
Joseph Carvalho da Conceição	51	Casado	Fazenda na Ilha da Aldeia – Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Rodelas (Bispado de Pernambuco)	Lavrador	Diz ser seu conhecido.	Nunca ouviu falatórios sobre má condução.	Diz que o réu é chamado de judeu por ser severo com os escravos, não ser prestadio com seus vizinhos; além de ser acusado de castigar asperamente seus escravos sendo um deles lançado num rio com uma pedra no pescoço.	Seu freguês, cristão velho, homem branco, temente a Deus, verdadeiro, bom procedimento.
João de Barros Rego	± 43	Casado	Emcabe – Jacobina	Lavrador	Conhece entre 9 e 10 anos	Conviveu alguns dias com o réu e não viu nada suspeito, viu apenas ações de bom católico e de verdadeiro cristão.	Ouviu dizer que seria cristão novo. A mulher que estava acompanhando Januário lhe disse que uma escrava teria visto o réu açoitando a imagem de Jesus Cristo. Diz ainda que o réu tratava com muito rigor os seus escravos.	Homem branco, freguês de Jacobina, cristão velho, parece ser temente a Deus.

Antônio Ramos	± 25	Casado	Boqueiranzinho – Jacobina	Lavrador e Criador de gados	Conhecido	Diz que parece ser um bom cristão.	Não sabe se é cristão novo, apenas ouviu rumores de que fosse. Ouviu boatos de que açoitou uma imagem de cristo.	Freguês de Jacobina, parecer ser branco, nunca ouviu falar de seu procedimento, verdade e gênero.
João Batista Neves	± 33	Solteiro	Boqueiranzinho – Jacobina	Criador de gados	Conhecido a mais de 12 anos	Sempre o via com ações de um bom cristão.	Ouviu a fama vulgar de que o réu seria cristão novo e que teria açoitado uma imagem de cristo de acordo com Luís Barreiros.	Freguês de Jacobina, irmão de Antônio Ramos, bom procedimento e gênero.
Manoel Carvalho de Souza	± 30	Solteiro	Barra de Santo Sé – Jacobina	Negociante	Conhecido entre 9 e 10 anos	Sempre o via com ações de um bom cristão.	Ouviu boatos de que o réu fosse cristão novo.	Homem branco, freguês de Jacobina, corre boa notícia de seu procedimento e verdade, cristão velho.
Faustina Soares da Cunha	_____	Viúva	Barra de Santo Sé – Jacobina	Costureira	Conhece a mais de 14 anos	Conhece a um bom tempo por que é sua vizinha, tem bom procedimento, é bom cristão, devoto, reza, jejua e vai as missas.	Havia um rumor de que o réu seria cristão novo e que teria sido pego pela esposa açoitando a imagem de Jesus Cristo.	Freguês de Jacobina, não é branca (mameluca), tem bom procedimento e verdade, temente a Deus, cristão velho.
Esperança	± 30	_____	Jacobina	Escrava	_____	_____	_____	Escrava, não tem conhecimento sobre o procedimento de sua casta de gente por que não se pode fazer pleno conceito pela inconstância naquilo que fala, parece depor com verdade.

## ANEXO 1 – PRISÃO DE JANUÁRIO DE SÃO PEDRO

[Fol. 2]

1	Frey Januario de <i>Saõ</i> Pedro	Respondido a folha 451
	aliaz Frey Jozê de Igoareta	3 <sup>118</sup>

5	Processo do <i>Padre</i> Frey Janu ario de <i>Saõ</i> Pedro, aliaz Frey Jozé da Igoareta Religiozo Leygo da Ordem dos Pregadores e morador no seu Convento de Nossa Senhora de Penha de Franca da Cidade de Qui to Reyno de Perú 10 Prezo em 26 de setembro de 1740
---	--

## ANEXO 2 – Auto de Januário em Lisboa

[Fol. 3]

1	Aude de entrega	5 <sup>119</sup>
5	Anno do Nascimento de Nosso Senhor Iezus Christo de mil e setecentos, e quarenta, aos vinte, e seis dias do mes de setembro em Lisboa nos Estaos e porta dos carceres se cretos desta Inquiciçam o he foy entregue ao Alcayde dos mesmos Fernando Cardozo o prezo Frey Januario de sam Pedro religioso da ordem de sam Domingos, que veyo 10 do Brazil na nao Nossa Senhora de Pe nha de França, de que era capitam Reo [dozio?] Rois de Faria, e sendo buscado na forma do estillo lhe nam foy achado cau za alguma, e de como o dito Alcayde se 15 deu por entregue do <i>dito</i> prezo fes este auto que assinou Manoel Lourenço Monteyro o escrevy	

---

<sup>118</sup> Nota de mão alheia.

<sup>119</sup> Nota de mão alheia.

### ANEXO 3 – Documento do Comissário Antônio Rodrigues Lima

[Fol. 4]

1 Respondida em 7 de outubro 740 Muito Illustres *senhores* Inquizidores

6<sup>120</sup>

Pella Frota de Pernambuco, que partio daquela  
Cidade em 27 de Dezembro do anno passado;  
dey ja conta a vossas senhorias do incivil procedimento, excesso,  
5 e pouco temor de Deos, com qua se houve nos Certoés  
deste Arcebispado da Bahia, e ainda no de Perna-  
mbuco, o *Padre Frey Jozé de Gueretta* da Ordendos Pre-  
gadores da Provincia de Lima |segundo dis| pren-  
dendo com o nome do Santo officio, intitulado-se  
10 huás vezes *commissario*, e outras Familiar; procedendo  
a sequestros por parte do mesmo Tribunal, conster-  
nando aos Povos, e obrigando os a dar lhe o necessario  
para a sua subsistencia, e dos que o acompanhavaó  
Tudo isto se verificou, na prizaõ que fes o dito  
15 Padre a Joaõ de Souza Pereira morador no-  
Certaõ do Pillaõ arcado deste Arcebispado, homem  
afazendado e bem estabelecido naquelle continente  
fazendo lhe sumario de testemunhas, e sequestro  
nos seos bens, e trazendo o a esta Cidade prezo  
20 em huma corrente com huma *commitiva* de mais  
de doze pessoas; e nesta forma, sendo na noyte  
do dia de 10 de Novembro, segundo a minha  
lembrança, bateo a porta da minha caza, depois  
de haver dado meya noyte; requerendo-me

[Fol. 4 v.]

25 IE mandase abrir, por ter negocio que participarme  
da parte do Santo Officio;o que Logo fis, e entrando para  
dentro, me disse que tomasse eu conta daquele  
prezo por culpas que havia *commettido* contra o santo  
Officio, das quaes constariaõ melhor do *summario que*  
30 me entregou; e muito particularmente me disse maes,  
que o dito prezo trazia ao pescosso huma formula  
consagrada, introduzida em huma caixa de ouro que  
serve de Breves da marca, aqual me entregou

---

<sup>120</sup> Nota de mão alheia.

taó bem com huma attestaçáo em abono do que me dizia.

35 Remetti o dito prezo ao Carcere do Convento  
de *São* Francisco, onde fica; e por entáo disse ao dito *Padre*;  
que no dia seguinte me buscase, para me informar  
maes inteiramente do cazo; asim o prometeo fazer,  
porem eu o naó vi maes por se occcultar, sem embargo  
40 da diligencia com que o procurey; E porque o *Vice* Rey do -  
Estado o *Excelentissimo* Conde das Galveas, havia ja sabido  
do procedimento deste *Padre*, por queixas que lhes  
fizeraó os homens que na sua companhia troucera,  
e acompanharaó ao Prezo; recommendou Logo a diligen  
45 cia de oprender ao Ouvidor da Comarca, que  
com sagacidade, e grande cuidado, o prendeo em  
huma caza nos Arrebaldes desta Cidade, onde estava

[Fol. 5]

7<sup>121</sup>

Refugiado para no dia seguinte voltar aos mesmos  
50 Certoés de onde viera; e pello mesmo Ministro  
se fes inventario, em hum trastes, e papeis que lhe  
foraó achados em hua Canastra: E asim o dito  
*Padre* prezo, como a Canastra, me mandou  
entregar o dito Conde *Vice* Rey; â o qual mandey  
55 para o carcere do Convento dos Carmelitas des  
calssos; e Canastra fis entregar ao Thezoureyro  
do Fisco Antonio *Rodriguez* Pinto de Aguiar com  
todos os papeis que nella vinhaó; e hum inventario,  
*que* me entregou o dito *Padre*, dos bens em que fizam  
60 sequestro ao prezo Joaó de Souza Pereyra.

Este *Padre* fes todas as diligencias por fugir  
do carcere queimando industrioamente a porta  
delle, the que o conseguiu porem com desgraça;  
porque se lançou de hum precipicio abaixo  
65 onde o foraó os Religiozos buscar quazi morto,  
e muitos mezes, senaó levantou da cama; e vendo-se  
com poucas esperanças de vida, me mandou cha-  
mar pello *Padre* Prior do dito Convento, por ter  
commigo negocio de grande importancia. Fuy Logo  
70 ao dito Convento, e levey comigo ao *Padre* Joaó  
de Magalhaés Pimentel, que me escreve

---

<sup>121</sup> Nota de mão alheia.

[Fol. 5 v.]

nas diligencias que desse Tribunal se me encarregaó,  
 e sendo Lá, perguntey ao dito Padre prezo, e enfermou,  
 se o negocio que commigo tinha era particular, ou  
 75 se podia ouvir maes *alguem*, respondeo me que  
 era *para* o ouvirem maes pessoas; chamey Logo  
 ao dito Padre Prior do Convento; e ao Mestre  
 de Theologia por ser religioso grave, e com o dito  
 meo escriptaõ na prezença de todos, me disse o dito  
 80 Padre prezo; que por descrago da sua consciencia,  
 e temor a conta que havia de dar a Deos Nosso  
 senhor; declarava que na caixa de ouro que  
 me havia dado, sim estava huá particula,  
 mas que não era consagrada, e que elle mesmo  
 85 a havia introduzido, afim de fazer maes detestável  
 a culpa do Prezo Joaó de Souza Pereyra, pedindo  
 a caixa ao mesmo prezo, para ver o *que* nella tinha;  
 e que entaõ o arguira o de que trazia ao pescoço  
 a dita caixa; e nella huma particula consagrada;  
 90 e fizera assinar a attestaçaõ por testemunhas  
*para* confirmar o seo dito; o que ouvido por mim  
 e pellos que presente estavaõ, mandey fazer  
 o termo de declaraçaõ, e confissaó, que remetteo

[Fol. 6]

remeteo a *vossas senhorias*; como taó bem hum *summario* de teste  
 95 munhas, que por minha *ordem* inquirio no lugar, e Fre  
 guezia de Jacobina, o Padre Francisco Ferreyra  
 vigario de Rodellas do Bispado de Pernambuco,  
 pessoa de toda a satisfaçaó; e outros papeis mais, que  
 foraó achados na canastra do dito Padre; e a este  
 100 me pareceo remetter taó bem a *ordem* de *vossas senhorias* neste  
 Navio de licença.

Fica prezo no carcere doConvento de Sam  
 Francisco desta Cidade Joaó de Souza Pereyra, aquém  
 o dito Padre Ioze de Higuaretta prendeo na dita  
 105 Freguezia de Jacobina; e espero rezoluçaõ de *vossas senhorias* so-  
 bre o que devo fazer, a respeito deste prezo; que he  
 sem duvida, foraó tudo machinas deste Padre; e se-  
 gundo o que ouço geralmente, he christaõ uelho,  
 e comparentes sacerdotes nesta cidade, experimenta  
 110 ndo damnos irreparaueis na sua fazenda, honra, ecre-

dito. O *Excellentissimo* Conde *ViceRey* me persuadio a que mandasse soltar o dito prezo Joaó de Souza Pereyra, visto como estava conhecida a sem razaó, e malicia, com que o dito Padre o prendera; porem a mim me pareceo  
115 esperar rezoluçáo de *vossas senhorias* sobre materia, que mandaraó o que for justiça. As pessoas de *vossas senhorias*  
Goarde Deos [man?] Bahia 4 de Julho de 1740  
De *vossas senhorias*  
Reverente arcado  
120 [Ass.] Antonio Rodriguez Lima commissario do santo officio



## ANEXO 4 – Termo de Juramento e Termo da Assentada

[Fol. 8]

1

10<sup>122</sup>

### Termo de juramento

Aos treze dias do mes de Janeiro de mil e settecentos e corenta annos neste Sitio da Barra do Sancto Se, Freguezia do Sancto Antonio da Jacobina, Arcebispado da Bahya, onde foi vindo o Reverendo Padre Francisco Ferreyra, viguario do Rodellas do Bispado de Pernambuco, onde eu o Padre Bento vellozo tambem vim por elle me foi ditto, que por comissão, e ordem que tinha do Muito Reverendo doutor Antonio Rodrigues Lima, Deam da Sé da Bahia, e commissario do Sancto officio para fazer huma inquirição summaria de testemunhas sobre a prizaõ de Joaõ de Souza Pereyra na mesma Freguezia feita, me elegia para escriptaõ da ditta diligencia, e em virtude da mesma comissão me deu loguo juramento aos Sanctos Evangelhos em hum livro dellas, e o receba tambem de minha mão sob carguo do coal prometemos fazer bem e fial mente a ditta diligencia, guoardando segredo, ao direito das partez, de que fis este termo que assignei com o mesmo Reverendo vigario, e eu o Padre Bento vellozo escriptaõ eleito o escrevy.

[Ass.] Padre Bento vellozo

[Ass.] Francisco Ferreyra  
vigario de Rodellaz

### Termo de assentada

Aos treze dias do mes de Janeiro de mil e settecentos, e corenta annos no Sitio da Barra do Sancto Sê, Freguezia do Sancto Antonio da Jacobina, Arcebispado da Bahya em pouzadas de Manoel Gomes de Mello onde eu escriptaõ eleito estava ahi appareceraõ as testemunhas notificadas por ordem do Reverendo viguario o Padre Francisco Ferreyra commissario desta diligencia para serem inquiridas, e perguntados, e saõ as proprias pessoas porque se trataõ, e por tem as reconheço, seus nomes, dittos, e costumes saõ os seguintes de que fis este termo, e eu o Padre Bento vellozo escriptaõ eleito o escrevy.

---

<sup>122</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 5 - Sumário de testemunhas

[Fol. 8 v.]

- 1 Domingos de Souza Penedo homem cazado morador no Sitio do  
Gatauhy Freguezia do Sancto Antonio da Jacobina official de  
seleiro de ydade que disce ser de sencoenta, e sinco annos pou-  
co mais, ou menos testemunha jurada aos Sanctos Evangelhos  
5 em hum livro delles en que pos sua mão direita e prometeo  
dizer verdade e dos costumes disce nada.  
E sendo perguntado se sabia da prizaõ que se fes a Joaõ de Souza Pe-  
reyra, quem o prendeo, en nome de quem se prendeo, e se procedeo  
o sequestro, em seus bens: disce que sabia por ser publico, e notorio que  
10 o ditto Joaõ de Souza Pereyra fora prezo em os fins de septembro  
do anno passado por hum Religiozo Dominico de nasção Espanhol  
em nome do Sancto officio, e que o ditto Religiozo lhe sequestra-  
ra seus bens da parte da Sancta Inquição, e dellas fizera de  
posito em mão de hum Bartholameu Martins morador na  
15 Barra de Sancto Sé o que tudo foi publico, e notorio.  
E sendo perguntado se conhecia o procedimento do ditto prezo,  
e se este he christaõ uelho: disce que elle testemunha o conhecia,  
mas que não sabia se o ditto era christaõ uelho, ou não: que  
algumaz uezes ouvira a alguns seus vezinhos dar ao dito  
20 prezo o nome de Judeu por elle vender por preço subido a sua fa-  
rinha em tempo de falta della.  
E sendo perguntado se sabia o motivo que ouve para o ditto Jo-  
aõ de Souza ser prezo, e a occaziaõ que para isso deu: disca  
que não sabia couza alguma, so sim, que ouvira dizer  
25 que os moradores da Barra do Sancto Sé incitaraõ ao sobre  
ditto Religiozo para fazer atal prizaõ por alguma mâ incli-  
nação que tem o ditto Joaõ de Souza, maz que elle testemunha  
não sabe, quouis estes foraõ, e mais não disce e assignou com  
o Reverendo viguario commissario desta diligencia, e eu  
30 o Padre Bento vellozo escriptaõ eleito o escrevy  
[Ass.] Ferreyra [Ass.] Domingos de Souza penedo  
vigario de Rodellas  
Jozeph Gonçalves homem cazado morador na fazenda do Riacho  
freguezia de nossa senhora da conceição de Rodellaz Bispado  
35 de Pernambuco, que vive de criar guados de idade que disce  
ser de sesenta annos pouco mais, ou menos testemunha jura-  
da aos Sanctos Evangelhos em hum livro delles em que pos  
sua mam direita e prometeo dizer verdade a tudo o que

[Fol. 9]

11<sup>123</sup>

40 o que lhe fosse perguntado, e do costume disce nada.

E sendo elle testemunha perguntado se sabia da prizaõ feita a  
 João de Souza Pereyra, quem o prendeo, em nome de quem foi prezo,  
 e se lhe sequestraraõ seus bens: disce que era verdade *que* nos fins  
 de setembro do anno passado fora prezo o ditto Ioaõ de Souza  
 45 Pereyra: que o prendera hum Religiozo Dominico Espanhol cha-  
 mado Frey Jozeph em nome do Sancto officio, e que para isso  
 a penara da parte da Inquiziçaõ muitaz pessoas, não so para a  
 hir prender, mas tambem para o hir o acompanhar, e que da  
 parte da Sancta Inquiziçaõ sequestrara seus bens, fazendo  
 50 depositario de alguns a Bartholameu Martins. e Repartiçaõ de ou-  
 tros a seus se quazes: o que tudo he publico, e notorio, e que o  
 ditto Religiozo mostrara a elle ditto testemunha huma me-  
 dalha de familiar do Sancto officio dizendo que o era.  
 E sendo perguntado se conhecia o ditto prezo, o seu procedimen-  
 55 to, se sabia que era christaõ velho, e o motivo que ouve para  
 ser prezo, e occaziaõ que para isso deu o ditto João de Souza  
 Pereyra: disce que bem o conhecia, e que sempre o tivera  
 por bom catholico pello ver muito de voto, e verdadeiro: não  
 obstante e ter ouvido a algum rumor de que o ditto prezo  
 60 era Christaõ novo, maz que elle testemunha o não sabia por não  
 conhecer seus troncos, e que não sabia occaziaõ que elle  
 desse para ser prezo, nem o motivo, que para isso ouve,  
 e mais disce elle testemunha, que sabia por ser publico  
 que o ditto prezo entre os seus vezinhos era aborrecido de  
 65 alguns por não emprestar o seu dinheiro a todos, não se fiar  
 de muitos, e ser fechado para todos, e mais não disce, e assignou  
 com o Reverendo Padre Francisco Ferreyra commissario desta  
 diligencia, e eu o Padre Bento vellozo escriptaõ eleito o escre-  
 vy [Ass.] Jozeph Gonçalves  
 70 [Ass.] Ferreyra  
 vigario de Rodellas

Bartholameu Martins Ferreyra homem cazado morador  
 na Barra de Sancto Sé Freguezia de Sancto Antonio de Jaco-  
 bina, que vive de seus guados testemunha jurada dos San-  
 75 ctos Evangelhos em hum livro delles em que pos sua

---

<sup>123</sup> Nota de mão alheia.

maõ direita e prometeo dizer verdade, e do costume disce nada e de idade disce tinha trinta e tres annos. E sendo perguntado se sabia da prizaõ que se fes a Ioaõ de Souza Pereyra morador na mesma Freguezia, quem

[Fol. 9 v.]

- 80 quem o prendeo, e em nome de quem foi prezo, e se fes se  
questro em seus bens: disce que elle testemunha vira,  
e era publico, e notorio, que o ditto Joaõ de Souza Pereyra  
fora prezo em fins de septembro do anno passado por hum  
Religiozo Dominico Espanhol chamado Frey Jozeph de  
85 Eiguoareta, o quoal o foi prender na fazenda da Aldeya  
em nome de Sancto officio, levando contiguo a pena  
dos algumas pessoas para atal diligencia, as quais  
foraõ notificadas por hum Mestiço chamado Antonio Soa  
res dos Sanctos, e que com elle testemunha o vira, e nella,  
90 se asignava o ditto Religiozo por commissario Geral do San-  
cto officio nos Estados do Brazil: e depois de feita a pri-  
zaõ elle testemunha vira ao ditto Religiozo acompanhar  
o prezo com huma medalha descuberta: e que também  
era certo, que fizera sequestro em seus bens do ditto prezo  
95 em nome da Sancta Inquiziçaõ, e da mesma sorte note-  
ficou o tal Religiozo a elle testemunha para ser depo-  
sitario dos dittos bens sequestrados, e para delles tomar  
conta na fazenda do Urusê, ao que elle testemunha obe  
deceo, respeitando muito o nome da Sancta Inquiziçaõ  
100 e asignara termo de deposito dos dittos bens; mas que o  
mesmo Religiozo leuara contiguo tudo, o que era ouro,  
e prata, e algumas roupas dizendo que o levava para em  
tregar junto com o prezo. e os mais bens estão em poder  
della testemunha.
- 105 E sendo preguntado se conhecia o ditto prezo Joaõ de Souza  
Pereyra, que procedimento tinha, disce era christaõ velho,  
digo e se sabia se era christaõ velho: disce que o conhe-  
cia a septe para oito annos morador sempre na sua  
vizinhança, e que sempre vira nelle exteriores de bom  
110 catholico, maz que sempre ouvira dizer que elle era  
christaõ novo, porem que elle testemunha não sabia  
donde sahira este rumor, nem conhecia a origem  
do ditto prezo.
- 115 E sendo perguntado se sabia o motivo, que ouve para ser pre-  
zo o ditto Joaõ de Souza Pereyra, e a occasiaõ, que para isso  
deu: disce que elle testemunha o não sabia: so sim que

ouvir a dizer a Ignocencia da Asumpção Mulher de Bernardo Dantas de Araujo, aquoal ja he falecida, que Domna Ignacia de tal Mulher do ditto prezo Joaõ de Souza, morrera de veneno dado pello ditto seu Marido, que assim o publicara Phelipe de Santiguo: e que elle testemunha ouvira ao mesmo Phelipe de Santiguo que a ditta Domna Ignacia morrera de veneno, mais não declarava que o ditto Joaõ de Souza o tivesse dadõ, mais que a mesma defunta Ignocencia da Asumpção discera a elle testemunha que o dar Joaõ

[Fol. 10]

12<sup>124</sup>

Joaõ de Souza Pereyra o veneno a sua Mulher, fora por ella o reprehender de acoutar huma sagrada Imagem de hum Sancto Christo: e que huma escrava dos dittos chamada Esperança fora a que disto dera noticia a sua senhora, e que esta o fora espiar, e achara ser certo; mas que elle testemunha de si para si tem por falsa esta voz, e que não sabia se por esta cauza se fes a prizaõ, nem quem foraõ dos denunciantes, e sô sabe que o mesmo prezo se queixava muito de Phelipe de Santiguo, e de sua caza, o que fes repetidas vezes em presença delle testemunha, e mais não não disce, e assignou com o Reverendo viguario commissario desta diligencia, e eu o Padre Bento vellozo escrevaõ eleito o escrevy  
[Ass.] Ferreyra      [Ass.] Bartholameu *Martins* Ferreyra  
vigario de Rodellas

3<sup>a</sup>

Joaõ de Deos dos Sanctos homem cazado morador na fazenda da Aldeya Freguezia do Sancto Antonio da Jacobina que vive de criar guados de idade que disce ser de trinta, e oito annos testemunha jurada aos Sanctos Evangelhos em hum livro delles em que por sua mão direita, e prometeo dizer verdade, e do costume disce nada.  
E sendo perguntado elle testemunha se sabia da prizaõ, que se fes a Joaõ de Souza Pereyra morador na mesma Freguezia, quem o prendeo, em nome de quem se fes aprizaõ, e se se procedeo o sequestro nos bens do ditto prezo: disce que em o dia vinte e tres de setembro do anno passado vira elle testemunha prender ao ditto Joaõ de Souza Pereyra, e que o prendeo hum Religiozo Dominico Espanhol chamado Frey Jozeph de Eiguaretta, acompanhado de seis

---

<sup>124</sup> Nota de mão alheia.

155 ou septe pessoas, que para isso levou apennados da parte do santo  
 officio, e em nome do mesmo Sancto Tribunal oprendera mostran-  
 do huma Medalha de familiar, que elle testemunha vira:  
 e que perguntando lhe oprezos se o prendia a requerimento de alguém  
 160 lhe respondera o ditto Religiozo, que sô o prendia por ordem do  
 Sancto officio: e assim mesmo lhe fes sequestro em seus bens, que  
 elle testemunha vio, e delles fes depozitario a Bartholameu Mar-  
 tins morador na Barra do Sancto Sé e que he publico, e notario;  
 E sendo perguntado se conhecia a Joaõ de Souza Pereyra, que pro-  
 cedimento tinha, e se era christaõ velho: disce que o conhecia  
 165 a treze para catorze annos sempre com bom procedimento, ex  
 picial mente entres mezes, que viveo com elle em a mesma  
 caza, no quoa tempo, e sempre vio nelle sinais de bom chris-  
 taõ, e verdadeiro Catholico, e o tem por christaõ velho, ainda  
 que tenha ouvido huma voz vaga de que o ditto prezo he  
 170 christaõ novo, mas não sabe, que fundamento ouve para

[Fol. 10 v.]

Para este rumor, nem elle testemunha sabe da geração do prezo.  
 E sendo perguntado se sabia o motivo, que ouve passa ser prezo  
 o ditto Joaõ de Souza Pereyra, ou a occasiaõ que para isso deu  
 disce que depois da prizaõ feita o ditto Padre Dominico Caste  
 175 lhano lhe dera hum juramento da parte do Sancto officio para  
 dizer verdade, e que lhe perguntara se sabia que o prezo Joaõ de sou-  
 za Pereyra tinha morto a sua Mulher chamada Donna Igna-  
 cia de tal pello ter apanhado açoitando huma imagem de no-  
 sso senhor Iesus Christo: e que elle testemunha depoura, que  
 180 assim o tinha ouvido a hum Jozeph Pereyra morador na  
 Barra do Sancto Sé; mas que elle testemunha sabia com  
 realidade: antes o tem por falso, e que o ditto Jozeph Pereyra  
 lhe contanra tambem de ouvido sem lhe nomear, a quem o ti-  
 nha ouvido, e he homem di cujas palavras senaõ pode fiar  
 185 muito, por quoa tempo padece anotta da falta de verdade: e enten-  
 de elle testemunha, que deste principio rezultara a prizaõ do  
 ditto Joaõ de souza Pereyra, e mais não disce e assignou com  
 o Reverendo viguario commissario desta diligencia, e eu  
 o Padre Bento Velloso escrivao eleito o escrevy

190 [Ass.] Ferreyra [Ass.] Joaõ de Deos Dos Sanctos  
 vigario de Rodeillas

Pedro da Sylva Britto homem cazado morador na fazen

da do Boqueiranzinho Freguezia de Sancto Antonio da Já  
cobina, que vive de sua ogencia de idade que disce ser  
195 de trinta e oito annos pouco mais ou menos testemunha ju-  
rada aos Sancto Evangelhos em hum livro delles em  
que pos sua mão direita e prometeo dizer verdade, e  
do costume disce nada  
E sendo perguntado elle testemunha se sabia da prizaõ  
200 feita a Joaõ de Souza Pereyra, quem o prendeo, em nome de  
quem foi prezo, e se sequestraraõ seus bens; a tudo disce  
que sabia ser verdade, que o ditto Joaõ de Souza fora pre-  
zo na fazenda da Aldeya, e que elle testemunha ovira pre-  
zo, e que hum Religiozo Dominico Estrangeiro chamado Frey  
205 Jozeph de Eiguareta o prendera da parte do sancto officio,  
levando consigo algumas pessoas notificadas por hum  
Mestiço chamado Antonio Soares dos Sancto da parte do san-  
to officio por ordem de tal Religiozo, que se dezia fami-  
liar, e elle lhe mostrou huma medalha de familiar: e tam-  
210 bem que da parte da Sancta Inquiziçaõ sequestrara os bens  
do dito prezo, fazendo depozitario delles a Bartholomeu  
Martins morador na Barra do Sancto Sê.  
E sendo perguntado se conhecia ao ditto prezo Joaõ de Souza  
Pereyra, o seu procedimento, e se era christaõ velho: disce

[Fol. 11]

215

13<sup>125</sup>

Disce que a mais de doze annos conhece ao ditto Joaõ de  
souza Pereyra por morar na sua vezinhança, e que sempre  
lhe parecera bom christaõ no seu viver externo, e com bom  
220 procedimento, e que o tinha em conta de christaõ velho, a  
inda que havia certo rumor de que o não era: mas que  
elle testemunha o não sabia: nem tambem donde  
nasceo essa fama, e que não conhece os seus troncos, nem  
sabe donde he oriundo.  
225 E sendo perguntado se sabia o motivo, e occasiaõ, que ouue  
para, ser prezo o ditto Joaõ de Souza Pereyra: disce, que  
não sabia couza alguma desta materia, e al nao disce, e  
assignou com o Reverendo viguario commissario deste dili-  
gencia, e eu o Padre Bento vellozo escriptaõ eleito o es-  
230 Crevy  
[Ass.] Ferreyra [Ass.] Pedro da Sylva e Britto

---

<sup>125</sup> Nota de mão alheia.

235 Francisco correya Pitta homem cazado morador na fazen  
 da da Laguoia Freguezia de Sancto Antonio da Jacobina que  
 vive de suas lavouras de idade que disce ser de corenta e tres  
 annos pouco mais, ou menos testemunha jurada aos Sanctos  
 Evangelhos em hum livro delles, em que pos sua Mao direita,  
 e prometeo dizer verdade e do costume disce nada.  
 240 E sendo perguntado elle testemunha se sabia da prizaõ feita  
 a Joaõ de Souza Pereyra, quem o prendeo, em nome de quem  
 foi prezo, e se se lhe sequestraraõ seus bens: disce, que sabia  
 por ser publico e notorio, que o ditto Joaõ de Souza Pereyra  
 fora prezo por hum Religiozo Dominico Estrangeiro, cujo  
 245 nome não sabe, a quaol prizão fes o ditto Padre em nome  
 do Sancto officio, levando para isso algumas pessoas, que  
 mandou notificar pro hum Mestico chamado Antonio soares  
 dos Sanctos da parte da Sancta Inquizição, e tambem sabe  
 pella mesma rezão acima dada, que lhe sequestrou ao pre-  
 250 zo todos os bens, que lhe achou, e fes delles deposito em mao  
 de Bartholomeu Martins morador na Barra do Sancto Sê, le  
 vando consiguo o ditto Padre o dinheiro, ouro, e pratta, que  
 lhe achou.  
 255 E sendo perguntado elle testemunha se conhecia ao ditto Jo  
 aõ de Souza Pereyra, o seu procedimento, e se sabia se era Chris  
 tãõ velho: disce que ha catorze annos pouco mais, ou menos  
 o conheceu sempre com bom procedimento, e nunca vera ne-  
 lle acção alguma, que não fosse de catholico, e bom  
 christaõ: e que desde o tempo que o conhece sempre ouvio  
 260 dizer, que o ditto naõ era christaõ velho, maz que elle  
 testemunha o nao sabia, como tambem ignorava o prin-

[Fol. 11 v.]

O principio que ouve desta fama, nem tampouco sabe da  
 origem do ditto prezo.  
 E sendo perguntado se sabia o motivo, que ouve para ser prezo  
 265 o ditto Joaõ de Souza Pereyra, e a occasiaõ que elle deu  
 para ser prezo: disce não sabia couza alguma con certe  
 za: mas que ouvira dizer vagua mente, que fora por elle  
 matar sua Mulher Donna Ignacia de tal, por esta o olhar  
 acoutando huma Imagem de nosso Senhor Iezus christo cru-  
 270 cificado, mas que elle testemunha o nao sabia se era verdade.



Mais disce que elle testemunha ha mais de tres annos ou  
vio dizer, e de proximo o tornou a ouvir a hum Antonio Ribeyro Sar  
dinha, que em huma noite sonhora estar vendo a Joaõ de sou-  
za Pereyra, açoutar a hum Sancto christo, e que de manhaã  
275 contara o seu sonho a hum Jozeph Pereyra morador na Bar-  
ra do Sancto Sê, e este antão a fes publico: e se persuade  
elle testemunha, que deste principio nasceo a infamia, e pri-  
zaó do ditto prezo Joaõ de Souza Pereyra: e mais disce  
280 que o sobre ditto Jozeph Pereyra està avaliado por indigno  
de credito; e tambem por pouco escrupolozo em jurar falso o  
que he fama publica entre a sua vizinhança, e mais  
não disce e assignou com o Reverendo viguario commissario  
desta diligencia, e eu o Padre Bento vellozo escrivão  
eleito o escrevy  
285 [Ass.] Ferreyra [Ass.] Francisco Correya Pitta  
viguario de Rodellas

6<sup>a</sup>

Jozeph carvalho da conceicao homem cazado morador na I-  
lha da Aldeya Freguezia di nossa Senhora da Conceição do Ro-  
290 dellas, que vive de suas lavouras, de idade, que disce ser  
de sincoenta, e hum annos testemunha jurada aos Sanctos  
Evangelhos em hum livro delles em que pos usa mão di-  
reita, e prometeo dizer verdade e do costume disce nada  
E sendo perguntado elle testemunha se sabia da prizaõ feita  
295 a Joaõ de souza Pereyra, quem a fes, em nome de quem foi fei-  
ta, e se se fes sequestro em seus bens: disce que sabia por ser  
publico, e notorio, que na fazenda da Aldeya em cuja vizinhança  
elle testemunha se achava, foi prezo Joaõ de Souza Pereyra  
por hum Religiozo Dominico castelhano Frey Jozeph de tal,  
300 e que em nome do Sancto officio se fes a ditta prizaõ, Le-  
vando para isso varias pessoas notificadas da parte da San-  
cta Inquizição, e que da mesma se lhe fes sequestro em seus bens.  
e delles se fes depozito em mão de Bartholomeu Martins mora-  
dor na Barra do Sancto Sê.  
305 E sendo perguntado se sabia do procedimento do ditto Joaõ de sou-  
za Pereyra, se o conhecia, e se era christaõ velho: disce que  
o conhecia, mas que do seu procedimento nunca ouvira fal-

[Fol. 12]

14<sup>126</sup>

310 Fallar mal: e so depois de falecida a Mulher do dito  
prezo ouvira dizer, que elle a matara por respeito de suas  
escravas; e que elle testemunha não sabia seo ditto prezo  
he christao velho, ou nao, nem saber donde he oriun-  
do: que algumas vezes ouvio dizer, que o ditto prezo era ju-  
315 deu por castiguar aspera mente os seus escravos, e nao ser  
prestadio aos seus vezinhos: e que lhe [saberaõ?] ter lançado  
ao rio hum seu escravo com huma pedra ao pescoço, o que elle  
testemunha sabe ser falso, por que o ditto escravo foi visto  
passar para a Piaugui.  
E sendo perguntado se sabia o motivo, e occaziaõ, que ouve pa-  
320 ra ser prezo Joaõ de souza Pereyra: disce que elle teste-  
munha não sabia, mas que tem sô mente ouvir dizer  
em voz com mua, que fora prezo por judeu sem darem  
mais rezaõ: nem tampouco sabe, quem foraõ os que o de-  
nunciaraõ, e mais não disce, e assignou com o Reverendo viguario  
325 commissario desta diligencia, e eu o Padre Bento vellozo  
escrivão eleito o escrevy.

[Ass.] Ferreyra  
viguario de Rodellas

[Ass.] Jozeph Carvalho da consseicaõ

7<sup>a</sup>

330 Joaõ de Barros Reguo homem cazado morador no Emcabe Fre-  
guesia de Sancto Antonio da Jacobina, que vive de suas lavouras  
de idade, que disce ser de corenta, e tres annos pouco mais, ou me-  
nos testemunha jurada aos Sanctos Evangelhos em hum livro  
delles em que por sua mão direyta e prometeo dizer verdade  
335 e do costume disce nada.  
E sendo perguntado elle testemunha se sabia da prizaõ feita  
a Ioaõ de souza Pereyra, quem o prendeo, em nome de quem  
se fes a prizaõ, e se se procedeo a sequestro em seus bens: disce que  
elle testemunha sabia por ser publico, e notorio, que o ditto Joaõ  
340 de souza Pereyra fora prezo na fazenda da Aldeya por hum  
Padre Dominico castelhano chamado Frey Jozeph de higuaore-  
ta em nome do sancto officio, de que se publicava familiar  
mostrando huma Medalha, e intimando lhe obedecessam, como  
atal, e levava para atal diligencia muitos homens apennados,  
345 e que da parte da Sancta Inquizição sequestrava os bens do dito

---

<sup>126</sup> Nota de mão alheia.

prezo e deles fizera depozito em mao de Bartholomeu Martins, mas que o ditto Padre levava consigo o dinheiro, ouro, pratta, que achou ao ditto prezo, e algumas couzas mais de que elle testemunha não tem individual noticia.

350 E sendo perguntado se conhecia a Joaõ de souza Pereyra, e o seu procedimento, e se sabia se era christao velho: disce que a nove, ou dez annos o conhece, e alguns dias aestio em sua mesma caza e nunca nelle vio couza alguma, que parecesse ser contra

[Fol. 12 v.]

Contra a nossa Sancta fê, antes nelle vio muitas  
 355 acçoiz de bom catholico, e verdadeiro christaõ, e que tambem tinha ouvido huma voz com mua, de que o ditto prezo Joaõ de souza Pereyra era christaõ novo, mas que elle testemunha não sabia, nem conhecia a sua geraçaõ.  
 E sendo perguntado se sabia o motivo, e occasiaõ que ouve  
 360 para ser prezo o ditto Joaõ de souza Pereyra: disce que não sabia, nem tampouco tinha noticia, de quem o denunciou. Mas que ouvira dizer a hua Mulher, cujo nome não sabe, o quaol vinha em companhia do ditto Padre Frey Jozeph de higuoreta; que o ditto prezo Ioaõ de souza Pereyra  
 365 costumava açoutar huma Imagem de nosso senhor Iezus Christo com humas correyas, que se guordavao em hua canastra, e que isto tinha ouvido atal Mulher a escravas do mesmo Joaõ de Souza: Porem que elle testemunha perguntando esta as dittas escravas, ellas o neguaraõ forte mente, di-  
 370 zendo, que o suposto seu senhor as tratava com rigor, e muita aspereza de castiguo, não era isso bastante para lhe levantarem hum falso testemunho em materia taõ pezada, e desta voz vaga prezume elle testemunha se originou a prizaõ do ditto Joaõ de Souza Pereyra, e mais não disce  
 375 e assignou com o Reverendo viguario commissario desta diligencia, e eu o Padre Bento vellozo escrivão eleito o es Crevy

[Ass.] Ferreyra

[Ass.] Joaõ de Barros Rego

viguario de Rodellas

380 8 Antonio Ramos homem cazado morador no Boqueiranzinho Freguezia de Sancto Antonio da Jacobina, que vive de suas lavoura, e criar seus guados de idade que disce ser de vinte e sinco annos pouco mais, ou menos testemunha jurada aos Sanctos Evangelhos em hu livro dellas em que pos

385 sua mao direita e prometeo dizer verdade, e do costume  
disce nada.  
E sendo perguntado elle testemunha se sabia da prizaõ que se  
fes a Joaõ de souza Pereyra, quem a fes, em nome de quem,  
se fes, e se se procedeo a sequestro em seus bens: disce, que  
390 elle sabia por ser publico e notorio que o ditto Joaõ de souza  
Pereyra fora prezo na fazenda da Aldeya de mesma Fre  
guesia, que o prendera hum Padre Dominico estrangeiro  
chamado Frey Jozeph de tal, e que este fizera atal prizaõ  
em nome de sancto officio, dizendo, que era familiar  
395 de que mostrara hua medalha, que elle testemunha um  
itas vezes vio, e que em nome da Sancta Inquiziçaõ se-  
questrava todos os bens do ditto prezo, e dellas fes depozito  
em mao de Bartholomeu Martins morador na Barra  
do Sancto Sê, e que levava o ditto Padre consiguo

[Fol. 13]

400

15<sup>127</sup>

consiguo algumas couzas que elle testemunha não  
sabe individual mente  
E sendo perguntado se conhecia Joaõ de souza Pereyra,  
e o seu procedimento, e se sabia se era christao velho: disce  
que o conhecia, e lhe parecia hum bom christao; mas que  
405 não sabia se era christao velho, antes tinha ouvido vul  
guar mente, que o ditto Joaõ de souza Pereyra era Chris  
taõ novo, mas que disto não sabia a verdade, nem sabia  
donde era oriundo o nem conhecia seus trancos.  
E sendo perguntado elle testemunha se sabia o motivo, e occa  
410 ziao, que ouve para ser prezo o ditto Joaõ de souza Pereyra:  
disce não sabia couza alguma con certeza: so sim que  
ouvira hum boacto de que o ditto prezo Joaõ de souza açou-  
tara hum Imagem de nosso senhor Iezus christo, e que  
a defunda Mulher do ditto prezo em sua vida o achara  
415 nesta maldade: e que elle testemunha sendo apennado  
da parte do sancto officio para acompanhar atal prezo  
athe a Jacobina, e chegando a hum lugar chamado  
Tamanduâ ahi levava prezo o requerimento do di-  
tto Joao de souza a hum Luiz Barreiros, e perguntando o ditto  
420 Padre ao Prezo Joao de souza para que queria tambem  
prezo ao ditto Luis Barreiros, lhe respondeo, que o queria pa-

---

<sup>127</sup> Nota de mão alheia.

ra no Tribunal da Sancta Inquiziçaõ lhe dar a elle dito  
 Joao de souza as culpas, que sabia de sua vida, ao que  
 replicou o ditto Padre ao mesmo Joao de souza Perey-  
 425 ra [se se contantava?] com que o preditto Luis Barreiros  
 declarasse diante das testemunhas, que presentes se  
 achavao as culpas delle sabidas, e convindo nisto; disce  
 publica mente Luis Barreiros, que; o que delle as  
 bia era somente ter ouvido, que elle açoutara  
 430 huma Imagem de hum sancto christo, que sua  
 Mulher ja defunta o tinha apanhado nisso, e o contara a  
 Faustina Soares moradora na Barra do Sancto Sé, e  
 que a ditta Faustina Soares passara esta noticia a  
 seu genro Manoel Gomes, e este a communicara a elle  
 435 ditto Luis Barreiros, e que tambem o mesmo Manoel Go-  
 mes lhe discera ao ditto Barreiros, que Joaõ de souza por esta  
 couza mal tratara a sua Mulher Domna Ignacia da  
 tal athe a matar com veneno, nisto tudo mandou escre-  
 ver o tal Padre, e assignar varias pessoas, que presentes se  
 440 achavao, em *que* elle testemunha tambem assignou, e mais disce  
 que este Luis Barreiros he total mente conhecido por men-  
 tirozo, e que entre os seus vezinhos senão da credito ao que  
 elle dis.  
 Disce mais elle testemunha, que nesta viagem chegaraõ  
 445 ao luguar chamado varze do Sargento ahi apparecera o ditto

[Fol. 13 v.]

O ditto Padre Dominico Castelhana com hum bolsinha  
 na maõ e olhando para o ditto prezo lhe perguntara se aque-  
 lla bolsa era sua, e respondendo-lhe que sim, elle di-  
 tto Padre lhe meteo hum canivete, e abrindo-a tirou  
 450 de dentro diguo mostrou a elle testemunha, e os mais  
 que presentes se achavaõ huma particula, que estava den-  
 tro da tal bolsinha sem atirar do luguar em que estava,  
 e perguntando ao ditto prezo; quem lhe dera a tal bolsinha,  
 elle lhe respondeo, que aquellas relliquias lhe dera o Padre  
 455 Missionario Guabriel Malagrida, sem mais declaração  
 e que a tinha guoardada emquoanto mandava fazer hum  
 caixilho de pratta para atracar dentro, e mais o não disce  
 e assignou com o Reverendo viguario commissario desta  
 diligencia, e eu o Padre Bento vellozo escrivão elei-  
 460 to o escrevy.  
 [Ass.] Ferreyra                      [Ass.] Antonio Ramos

## viguario de Rodellas

9 Joao Baptista Neves, homem Solteiro morador no Boqueiraó-  
 zinho, Freguezia de Sancto Antonio da Jacobina, que vive de  
 465 criar seus guados, de idade, que disce ser de trinta e tres a  
 nnos pouco mais, ou menos, testemunha jurada aos sanctos  
 Evangelhos em húm livro delles, em que pos sua mao direi-  
 ta, e prometeo dizer verdade, e do costume disce nada.  
 E sendo perguntado elle testemunha se sabia da prizaõ feita  
 470 a Joao de souza Pereyra, quem o prendeo, em nome de quem  
 foi prezo, esse se fes sequestro em seus bens: disce que elle tes-  
 temunha sabia por ser publico, e notorio, que o ditto Joao de sou-  
 za Pereyra fora prezo na fazenda da Aldeya, e que elle tes-  
 temunha o vira prezo em ferros, e que o acompanhara notefica  
 475 do da parte do sancto officio athe a Jacobina: E que tambem  
 sabia por ser publico, que o prende hum religiozo do habito  
 branco, que falava castelhano, cujo nome elle testemu-  
 nha não sabe: E tambem sabe pella mesma rezaõ,  
 que a prizaõ se fes em nome do sancto officio, e que da par-  
 480 te da sancta Inquizicaõ se fes sequestro nos bens do ditto  
 prezo, dos quoaes se fes depozito em mao de Bartholomeu  
 Martins morador na Barra do Sancto Sê, eque o ditto Padre  
 levava consigo o dinheiro, que se achou se do ditto prezo.  
 E sendo perguntado se conhecia o ditto Joao de souza Pereyra,  
 485 que procedimento tinha, e se era christao velho: disce, que co-  
 nhecia ao ditto Joaõ de souza Pereyra a mais de doze annos, e que  
 nelle vira sempre acções, e exteriores de bom christao, e que tam-  
 bem tinha ouvido huma fama vulgar, de que o ditto era Chris-  
 taõ novo, mas não sabia donde procedia esta fama, nem  
 490 conhecia os troncos do ditto prezo.  
 E sendo perguntado, que motivo, e occasiao ouve para ser prezo o dit-  
 to Joaõ de souza Pereyra: disce, que elle testemunha não

[Fol.14]

16<sup>128</sup>

495 Não sabia con certeza couza alguma sobre esta materia,  
 mas que se persuadia, que resultaria a prizaõ do ditto Joao de souza  
 de hum susurro, que se espalhou na sua vezinhança de que o ditto  
 Joaõ de souza açoutara huma Imagem de nosso senhor Iezus  
 christo, e que a defunta sua Mulher o apanhara huma nou-

---

<sup>128</sup> Nota de mão alheia.

te nesta maldade: e o que elle testemunha não sabia se era  
 500 verdade, que isto mesmo o ouvio a hum Luis Barreiros seu  
 vezinho, que asim o depoz em prezença do ditto Padre castelha  
 no, estando prezo, o ditto Luis Barreiros a requerimento do ditto  
 João de souza Pereyra: E dizia, que a defunta Mulher do dit-  
 to João de souza se queixara desta maldade de seu Marido  
 505 a Faustina Soares, e que esta participara atal noticia a seu  
 genro Manoel Gomes de quem o soube o ditto Luis Barreiros  
 Do que tudo o ditto Padre mandou escrever hum termo, em  
 que elle testemunha, e os mais seus vezinhos tem a este Luis Barrei-  
 ros por indigno de credito, e está reconhecido, e averiguado por gran-  
 510 de mentirozo, e ninguem se fia do que elle dis;  
 Disse mais elle testemunha ouvira ao ditto Padre chamar-se fami-  
 liar do sancto officio, e que elle testemunha oira muitas vezes ao  
 ditto Padre huma medalha, que apresentava dizendo lhe o  
 bedecessem, como tal, e em nome do sancto officio apenava  
 515 gente, tomava cavallos, e tudo o mais que lhe parecia.  
 Disce mais na viagem, que fes a Jacobina, acompanhando ao dito  
 prezo, e Padre cheguando a varze comprida do sargento, estan-  
 do aranchados na ditta paragem o Padre castelhano mandou  
 chamar a elle testemunha, e os mais da cometiva, e perante todos  
 520 mostrou ao prezo Joao de souza huma bolsinha e lhe perguntou  
 se era sua, e quem lhe tinha dado: E respondendo lhe o prezo João  
 de souza era sua, e que lhe dera o Padre Missionario Guabriel  
 Malagrida da companhia de Iezus, mostrou o ditto Padre dentro da  
 tal bolsinha huma particula, que elle testemunha vio, e repetin-  
 525 do atal Padre Castelhano, que não era possivel, que o Padre Mala-  
 grida lhe desse atal particula; respondendo o prezo, que o tal Padre Mi-  
 ssionario lhe dera aquella bolsinha com aquellas reliquias, que eraõ hum  
 Agnos Dei, e em outras occaziois perguntado pello mesmo Padre, sem-  
 pre o ditto prezo insistio na mesma repostas, e mais não disce, e asig-  
 530 nou com o Reverendo viguario, e declarou mais elle testemunha que  
 naquella bolsinha, em que elle testemunha assignou, mas que a não  
 uio achar, nem prezenciou abrir a ditta bolsa: E tambem que  
 a ditta bolsa hia em poder do ditto Padre havia muitos dias: E que  
 naquelle luguar tirou as contas ao prezo por donde rezava, e hum san-  
 535 tinho que trazia de nossa Senhora do Carmo dizendo lhe, que quem  
 fazia aquellas couzas, que era excuzado rezar, e mais não disce, e a  
 signou com o Reverendo viguario com missario desta diligencia,  
 e eu o Padre Bento vellozo escrivão eleito o escrevy.  
 [Ass.] Ferreyra [Ass.] João Baup<sup>t</sup>ista Neves  
 540 viguario de Rodellas

[Fol. 14 v.]

10      Manoel Carvalho de souza homem solteiro, que vive de  
seus negocios, morador na Barra da Sancto Sê Freguezia de  
Sancto Antonio da Jacobina, de idade, que disce ser de trinta  
545      Evangelhos em hum livro delles, em que pos sua mão direi-  
ta e prometeo dizer verdade, e do costume disce nada.

E sendo perguntado elle testemunha se sabia da prizaõ fei-  
ta a João de souza Pereyra, quem o prendeo, em nome de  
550      quem se prendeo, e se se fes sequestro em seus bens: disce que  
elle testemunha vira prezo em ferros ao ditto Joaõ de Souza  
Pereyra, e tambem sabia por ser publico, e notorio, o que prende  
ra hum religioso Dominico Castelhano, cujo nome não sabe,  
o quaol fizera a prizaõ em nome do sancto officio, levando com  
555      siguo algumas pessoas notificadas da parte da sancta Inquizi-  
çaõ, e que assim mesmo lhe fes sequestro nos seus bens; fazendo  
depositario delles a Bartholomeu Martinz morador na Barra  
de Sancto Sê: E disce mais, que era fama publica, que  
o tal religioso levava consigo todo o dinheiro, ouro, e pratta,  
560      que se achou ser do ditto prezo.  
E sendo perguntado se conhecia ao sobre ditto prezo Joaõ de  
Souza, que procedimento tinha, e se era christaõ velho: disce  
que conhecia ao ditto prezo a nove para dez annos, e que em todo este  
tempo ovio com bom procedimento, e com exteriores de bom christaõ,  
565      mas que debayxo disso corria fama vulgvar entre os vezinhos  
de ser o ditto Joaõ de souza Pereyra christaõ novo, mas que elle  
testemunha não conhecia seus trancos.

E sendo perguntado se sabia o motivo, e occaziaõ, que ouve para  
ser prezo o ditto Joaõ de souza Pereyra; disce, que elle testemunha  
570      não sabia desta materia couza alguma de certeza, nem tampou  
co, quem foraõ, os que denunciaram o ditto prezo ao tal Padre Do-  
minico, que se publicava familiar de sancto officio e elle  
testemunha lhe vira huma medalha; com a quoal manifesta  
apennava homens; tomava cavallos, e o mais que lhe parecia da  
575      parte do sancto officio para o conduçaõ do ditto prezo.

Disce mais, que antes de ser prezo Joaõ de souza Pereyra elle  
testemunha ouvira dizer, que o ditto Joaõ de souza açoutara huma  
Imagem de nosso senhor Iesus christo, e que Domna Ignacia de  
tal Mulher do ditto prezo o apanhara nesta maldade, e que as  
580      suas mas maz escravas tinhaõ isto mesmo publicado; Mas que elle



testemunha não ouviu isto; nem as mesmas escravas, nem a pessoas de credito, e sô sim por huma uos vaga, e Mais não disce, e assignou com o Reuerendo viguario commissario desta diligencia, e eu o Padre Bento vellozo escrevaõ eleito o escrevy

585 [Ass.] Ferreyra [Ass.] Manoel Carvalho desousa  
Viguario de Rodellas

11 Faustina soares da cunha Mamaluca Mulher ueuua, que vive

[Fol. 15]

17<sup>129</sup>

590 que vive de suas costuras moradora na Barra do sancto Sé Freguezia de sancto Antonio de Jacobina testemunha referida neste summario, e jurada aos Sanctos Euangelhos em hum liuro delles, em que pos sua mão direita, e prometeo dizer verdade, e do costume disce nada.

595 E sendo perguntada ella testemunha se sabia da prizaõ feita a Joaõ de souza Pereyra, quem o prendeo, em nome de quem foi prezo, e se se fes sequestro em seus bens: disce, que sabia por ouvir dizer publica mente, que o ditto Joaõ de souza ; fora prezo na fazenda da Aldeya por hum frade de saõ Domin gos castelhano, cujo nome não sabe, o quaol levara algumas  
600 pessoas notificadas da parte do sancto officio para atal diligencia, e da parte do mesmo sancto officio prendera ao ditto Joaõ de souza Pereyra, e lhe sequestrara seus bens; os quoaes ficarão depositados em mão de Bartholomeu Martins morador na Barra do Sancto Sê.

605 E sendo perguntada se conhecia o ditto Joaõ de souza Pereyra, o seu procedimento, e se era christaõ velho: disce, que o conhecia ha catorze annos, que era sua vezinha, e sempre ovira com bom procedimento, e lhe parecia bom christaõ pello ver muito devotto, em rezar, Jejuar, e ouvir missa quando a havia,  
610 e sempre o teve por christaõ velho, ainda que alguma fama havia, de que o não era, mas que ella testemunha não sabia, que principio ouve para este rumor, nem conhecia a geração do ditto prezo.

615 E sendo perguntada se sabia o motivo, que ouve para ser prezo o ditto Joaõ de souza, e a occasiaõ, que ella para isso deu: disce que ella testemunha o não sabia: sô sim se persuadia nascer, de huma voz *quena* sua vezinhança se espalhou, de que o ditto Joaõ de souza Pereyra açoutara huma Imagem de nosso senhor Iesus

---

<sup>129</sup> Nota de mão alheia.

christo, e que Domna Ignacia de tal sua Mulher o achara  
 620 nesta culpa.  
 E sendo perguntada se isto e a verdade, e tambem, que a  
 dicta Domna Ignacia se tivesse queyxado a ella ditta teste-  
 munha deste detestavel, e horrendo crime, crime do ditto seu  
 Marido Joaõ de souza Pereyra: disce que nunca tal ou  
 625 vira da bocca da ditta Domna Ignacia: e sô sabia por  
 ouvir dizer, que hum Antonio Ribeyro Sardinha haverá  
 tres para coatro annos discera ter sonhado, que Joaõ de sou-  
 za Pereyra mal tratava sua Mulher por ella o achar açou  
 tando hum sancto christo, e que ouvindo isto hum Jozeph  
 630 Pereyra morador na Barra de sancto- Sê, o fora contar, não já,  
 como sonho, mas confirmando o que o tinha ouvido a escravas  
 do ditto Joaõ de souza Pereyra, e isto o contou a Manoel Gomes  
 de Mello genro dela ditta testemunha, e que este lhe conta-  
 ra a ella, e que ella testemunha lhe respondeo, que de tal não  
 635 sabia, nem era cousa de fallar. Disce mais, que ella testemunha  
 nunca disce outra cousa fora do que tem deposto, e que he tes-  
 temunho falso o dizer-se, que a defunta Domna Ignacia Mulher  
 do prezo Joaõ de souza manifestasse a sobre ditta materia, e quey-  
 xa a ella testemunha, como era publico, que hum Luis Bar-

[Fol. 15 v.]

640 Barreyros o depuzera nolugar deTamanduâ ao sobre  
 ditto Padre de saõ Domingos, e mais não disce, e por não  
 saber escrever assignou por ella o Reuerendo viguario o  
 Padre Francisco Ferreyra commissario desta diligen-  
 cia, e eu o Padre Bento vellozo escriptaõ eleito o escre-  
 645 Vy

[Ass.] Francisco Ferreyra  
 Vigario de Rodellas

Esperança Pretta do gentio de guinë, Escrava do ditto prezo  
 Joaõ de souza Pereyra, testemunha referida neste summario,  
 650 a quem o Reverendo Viguario commissario desta dilligen-  
 cia deu juramento ao Sanctos Evangelhos, explicando lhe  
 com particular dilligencia, e clareza a obrigaçaõ, que tinha de fal-  
 lar verdade, por não faltar a obrigaçaõ de christaã, declarando-lhe  
 tambem, que couza he juramento, e peccado grande, que commette  
 655 quem debayxo delle negua a verdade, e oculta, o que sabe: Ella  
 o recebeo pondo sua mãõ direita em hum liuro delles prometten-  
 do dizer tudo, o que soubesse acergua do que lhe fosse pergunta-

do: E de idade mostra ser de athe trinta annos.

E sendo perguntada se era verdade, que ella ditta achara  
 660 a seu senhor o prezo Joaõ de souza Pereyra açoutando huma Imagem de  
 nosso senhor IESU christo: e disto dera parte a sua senhora; para tam  
 bem o ver: disce que nungua tal vira ella testemunha, nem ouvira  
 a suas parceiras, que tal oissem, nem menos a sua senhora; e que era  
 falso testemunho, que levantavaõ a seu senhor, e senhora, e também  
 665 a ella e mais não disce: E por ser pretta, escrava, e que naó sabe  
 escrever assignou sô o Reuerendo Viguario, e eu o Padre Bento vel-  
 lozo escriuaõ eleito o escrevy

[Ass.] Francisco Ferreyra  
 Vigario de Rodellaz

670 Termo das testemunhas referidas  
 que não depuzeraõ.

Aos dezoito dias do mes de Janeiro de mil, e settecentos, e corenta  
 annos nesta Barra da Sancto Ce, Freguezia de Sancto Antonio da Ja-  
 cobina, onde se achava o Reverendo Francisco Ferreyra viguario do Ro-  
 675 dellas, commissario desta diligencia com miguio escriuaõ eleito abayxo  
 nomeado, e asignado, por elle foi mandado ao Padre Bernardo Soares  
 procurasse a Luis Barreyros, Antonio Ribeyro Sardinha, Jozeph Perey-  
 ra, e Manoel Gomes de Mello, para virem depor neste summario por serem  
 nelle referidos, e loguo pello ditto Padre foi ditto, que os tres ultimos lhe cons-  
 680 tava estarem absentes, a muitas legoas distantes: E que o primeyro não aparecia , e  
 havia prezunção se ocultava: E por esta rezaõ não foraõ inquiridas, de que man-  
 dou fazer esta declaração, e termo; Em que ambos com o ditto Padre Bernardo  
 Soares nos asignamos, e eu o Padre Bento vellozo escriuaõ eleito o escre-  
 Vy

685 [Ass.] Bernardo Soares [Ass.] Padre Bento vellozo  
 [Ass.] Francisco Ferreyra  
 Vigario de Rodellas

[Fol. 27<sup>130</sup>]

- 1 Summario de testemunhas tirados no sitio da Barra do Sancto Ce Freguezia de santo  
Antonio de Jacobina do Arcebispado da Bahia por ordem, e com missão do Muito Reve-  
rendo Doutor Antonio Rodrigues Lima, Deam da see da Bahia, e commissario do  
santo officio, aquem era entregue remettida por mim escriuaõ eleito para a tal
- 5 diligencia abayxo asignado. Barra do sancto Ce 19 de Janeiro de 1740

<sup>130</sup> Esta folha foi inserida neste anexo por ser um documento que faz relação com os documentos anteriores apresentados no anexo 5.

vai [ouido?] com cinco pontos de tina branca dobrado com tres fios, a lacrada com cinco, pinguos de lacre vermelho por branda.

[Ass.]Padre Bento vellozo

Por fiel.



## ANEXO 6 – Documento do Vigário e Padre Francisco Ferreira

[Fol. 16]

1

18<sup>131</sup>

### Informação

5 Obedecendo a ordem, e commissão, que pelo *Muito Reverendo* Doutor Antonio Rodrigues Lima  
 Deaó da See Metropolitana da Bahia, e Commissario do Sancto Officio me foy mandada, e -  
 em meo poder ficar, para tomar conhecimento da prizaõ de Joaõ de Souza Pereyra feita por Frey Iocê  
 de Higuareta Religiozo Dominico Hespanhol, e de como se procedeo a esta prizaõ: e em nome  
 de quem foy feita, e sequestrados seos bens: do procedimento, e genere do ditto prezo, e da occaziaõ  
 e motiuo que elle para isso deo: ordenando me que com hum sacerdote por mim eleito fizesse  
 hum summario de dez, ou doze testemunhas legaes, que bem depossem de todo este facto: e de=  
 10 clarasse por minha informação o conceito que das testemunhas faço, e o meo parecer e juizo acerca  
 de todo este procedimento: eu Francisco Ferreyra Vigario collado na Igreja Matriz de Nossa  
 Senhora da Conceição de Rodellas, e Vizitador actual das freguezias do Sertão do Sul do Bis-  
 pado de Pernambuco por sua *Excelentissima Reverendissima*, vim a este lugar chamado Barra do Santocê freguesia  
 de Sancto Antonio da Jacobina do Arcebispado da Bahia, e para o mesmo lugar convoquei ao *Padre*  
 15 Bento Vellozo sacerdote do habito de *Saõ* Pedro morador no Pillaõ arcado destricto da minha fre=  
 guezia, e o elegi escrevaõ da diligencia que me fora *commettida*, por me parecer de boa capacidade, e a-  
 justado procedimento: e com elle fiz o summario, que remetteo.

As once primeiras testemunhas que depuzeraõ no corpo deste Summario, uveraõ a minha  
 prezença notificadas da parte do Sancto Officio pelo Padre Bernardo Soares sacerdote do habito de *Saõ*

---

<sup>131</sup> Nota de mão alheia.

20 Pedro morador na passage do Joareyro destricto taõ bem da minha freguezia por ordem minha: e a estaz mandey notificar por me parecerem christaõs velhos, e de melhor nota, e que bem deporiam de todo o facto por serem vizinhos do prezo, e na sua vizinhança se fazer a ditta prizaõ. As duas ultimas por serem referidas, as fiz chamar, e inquirir e mandey escrever seos dictos. O conceito que dellas tenho, he o-Seguinte

25 Domingos de Souza Penedo hé homem branco, foy meo freguez, e sempre o tive por bem procedido, verdadeyro, temente a Deos, e christaõ velho.

Jocê Gonçalves he homem branco, meo freguez, e o tenho por bem procedido, verdadeyro, timorato, e christaõ velho.

30 Bartholomeo Martins Ferreyra he homem branco, parece me bem procedido, e christaõ velho, he freguez de Jacobina.

Joaõ de Deos dos Sanctos he homem branco, freguez de Jacobina, tenho verdadeyro, timorato, bem procedido, e christaõ uelho.

Pedro da Sylva e Britto he homem branco, freguez de Jacobina, conheçoo por verdeyro, e bem procedido, e me parece christaõ velho, e por tal o tive sempre.

35 Francisco Correa Pitta he homem branco, freguez de Jacobina: delle tenho bom conceito, e em conta de verdadeyro, e christaõ velho.

Joce Carvalho da Conceição he meo homem, digo he meo fregues, homem branco, temente a Deos, verdadeyro, e bem procedido, e o tenho em conta de christaõ velho.

40 Joaõ de Barros Rego he homem branco, fregues de Jacobina, parece me temente a Deos e christaõ velho.

[Fol. 16 v.]

Antonio Ramos fregues de Jacobina parece me branco, nunca ouvir murmurar do seo procedimento, verdade, e genere.

Joaõ Baptista Neves freguez de Jacobina, irmão de Antonio Ramoz, e naõ sey couza que contraria seja a sua verdade, bom procedimento, e genere.

45 Manoel Carvalho de souza he homem branco, freguez de Jacobina: delle corre boa noticia

de procedimento, e verdade, e o tenho por christão velho.

Faustina Soares da Cunha fregueza de Jacobina ainda que não he branca, della tenho bom conceito em procedimento, verdade, e temor de Deos, e a tenho por christã velha.

50 Da pretta Esperança escrava do prezo Joaõ de souza não tenho cabal conhecimento; e ainda que desta casta de gente senão pode fazer pleno conceito, pela inconstancia com que costumao fallar, me parece depor com verdade: porquanto me cansey em dar lhe a conhecer o grande peccado que comette quem jura falso, e o graue crime dos que encobrem os delitos contra a Santa fe.

55 As outras testemunhas neste Summario referidas, Antonio Ribeyro Sardinha, Jozeph Pereyra, Manoel Gomes de Mello, senão inquirirão por auzentes, e Luis Barreyros hã presumsão se ocultou. Saõ pessoas indignas de credito, e quazi parecem barbaros pela liviandade, e soltura com que fallaõ: o que he geralmente notorio: e os trez ultimos saõ conhecidos por mentirozos, e eu por taes os tenho. Este he o conceito que expresso daz testemunhas

60 Do prezo Joaõ de souza Pereyra tenho conhecimento ha doze annos: foy meo freguez athe poucos mezes antes de sua prizaõ. De seo procedimento so tive queixa em materia de sensualidade assim em solteyro, como depoes de cazado: do que rezultaraõ algús dissabores a sua mulher Dona Ignacia Maria do Sacramento: e eu os tive com elle pelo reprehender: em tudo o mais ovi sempre muito devotto e christão, e me parecia bom catholico. A voz que corre de-  
65 ser o ditto christão novo, tao bem eu a tenho ouvido; mas nunca o tive por certo, por não saber a origem deste rumor; nem esta materia se poderã averiguar fora da cidade da *Bahia*, por ser o ditto prezo natural e oriundo da mesma Cidade.

O dezacato que sediz fizera a imagem de Nosso Senhor IESU xpo, me persuado ser falso; e muito mais o dizerse que sua mulher o achara cometendo esta execrenda barbaridade. Por -  
70 quanto dato que elle o fizesse, e a ditta sua mulher o achasse, era esta taõ temente a Deos, e tao Catholica que sem duvida modenunciaria como a seo confessor; máxime se isto acontecesse mais de três annos atraz, Como se diz; pois neste tempo a confessey muitas vezes: nem em anno algum me des-  
cui dey dellez fazer publico o edital em que se contem os cazos pertencentes ao Sancto Officio. O dizerse que seos escravos assim o publicauaõ , taõ bem me persuado não ser verdade; porque



75 alem do depoimento da Escrava Esperança, que judicialmente inquiri por ser referida, mandey  
 vir a minha prezença sinco escravos maes do ditto prezo {Felix, Leonor, e Iozepha do gentio de  
 guine, Luiza, e Izabel crioulas, cada hum por sua vez, declarando lhez bastantemente a obri=  
 gação *que* tem todo o Catholico de manifestar os delitos comettidos contra a nossa Sancta fee=  
 e o grande peccado que comette, e penas que incorre quem os oculta: em prezença do Padre Bento vel=  
 lozo escriptaõ do Summario me informey de cada hum dos dittos escravos, se era assim o que de seo  
 80 senhor se dizia: e elles constamente disseraõ que era falso, e alleive que se levantava ao dito  
 seo senhor, e a elles que nunca tal proferiraõ.

[Fol. 17]

19<sup>132</sup>

O Padre Frey Iozeph de Higuieretta Religiozo Dominico Castelhana | se he que he religiozo,  
 sacerdote, e Espanhol | me parece de pessimo procedimento, temerario, escandolozo e total mente desti=  
 85 tuido do Santo temor de Deos. Por carta que tive do Padre Frey Manoel de Senna religiozo de Saõ Domingos  
 na Cidade da Bahia, me consta ser Apostata da Sua religiaõ, pelo pouco pejo com que ha mais de trez an=  
 nos anda por estes Sertoos, trazendo em sua companhia hua mulher de mau viver, lhe chamo escandolozo:  
 pelos absurdos que *commetteo* na Ribeyra da Pajahu destricto da minha freguezia, o avalio por temerario:  
 por me constar que sem licença do ordinario confessa em qualquer Dioceze, enganando aoproximo em mate=  
 90 ria de tanta ponderação, digo que totalmente perdeu o temor de Deos. Que elle nesta freguezia de Jacobina  
 confessasse, me consta de pessoas, que a elle o fizeraõ, a quem eu por proximidade adverti reformassem as  
 taes confissões. Que na minha freguezia o fizesse tao bem, me constou de hum Summario, *que* por ordem do *Excelentissimo*  
 e *Reverendissimo* Senhor Dom Jozeph Fialho fiz dos absurdos que o dito Padre *commetteo* na sobredita Ribeyra  
 de Pajahu: o qual Summario remetti ao ditto Senhor: e elle me ordenou em todo cazo fizesse prender ao tal *Padre*  
 95 para o remetter para o Sancto Officio: O que naõ naõ consegui, por elle se occultar, e passar para o Arcebis-  
 pado da Bahia: e fiz que os meos Parochianos confessados a este religiozo revalidassem as confissoenz  
 a elle feitas por serem nullas, e assim o mandava taõ bem o predicto *Exceletissimo* e *Reverendissimo* Senhor Iozê Fialho.

<sup>132</sup> Nota de mão alheia.

Do mesmo *Summario* que então remetti, e de pessoas que me noticiarão me constou que o ditto Padre pedira esmol= para se eregir hua caza de Inquizisaõ na Bahia; e tao bem me constou que algumas se lhe deraõ. Item que  
 100 o mesmo Padre se publicava Qualificador do *Santo Officio*: e eu vi algumas escriptas de sua letra, em que por tal se assignava; e nesta freguezia de Jacobina vi taõ bem algumas, em que se assignava familiar do *Sancto officio*. E naquelles lugares da minha freguezia, por onde andou, em nome do *Sancto Tribunal* tirava os breves de marca a quem os tinha, calumniando muito os que eraõ dados pellos Padres Capuchinhos Italianos; Mas eu tinha para mim que esta diligencia fazia elle para os vender em outra parte.  
 105 Alem disto por outros principios tenho bastante fundamento para inferir que o tal Padre he pouco escrupulozo em fazer seo, o que he alheo.

Da minha freguezia se auzentou este religiozo para o Arcebispado da Bahia desvian= do das diligencias que eu lhe mandava fazer, e fingindo que vinha daquella Cidade com novas ordens, che= gou a este lugar de Santocê lugar da freguezia de Jacobina, e achando na materialidade de seos moradores  
 110 boa disposição para de novo plantar os fingimentos e patranhas, que eu da minha tinha extirpado, obrou o que no *Summario* depoem as testemunhas, querendo involucrar nelles ainda algús meos freguezes, a= quem eu por cartas admoestey e adverti senaõ levassem das industriozas ficções do ditto Padre: e me= foy preciso com a pena hum pouco solta fallar; em suas accões e procedimento, e dizer lhe naõ obedeces= sem, naõ obstante a elle tomar a voz do *Sancto Officio*, pois eu o conhecia por naõ tal. E vendo o lou=  
 115 co attrevimento deste temerario Padre ir continuando, e outrage que ao *Sancto Tribunal* resultava pelos vês ministros de que se servia em seo nome: e o dezaforo com que estes debaixo da voz de taõ *Sancto Tribunal* procediaõ, me rezolvi a escrever ao *Exceletissimo Senhor Arcebispo* da Bahia, dando lhe con= ta da perturbação que em suaz ovelhas cauzava o ditto Padre; para se evitarem semelhantez absurdos.

A vista pois do que tenho narrado, e experiencia que tenho dos moradores deste serto  
 120 de hua e outra parte do Rio de *Saõ Francisco*: ruim conceito que faço de maior delles digoda maior parte delles em serem Loquazes, embusteyros, amigos de novidade, materiaes, sem policia para fazerem juizo fundamental e distincão e mas materiaz graves: mâ opinião que tenho do ditto *Padre* e dos ministros, com quem se principiou a ordir esta [chimera?]; : o conhecimento que hátantos anos tenho da vida e costumes do prezo, e a certeza de que muitos dos Seos uizinhos o naõ gostauaõ  
 125 Por

[Fol. 17 v.]

por ser homem sobre sy, e de pouco ou nenhum prestimo: faço conceito, e juizo de ser falso o crime que se=  
 lhe imputa: como taõ bem que a prizaõ se lhe originara de oppozição de algús e mulos, de que seva=  
 leo a cobiça desse ditto religiozo; o que melhor se colhe de applicar logo para sy, e para a mã  
 130 mulher que em sua Companhia trazia todo o *dinheiro*, ouro e prata, que achou ao ditto prezo, e as-  
 roupas demais preço [douro?] da defunta mulher de João de Souza Pereyra, e dizer ao *Padre*  
*Frey Miguel de Santa Roza* da ordem de *Saõ Francisco Missionario* da Missaõ do Ioazeyro, que  
 aquellez benz confiscados pertenciaõ a elle *Frey Jozê de Higuieretta*, e a sua Religiaõ: e repartir al-  
 gús bens do mesmo prezo a hum *Mystiço Antonio Soares*, e a hum homem branco chamado Mano=  
 el Antonio moradores nos Alagadiços do Santocê, por serem estes os que maes zelozos. Se  
 135 mostrarão em toda aquella diligencia. O que depoem duas testemunhas sobre a particu=  
 la achada na bolsinha de Reliqueas do prezo me motiva vehemente prezumpsaõ de ser  
 inxerida pelo mesmo *Padre Higuieretta* para mais criminar o dito prezo, e melhor compor  
 o seo enredo: e ver se assim aterrado o prezo lhe dava estaz machinações. E maiz se con=  
 firmaria esta minha presumpsaõ, se se examinasse ser a particula de hua forma muito pe=  
 140 quena do tamanho de hua molda de quatro uintens de prata, de que uzaõ os *Padres* da Missao do-  
 Ioazeyro, donde pouco tempo antes se hauia provido de hostias o ditto *Padre Frey Ioze de Hi-*  
*guieretta*.  
 Esta he a minha informação: e tudo o que nella affirmo, o juro aos Sanctos Evan=  
 gelhos, e o sogeito ao Juizo dos Senhores Inquisidores Barra do  
 145 Santoce Freguezia de Jacobina 18 de Janeyro de 1740.

[Ass.] Francisco Ferreyra  
 Vigario de Rodellaz

Muito Illustres *senhores* Inquizidores

Ao *Padre Francisco Ferreyra*, vigario collado da Fre-

150        guezia de Rodellas do Bispado de Pernambuco, encarre-  
guey fizesse *hum summario* de testemunhas, perguntando  
os mais legais e verdadeyras, por ter deste vigario boas infor-  
mações; asim o executou, e he o que remetteo a *vossas senhorias*; e della  
consta asim do procedimento do *Padre Frey Jozé de Gueretta*,  
155        como do Prezo Joaõ de souza Pereyra: *vossas senhorias* mandarão  
o que for justiça. Bahia 30 de Iunho de 1740.

[Ass.] *Antonio Rodriguez Lima* Commissario do *santo officio*

## ANEXO 7 – Termo de Encerramento

[Fol. 18]

1

Termo de encerramento

20<sup>133</sup>

5

E logõ sendo na mesmo dia, mes, e anno acima ditto no mesmo  
lugar da Barra do sanctoce, onde se fes esta inquirição mandou o Reve-  
rendo commissario della remettesse este summario ao Muito Reveren-  
do Doutor Antonio Rodrigues Lima, Deam da See da Bahia commissa-  
rio do sancto officio, por cuja ordem foi feita, [ozido?] e lacrado, pa-  
ra elle tambem o remetter o sancto Tribunal aquem pertence,  
de que fis este termo, em que assignou, e eu o Padre Bento vellozo es-  
crivaõ eleito o escrevy.

10

[Ass.] Francisco Ferreyra  
Vigario de Rodellas

Bahya

Santo Antonio do Jacobina

15

Freguezia de Rodellas

Ao vigario Francisco Ferreyro ————— 240

o escriuaõ Bento uelozo ————— 360

Notificação. ————— 260

—————  
860

20

Conta 36

[tudo][parte?] 40

---

<sup>133</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 8 – Documento que contém o pedido de Januário para fazer declaração ao Comissário Antônio Rodrigues Lima

[Fol. 19]

1

21<sup>134</sup>

Aos vinte e hum dias do mes de Janeyro de mil e setecentos e trinta digo e setecentos e quarenta nesta cidade da Bahia em o convento dos Relligiozos de  
 5 santa Thereza onde foy presente o Reverendo senhor *commissario* o *Doutor* Antonio Rodrigues Lima Deaõ da Santa Sé desta dita Cidade; e chamado por parte do Reverendo Padre Frey Jozé de Higueureta Religiozo do Patriarca Saõ Domingos, prezo no  
 10 carcere do mesmo convento por parte do Santo officio, e em plezenca do dito senhor *comissario*, e das testemunhas abaixo declaradas, e logo pelo dito Reverendo Padre Frey Iozé de Higuareta foy dito ao dito Senhor *Commissarios* e as mais testemunhas,  
 15 *que* por se achar gravemente enfermo, e temer a conta que ha de dar a Deos Nosso Senhor, declarava por descargo de sua consciencia, *que* elle havia entregue ao dito Reverendo Senhor *commissario*, na noite, em que trouxera o prezo Joaõ de Souza  
 20 Pereyra, huma caixa de ouro das *que* se costumam fazer para as Breves da Marca, com hum cordaõ tambem de ouro dizendo entaõ ao dito senhor *commissario*, *que* naquella caixa vinha huma Particula consa-

[Fol. 19 v.]

consagrada, a qual trazia ao pescoço o dito Joaõ de  
 25 Souza Pereyra, como tambem entregara huma attestaçaõ feita por varias, pessoas, cujos nomes constarã della, e reconhecida, e attestada por letra esinal delle declarante; Porem, *que* considerando naõ sã o Estado em *que* de presente se  
 30 acha em huma cama, senaõ olhando tambem para o prejuizo de Terceyro, e para a conta *que* ha de dar a Deos Nosso Senhor, declarava, que atal Particula naõ era consagrada, e fora

---

<sup>134</sup> Nota de mão alheia.

introduzida na dita caixa por elle decla-  
 35 rante tudo afim de fazer mais detestavel cul-  
 pa do dito Joaõ de souza Pereyra, *que* pelo dito caza  
 esta innocente, e culpado elle declarante  
 pelo fabricar; como tambem declarava, *que* a attes-  
 40 tação, *que* havia entregue ao dito Senhor commissario  
 contra o dito Joaõ de souza Pereyra, fora  
 fabricada por elle declarante, e *que* as teste-  
 munhas que a assinaraõ foraõ a persuasão delle  
 declarante; e porque huma contra couza faz gran-  
 de pendor na sua consciencia pelos danos

[Fol. 20]

45

22<sup>135</sup>

dannos irreparaveis, *que* se podem seguir aos ditos  
 Joaõ de souza Pereyra e testemunhas por ser  
 tudo falso, e fabricado por elle declarante  
 rogou ao dito senhor commissario mandasse  
 50 fazer este termo de de confissão e declaração  
 para constar a todo o tempo a verdade, tendo  
 presentes por testemunhas o Reverendo Padre  
 Mestre Frey Diogo de Santo Thomas De aqui-  
 no Prior actual do mesmo Convento, e o Reve-  
 55 rendo Padre e Mestre Frey Francisco de santa  
 Maria ex leitor de Theologia, e sendo lido es-  
 te termo ao declarante, disse *que* estava escrito  
 na verdade, e *que* não tinha mais *que* deminuir  
 nem acrescentar, e ratificava o *que* havia decla-  
 60 rado, tudo em prezença das ditas testemunhas  
*que* como dito senhor commissario e como declaran-  
 te assinarão este termo. e eu o Padre Joaõ de  
 Magalhaés Pimentel sacerdote do habito de saõ  
 Pedro nomeado para escriptaõ desta diligencia  
 65 o escrevy.

[Ass.] Antonio Rodrigues Lima Commissario do *santo officio*

[Ass.] Frey Diogo de [santo?] Thomas[?] [Ass.] Frey Ioseph de Hiquereta  
 de Aquino Prior

[Ass.] Frey Francisco de santa Maria

---

<sup>135</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 9 – Documento feito por Januário que fala sobre a falsa partícula

[Fol. 21]

1

23<sup>136</sup>

Aos doze dias domes de Outubro do Anno de mim e sete  
sentos e trinta e nove as duas oras da tarde se a  
chou hum Riliquario De Seda pequeno em a canas  
5 tra De Ioaõ de Souza *pereyra* e abrindoze se achou  
nele hu Letrero por fora sobre papel branqueo o  
coal esta lagrado e abrindoçe a fechadura  
dele se achou hum agnos dei e junto com elle E  
ua particula acoal se goardou dentro de hu  
10 [caley?] *para* saberçe, a serteza em prezença das  
testemunhas *que* se acharaõ presentes ocultar  
mente *que* Saõ, Valerio Lopes da crus Antonio Ra  
mos dos Santos Joaõ Bautista neves Francisco Rangel  
da silua Felles pinto dasilua e eu *que* oescrui  
15 Francisco deAguiaruelho em cuia prezença sendo pr  
eguntado a Ioaõ desouza *pereyra* se era seu odito  
riliquario rempondeo ser seu e *porque* conste ser ver  
dade tudo a sima referido se fes este em o dito  
dia asima com as testemunhas abaxo assigna  
20 das *etcoetera*  
[Ass.] Francisco deAguiaruelho  
[Ass.] Valerio Lopes da crus [Ass.] Antonio Ramos do Santos  
[Ass.] Joaõ Baptista das Neves [Ass.] Francisco Rangel Da silva  
[Ass.] [Felic?] pinto da silva  
25 Certifico yo [Frey?] Joseph de Higuereta sea asse-  
to do lo contenido neste, y *porque* conste lo fiame  
em dicho dia mes y anô. Frey Ioseph de Híguereta

---

<sup>136</sup> Nota de mão alheia.



## ANEXO 10 – Documento de excomunhão de Inácio Soares

[Fol. 22]

1

24<sup>137</sup>

5

10

15

20

Frey Ioseph de Higereta Religioso del sagrada orden  
de *Padres*: [letox?] [depumma?]; en sagrada Theologia, Notario  
Apostolico, por su santidade, y familiar del *Santo officio etcoetera*  
Por Autoridade *que* tengo dela Seê Apostolica y Comi  
sson del *Santo* Tribunal, por las presentes Letras Declaro  
por Publico ex Comulgado, â Ygnacio suares, por la  
culpa de inobediência, *que* tuba al *santo* tribunal, el  
*qual* Ordeno al *Reuerendo* Padre Joseph Amado Agapresente en  
un dia festivo, y lidos por esta propria Comíssõn, para  
*que* lo Absuelva inponiendo le la penitencia conteni  
da em esta, *que* sera ir desnudo dela sentura a viva  
por tres dias festivos, y poner se enla puerta dela  
Yglecia de bruzas, de *que* le pasara sentificacion de  
aver Cumplido la dicha penitencia, y la absolu  
cion sera conel salmo Miseremei: a cada versso taes  
golpes, y si semos [truze?] vemisso dara parte *etcoetera* dada  
a los 9 dias de Noviembre ano de 1739=  
[Ass.] Frey Ioseph de Higereta  
c.m.s [?]

25

Certifico eu Joaõ Simoenz de Payva *morador* na Matta  
de Saõ Joaõ deste Arcebispado *que* vez cripto assima me entre=  
gou o Padre Frey Joze de Higereta Religioso de Saõ Domingos Cas=  
telhano para o levar da parte do *santo officio* ao Padre Joze  
Amado capellaõ da capela de Nossa Senhora daz Mercês da Pojuca;  
Recommendo me dicesse ao dito Padre, *que quando* de sua absolvição, fossa  
com golpez puchados; o *que* tudo passa na verdade; e por não

[Fol. 22 v.]

30

E por não saber ezcrever, mais *que* o meu asignal; roquey  
ao Padre Frey Custodio do Sacramento; E Lima Religioso do carmo  
observante desta Prouincia da Bahia; *que* este por mim  
fizesse; e eu asigney do meu signal costumado.  
Bahia 11 de Dezembro de 1739 e  
Yoau simois de Paiva  
Como testemunha *que* ofiz Frey Custodio do Sacramento; E Lima

<sup>137</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 11 – Notificação entregue a Antônia de Brito (Mulher de Phelipe de Santiago)

[Fol. 23]

1

Sr

25<sup>138</sup>

5

Em verttude da ordem domuito Reverendo *Padre*  
ffrey Joseph Higuieretta ffamilliar do santo officio  
Notteffiquey a Anttonia de Britto e Molher de ffelliph-  
de santiagô: para [g.<sup>r</sup>?] a qual *grandes* oras ou dias chegou  
a sua caza da parte do santo officio e siga  
atras e athe alcanssar ao muito Reverendo *Padre*  
ffrey Iozeph Higuieretta ffamilliar do santtoo  
fficio acompanhallo a deligencia que vay; e por não  
achallo ao dito felleph de santiago em caza  
notheffiquey; a sua *mulher* em pessoa *Antonia*  
Anttonia de Britto as autto dias digo oras  
do dia e diante das testemunhas a Bay  
çho assignadas aos vintte e outto de mes  
de setebro de 1739@

15

[Ass.] Antonio Soares dos santos

Com testemunha Francisco De [Parres?]

Como [Desm.<sup>a</sup>?] *que* fis

[Ass.] [?] Peiçhotto

20

[Ass.] Miguel de misqita [Leitte?]

---

<sup>138</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 12 - Autorização para celebrar missa

[Fol. 24]

1 Appreze as Ordens, *que* o obrigaõ  
 ao transporte; *Bahia* 13de Abril  
 de 1735. *Illustrissimo Senhor*  
 [Ass.] Arcebispo

26<sup>139</sup>

5 Diz Frey Iozeph Igreta e Relligioso da Ordem dos Pregadorez, e  
 de nascaõ Hyspanhol, natural da provincia da cidade de Lima  
 e Reino do Perû; que com licença de seus Prellados veyo da  
 sua provincia *para* passar a Roma. Como consta dez seos  
 papeiz, *que* offerece; e Como tem portado a esta cidade e se ha de  
 10 de ter athe haver occasiaó *para Lisboa* e hê hum e Relligioso pobre  
 da frotar  
*que* se acha  
 neste Porto;  
 Bahia 19 de  
 15 Abril de 1735.  
 [Ass.]  
 Arcebispo<sup>140</sup>

*Para Avossa Illustrissima* lhe faça favor pello  
 amor, de Deus úzar de suas ordenz  
 neste Arcebispado, em quanto par  
 20 te a Frota.

E.R.M

---

<sup>139</sup> Nota do Arcebispo.

<sup>140</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 13 – Falsa patente feita por Januário

[Fol. 25]

- 1 Frey Iosephus Eríque ín Sacra Theología [Magistca?] ín Regía Angelící D.<sup>ores</sup> sensi tate Academia D.<sup>or</sup> hum  
que Prior Provin tialís huves provintíe S.<sup>te</sup> M.<sup>e</sup> [?] Catherens V. et M Sacra ordinís Pre de' Caterum Etcoetera
- 5 Dillecto nobés, ín xpto fíhó fatré januario de Montes doca não ordinís Exprese pro fesso, ín sua  
pro fessão Vatíficato, Salutem ín Domíno Optamus sem píternam. díllecte filí cum de tua suficientiã  
morem honestate E tatís que integritate, [nunon?] de Velíquís Vequísítís â Sancto Consílio Trid. et nrês Constí  
tutío níbus statutís satis nobís Constet: ídeo thenore presentíum fa cultatem tíbí consedímus V. ad quatus  
mínores ordínes, et sacros subdia Canatus, Díaconatus, et Presú teratus ordínes ascendere valeas.  
Orantes ín super Ilt<sup>mu</sup> ac R<sup>mes</sup> D D D Fa Iacobum de Ním bela díz my E pés Capytruxí Vemsem  
(Vel alivra quem li'bet crú ad déderés) Vt te benígne accharitatíbe Veciprât, pefatés que Ordínibus conce  
10 dere Velit ín nomíne Patrís et Filis' et Spírít Sanct Amen. Incuíres Vei teitímonum presentes títeras manu  
propria subscríptus â nrô secrett.<sup>o</sup> Veferen datas, Sígílló mazóre nrê [ofíni?] munítas darí Fecímes in hoc  
nrô maíorí Anobío R. Petré Martíres Quí tensés díe Vígessímo Iunís anno Dn.<sup>e</sup> Milessímo Septín-  
guntessímo trígessímo secundo=

- 15 [Ass.] M. Frey Iosephus Eríque  
Prior Pro vn.<sup>les</sup>

Registrada folha 21  
[Ass.] fray Francíscus IaXang  
Predirc Gêxs et soccus

## ANEXO 14 - Carta de patente do verdadeiro Frei José de Iguareta

[Fol. 26]

1

28<sup>141</sup>

Certifico en quanto puedo y ha lugar es derecho Yo el *Doutor* Don Iozeph Sebastian [clavejo?] cura *Procurador* desta *Cathedral* y *Secretario* de Camara del *Illustrissimo Senhor Doutor* Don [Iu.º?] de Sarícolea y leo mi senor meritissima obpdiencia de esta *Santa Igreja* de Santo de chily del consejo desu *Magestade* x.<sup>a</sup> que, en las ordenes particulares que celebros su s *Illustrissima* enel oratorio de su Palacio el dia dies, y seis de Mayo de setecientos y treynta y tres confirio a orden Sagrado de Subdiacono al *Padre Frey Joseph* de Higuereza del Orden de Preor. codores dela *Prouincia* de Lima en virtude de la Patente que trajo de su *Prouincial* y en la misma conformidad el dia ueynti cinco, y ueynti seis [odoho?] Mes, y anno el de Diacono, y Presbytero: Y para queconste doy la presente en vastante manera, que haga fee e nesta *Cuidade* de Santiago de Chile en primero de Junio de mill setecientos e treynta, y tres anos =

15

*Doutor Iozeph Sebastian* [clavejo?]  
*Secretario*

---

<sup>141</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 15 – Depoimento de Luís Barreiro Braga sobre as ações de João de Souza Pereira

[Fol. 28]

1

34<sup>142</sup>

Aos dous de outubro, anno de mil e setecentos trinta e nove, a requerimento, de Joaõ de ssouza *Pereira* estando prezo por parte do *Santo* ofiço pedio a Luis Barreyros Braga morador no rio de sam Francisco si  
 5 tio de em cabe ofiçal ferrero cazado com Antonia dos Anjos, que lhe dessera o *que* soubesse ou tinha ouvido dizer da ssua vida e custumes e a sim sahio denunciando do ditto do Joaõ de ssouza *Pereira* em prezença de todas as testemunhas a baicho assignadas ante mim eu escrivão por comissaó *Manoel* de vargas cirne

E disse tinha ouvido dizer, e lhe disserarão  
 15 dito Luis Barreyros Bragua *Manoel* Gomes de mello morador na Barra do *santo* çe cazado com Antonia soares, o qual lhe dissera sua sogra Faustina soares, que a molher de Joam de ssouza Perera lhe dissera a ella, *que* tinha apanhado seu marido hua noite asoittando hua Imagem do santo chrispto, e a ditta molher lhe respondera não faziam, *que* se soubera, *que* ella hera daquella rassa, *que* com elle não cazava isto sabendo tudo *Manoel* Gomes da ditta  
 20 sogra se foy a caza de Joam de ssouza *Pereira* e lhe dissera o referido a sima, e *que* lhe respondera Joam de ssouza *Pereira*: *que* se isso hera sim ou não, que sua molher o dizia publica mente chamou o ditto por ssua molher, que se sabia  
 25 daquillo, *que* elle dudizia respondeu ella, *que* tal não havia, que hera hum alcua, que lhe a le

[Fol. 28 v.]

lhe a levantavão respondeu lhe o ditto *Manoel* gomes de Mello a Joam de ssouza Perera; aqui

---

<sup>142</sup> Nota de mão alheia.

35 nos pastos do sancto, çê achasse huma lagoa a  
 donde uam todos os pasttos porem seus hovo  
 cacho quem e tiram seus patenhos e  
 criam seus canos, e tomam o primeiro auos  
 e segundo, pera busquarem a vila e lhe fa  
 sso esta duperação a [?] para sea limpar dis  
 40 to, que sediz, disse lhe o ditto Joam de Souza  
 Perera eu lhe prometto, que eu partta  
 com brevidade para a cidade e hir pôr este  
 pleitto limpo, chegou o ditto Ioam de ssou  
 za Perera a cidade da Bahia e chegou  
 45 a çerta religiam donde falou comçerto re  
 ligiozo do ditto convento, e lhe pôs a ditta [?]  
 reposta, respondeu lhe o ditto religiozo, por que  
 delle tinha conhecimento estas palavras [mesma?]  
 achasse consincoenta e tantos annos e tem  
 50 vivido athê o prezente villa mais os dias  
 adiente, que Deos nosso senhor for servido  
 enquanto ao *que* uosse merssê me tem dito  
 não falemos en nada porque não vejo fun  
 damentto a que se tirem enquiriçonis boas  
 55 E asim mais disse no rio de sam Francisco  
 que falara a certo religiozo sobre a ma  
 teria asima declarada en *que* não tinha  
 efeito o que elle tinha heso preocurar  
 e asim mais me disse Manoel Gomes  
 60 de Mello, que do dia, que a molher apanhou

[Fol. 29]

35<sup>143</sup>

asoitando a Imagem do sancto chrispto, que  
 nunca mais fizera vida [conella?], na  
 tes sim dando lhe muitta pançada e al-  
 65 gunás vezes sendo sangrada e de que sempre  
 a veyo acabar miseravel mentte e estan  
 do ella Iâ pera morrer en ssua caza, veyo  
 seu Primo Feliphe de santiagu e a le  
 vou pera a sua donde mandou Feli  
 70 phe de santiagu chamar a Manoel gom-  
 es de Mello, mando chamar a *vossamerce* pera  
 lhe constar e saber, *que* tenho en caza a molher

<sup>143</sup> Nota de mão alheia.

de meu Primo Joam de ssouza *Pereira* Iâ pe  
 ra espirar e lhe dissera *Feliphe* de santiguo  
 75 estava a mais gente da ssua obriguassam  
 que Joam de Souza Perera matava a ssua  
 mulher con veneno, da hi a termo de suas  
 horas chamaraõ por *Manoel* Gomes de Mello  
 pera ajudar a bem morrer, a ditta de  
 80 funta nos seus brassos morreu e a sem nam  
 diz mais nada aos dous de outubro de mil  
 e seçentos e trinta e noue, e eu escrivaõ  
 por comissaõ, *Manoel* de vargas cirne o es-  
 Crevy

85 [Ass.] *Luis Barreiro Braga*  
 o cappitam do ditta prizan  
 [Ass.] *Antonio* soares Dos santos  
 [Ass.] *Ioaõ* araujo Neves

[Fol. 29 v.]

[Ass.] *Antonio* Ramos do santos [Ass.] *Antonio* Nunes [?]  
 90 [Ass.] miguel de misquita  
 [Ass.] *Lucas* Pereyra da gama  
 [Ass.] *Antonio* Rodrigues da Silva  
 [Ass.] *Francisco* De [Barros?]

[Panscalhe?] de *Araujo* Pereyra Tabaleam publi  
 95 co do judicial e no [das?] nesta villa de sam jo  
 am deAgoa fria e seu Termo por sua  
 Magestade que [Lopez?] goarde, sertifico que na dita  
 villa asima nomeada foi chagado o *Reverendo Padre*  
 frey Iozeph de Igretta da ordem dos pregadores Re  
 100 ligiozo Dominico Como Prezo que neste depoimento  
 seis presa e me consta sertudo verdade o refe  
 rido Pedindo me odito Religioso fizesse neste de  
 poimento curial serte ficaçam de Baixo de  
 cezillio de justissa asim o fis de que fiz es  
 105 te Termo que asigney de meus segnaís pu  
 Blicos claros seguintes e nesta sobre  
 ditta villa em os 31 dias do mes de outubro  
 de1739<sup>a</sup>  
 Em *testemunho* de verdade

110 *Gonçallo* de *Araujo* Pereyra *Pereyra*



## ANEXO 16 – Documento que trata da canastra do acusado João de Souza Pereira

[Fol. 30]

36<sup>144</sup>

1

Aos trinta dias do mes de outubro de mil e settesentos  
e trinta e nove annos nesta villa de sam Joam de  
Agoafria em o arayal das ouressangas a donde se acha  
5 va o *Reverendo Padre Frey Iozeph de Igretta* sendo ahi como pre  
zo delenquente de que o estrato faz minsam pello di  
to *Reverendo Religiozo* me foy dito que deBayxo do Ju  
ramento dos santos evangelhos e oBrigacam do meu officio  
lhe trestadade esta papel oco al aseitey depoiz de re  
10 esever o dito juramento e trestadey Bem e fiel mente que  
da verbo [adeuereio?] he o seguinte.  
de que fiz este Termo Eu gonssalo de *Araujo Pereyra Tabaliam* o escreuy  
creuy.

15

Aos doze dias do mes de outubro de mil e settesentos  
e trinta e nove annos, as duas horas da tarde se achou  
hum Relequario de seda pequeno em a canastra de  
Joam de Souza Pereyra e aBrindose se achou nelle  
hum letreyro por fora sobre papel branco aco al esta  
va lacrado e aBrindose afexadura delle se achou  
20 hum anhos dey e junto com helle huma particulla  
aco al sego ardou dentro de hum callis para se saber  
a serteza, em prezença das testemunhas que se achavam  
prezentes que heram vallerio Lopes da cruz - Antonio  
Ramos dos Santos – Joam Baptista nevez – Francisco Ran  
25 gel da Silva – Felles pinto da Silva – e Eu que  
o escrevy *Francisco deAguiar velho* – em cuja Prezen  
ça sendo preguntado a helle dito Joam de Sou  
za *Pereyra* se hera seu o dito Relicario respondeo ser  
seu e porque coneste verdade tudo asima re  
30 ferido se fes esta em o dito dias [sema?] com os mesmas  
testemunhas aBayxo asignados *Etcoetera Francisco deA  
guiar velho* – Baleiro Lopes da cruz – Antonio Ramos  
dos Santos – Joam Baptista nevez *Francisco Rangel da*

---

<sup>144</sup> Nota de mão alheia.

35        silva Jozeph Pinto da silva - sertifico eu  
        Frey Jozeph da Igretta se ha asim todo o conteúdo  
        acontecido em este e porque em forme em o dia  
        mes e anno asima Frey Jozeph de Igretta

[Fol. 30 v.]

       De Igretta e não se comtinha mais coyza algumas  
        que aqui copiey Bem e fiel mente do proprio que se  
        40        havia feyto na dita paray e a que me reporto que  
        tudo na forma que no dito se esperava me foi apre  
        zentado o dito Relicario com a dita particulla e  
        por mim Exzeminada de que dou fe por verdade  
        45        me asigno de meus sinais publicos claros seguin  
        tes e nesta sobre ditta villa em o mesmo dia mes  
        e anno asima e de como o torney a entregar o pro  
        prio papel ao mesmo. dito Religiozo aqui asig  
        nou comigo

       [Ass.] Frey Iozeph de Hi'guereta  
        50        Em *testemunho da verdade*

       [Ass.] Goncallo de Araujo Pereyra        Pereyra

## ANEXO 17 – Sumário de Testemunhas feito por Januário

[Fol. 31]

1

38<sup>145</sup>

En veínti tres días de setiembre, Anô de míl setecientos, y treínta ínve be, com parecío Antemí Frey Ioseph de Híguereta del Ordem de Predí cadores los testígos, de susso escritos  
5 y juraron alos santos evangelíós deví verda dento do lo con tenído deste sumario.

Prímero. Míguel Mesquíta leche, hombre de secenta y quatro anôs de edad, y díze es morador aquínze a em este río de San francisco, y tiene conocímiento de Iua de soza a díes  
10 anôs y díze *que* [síuto?] hombre lo lla mara Crístiano, nue bo, y el dícho Iua, de soza, partiera en bus ca de dícho hombre para *que* le justí fícar la calugnía puesta.

Y Ten díto sarvermas, *que* aver oído dezía *que* el dícho Iua de soza tenía muíto la muger conveneno, y no sabía lazerte  
15 za dela cauza, díto no savermas coza alguna en nínguna otra materia Assí lo juro y fíamo endícho día mís y Anô. Segundo Manuel de Sílvua Soares [Ass.] Miguel de misqita morador en el río de San Francisco sítio dela Barra dito tener cono címiento de Iua desoza abra doze anôs, con la  
20 fama de Chrístiano nuevo, y *que* conel nun catubiera família rídad conel dícho Iua de soza, y díto mas *que* abra coza de seis meses, *que* oíera dezía que matara la muger conveneno cauza de Aver la dícha Muger al canzado de una negra es  
tar asotando uma ymagem de chrísto *Senhor Nossrô*, y certífí  
25 cando se, ladícha muger, e notra ocasión ô cular mente, ledíjo *que* le aviáde acuzar al Santo tríbunal, y estando buena con salad perfecta vema necíeza muerta, y *que* era esta la berdad de lo *que* sabía assí lo juro sobre los Santos Evangelíós en veínti tres  
de setiembre anô demíl setecientos, y treínta í nuebe, y lo fírmo  
30 de sunombre=

[Ass.] Manuel silva soares

[Fol. 31 v.]

Tercero. Vízente Pereíra suares, de edad de veínti quatro anôs, Dijo conocía, Alua desoza desde sutíerna edad con la fama de Chrístiano nuevo, y síempre oyerade

---

<sup>145</sup> Nota de mão alheia.

35 zír *que* vzaba del Iudaísmo, y sabía como tenía muerto, la Mu  
ger conveneno, por cauza de averlo allado al dicho Iua  
desoza asotando una y magem de Chrísto *Senhor Nossrô*, y dýjo  
ser esta laverdade delo *que* sabía asýlo Iuro, y protesto no ser  
de malícia, y lo fýrmo de sunombre fundo morador em  
40 enla Barra de *Santo Çe* en veíntí tres de setíembre anô de  
míl setecientos y treínta í nueve=

quato [Ass.] Visente *Pereira soares*  
Ioze de Almeida Pínto, hombre de veínte o cho anôs  
morador enel río de *San francisco* sítío de vazagua. Dýjo  
45 tener cono cíemento de Iua desoza, abra nueve anôs, y-  
*que* e neste tíempo síempre oyera dezía era Iudío, y *que* del tíem  
po de seis meses â esta parte oyera dezía tenía muerto  
lo muger conveneno, por averlo allado, al dicho Iua deso  
za asotando uza y magen de Chrísto *Senhor Nossrô*, y por temer  
50 se ser âcuzado. Al *Santo* tríbunal, por sería compremdído em  
segun da ves ledíera el veneno, y dýjo ser esta verdad delo *que*as  
bía, Assí lo Iuro con las manos puestas sobre *Santos Evangelíos*  
y lo fýrmo de su nombre em veínte tres de setíembre anô de míl  
setecientos y treínta y nueve= [Ass.] Jose de Almeida Pinto

55 Quínto  
Lucas *Pereira* hombre de veínte í nueve anôs Morador  
En la vília de Iacovína, *que* de Cortumbre aporta con sune  
gocío, a este río de *San francisco*, Dýjo tener cono cíemento, de  
Iua de soza morador e nel mesmo río, de seis anôs a esta parte  
60 y *que* e neste tíempo oyera la fama de Chrístiano nuevo, y *que*  
allando se e nel referído río, por ôcasión dela ínchente, sabía  
como tenía muerto su moger el dicho Iua de soza, conveneno, por  
aver allado al dicho su marído aso tando una ymagem de chrísto  
*Senhor Nossrô* y por temerse ser acuzado, la matara, Assí lo Iuro y se rra  
65 tífico ser esta la verdad delo *que* sabía, y lo fýrmo, de su nombre  
en veínte y tres de setíembre anô de míl setecientos, y treínta  
y nueve= [Ass.] Lucas *Pereyra da gama*

[Fol. 32]

39<sup>146</sup>

70 Sexto. Antonio suares de los santos, hombre de quarenta  
y tres anôs de edad, morador e nel río *San francisco* sítío  
del alagadízo debajo, Dýjo cono ser a Iua de soza morador  
e nel mismo río, abraonze anôs a esta parte, y *que* e neste tíem

<sup>146</sup> Nota de mão alheia.

po, lo cono síera conla fama de Christiano nuevo, y *que* estan  
do elêlos zartones del Píauí, por elmes de mayo, tubiera la no  
75 ticia de que el dicho Iua de soza tenía Muerto la muger  
con veneno, por averlo allado Azotando una y Magem  
de chrísto *Senhor Nossrô*, y que llegando a su caza del sítio re  
ferido onde es morador, allara ser cierto, por quanto to  
dala Comarca, y em esPecial, de un Baquero del dicho Iua  
80 de soza, le refiriera sírcunstancia, afirmando la verdade  
y ten díjo savermas, por su Moger Elena Borva como,  
el dífunto su marido, yendo se açurar en la caza del dí,  
cho Iua de soza, víniera escandalizado de el, y *que* por nín  
gun casso íría mas asu caza dando û entender ser el tal  
85 Iua sospecho a *Nossra Santa Fe*, y síendo preguntado nunca  
quíso descubría DiIo ser lo que sabía Assí lo Iuro con las  
manos puestas sobre los *santos* Evangelíos, y lo fírmo de su  
nombre en veínte y tres de setiembre ano de Míl setecien  
tos, y treínta í nueve=

90 [Ass.]Antonio Soares Dos santos

Septímo

Iuan de *Deos* de los santos hombre de edad de treínta  
y síete anos, morador e neste río de *San Francisco* sítio de  
la Aldea, Díjo conocer â Iua desoza, morador en el mís  
95 mo río, abra doze anos a esta parte, y que e neste presente  
anô de míl sete cientos y treínta í nueve oyera dezír  
comum mente, tener al dicho Iua de soza, azotando uma  
y magem de chrísto *Senhor Nossrô*, y síendo vísto la muger  
suia rezelozo la matara conveneno, y díjo no saver ô tra  
100 coza Assí lo Iuro com las manos puestas sobre los *santos* evan  
gelíos, y lo fírmo de su nombre en ventí tres de setiembre  
anô de Míl setecientos y treínta í nueve=

[Ass.] Ioaõ de Deos Dos Santos

[Fol. 32 v.]

octava En veínte ocho de setiembre anô de míl setecientos y treín  
105 ta í nueve compare cíode nun cíando *Manuel* de vargas  
círie Morador en la aciênda de *Santo Ce*, hombre  
de trínsta y seís anos de edad, e Díjo cono ser  
a Iua de soza *Pereyra* abra catorze anôs, y desde el anô  
de treínta y seís oyo dezía estando em el Canínde  
110 *que* el dicho hombre íudaízava, y *que* una negra  
lo tenía des cubierto, ala muger del dicho Iua de

soza *Pereyra* y que la dicha ha llando lo azotando  
 una Ymagem de chrísto lo reprendíera, e le díxe  
 ra lo aví a de Acuzar al *Santo* tríbunal, y temí do de  
 115 esto Le dí era veneno, y la Matara Assí lo Iuro com  
 las Manos puestas sobre los *santos* evangelíós, seres  
 ta la verdad delo *que* sabía y lo fírmo de su nom  
 bre endí Cho mês í anô=

[Ass.] *Manuel* de vargas *Cirne*

120 nono En veíntí o cho de setíembre anô de  
 míl cetecientos y treínta y nueve com pareció de  
 nun cíando de Iua de soza *Pereyra* y que lo conocía des  
 de siete anos a esta parte y que e neste tíempo lo conocíe  
 ra con fama de Chrístiano nuevo, y *que* oyera dera â  
 125 varias personas que tenía sído descuíerto por uma  
 es clava suía, la *qual* dí era parte ala Muger de Iua  
 de soza *Pereyra* y la dicha lo allara azotando una yma  
 gen Iesu chrísto y que Le reprendíera, prometiendo  
 acuzarlo, y *que* temído la Matara conveneno, Así lo Iuro  
 130 conlas manos puestas sobre los *santos* evangelíós ser esta  
 la verdad díjo *que* sabía y lo fírmo de su nombre sien  
 do Morador enla hazíenda dela Barra de *santo* Ce hom  
 bre de edad de treínta í tres anôs en dícho día mês  
 y Anô= [Ass.] *Bartholomeu Martins Ferreyra*

[Fol. 33]

135

40<sup>147</sup>

dezímo En veínte ocho de setíembre anô de míl sete cíentos y  
 treínta í nueve. Com pareció denunciando *Antonio Pereyra*  
 Camína hombre de edad de quarenta í dos anos, de  
 Iua de soza *Pereyra* y díjo conozerlo a tres anôs a esta  
 140 parte, y que e neste tíempo, lo conocía con la fama  
 de Iudío y Crístiano nuevo, y que por sus malas opera  
 ciones lo afirmava ser lo, y *que* oyera dezír comum mente  
*que* el la muger del dícho Iua de soza *Pereyra* lo tenía allá  
 do azotando una ymagem de chrísto *Senhor Nossrô* y *que* le dí  
 145 xera, *que* asaver era [asu?] nunca hubíera cazados e conel  
 y *que* sí lo bí era ôtra ocasión lo avíade acuzar, como  
 también fuera vísto por una negra, la *qual* llevar a  
 ala *senhora* amostrar, y hallando lo dela mismas suerte  
 asotando ledílera era ía tercera, y temído de ser

<sup>147</sup> Nota de mão alheia.

150 acuzado le diera veneno y la Matara Assí lo Iuro  
con las Manos puestas sobre los *santos* Evangelíos, seres  
ta la verdad delo *que* savía y lo fírmó de su nombre  
en dicho día mes y anô.

155 [Ass.] Antonio Pereyra Caminha

undezímo En veintí y nueve de setiembre Anô de míl setecientos  
y treínta í nueve, com pareció *Manoel* Ferreíra Pasos, morador  
en el río de *San Francisco* sítio dela laguna hombre de e  
dad de quarenta y sínco anôs, y Díjo Conoser â Iua de  
160 soza *Pereyra* morador e nel mismo río abra tiempo de díes  
o doze anôs, y que e neste tiempo lo Cono siera con la  
fama de *Christiano* nuevo, por oír dezír Pública  
mente a todo el Pueblo, como tambien tenía oído de  
zír, *que* el dicho Matara su Muger con veno, mas no savía  
165 de la zír cunstancia porque  
también díjo *que* tenía oído dezír, y que Le díxera  
*Elena* Borva, *que* siendo caza da conel primer Ma  
rído, y estando em fermo dezierta em fer me dad  
fizera a Cuzarse em caza de Iua de soza *Pereyra*  
170 y *que* le oyera invocar por el Demonío pidiendo

[Fol. 33 v.]

*que* le balieza, y *que* así em fermo como estava se fuera  
de la dicha Caza, y díjo no saveremos asín lo Iuro  
con las manos sobre los *santos* Evangelíos ser esta la  
verdad de lo *que* sabía, y lo fírmó desu nombre em  
175 dicho día mes y anô

[Ass.] *Manoel* Ferreíra Passos

duo dezímo

En veinte í nueve días del mes de setiembre anô de  
míl sete cientos í treínta y nueve com pareció, de  
180 nunciando de Iua de soza *Pereíra*, *Luís* Barreros vraga  
morador e nel río *San Francisco* sítio del encave, hom  
bre de edad de quarenta í sínco anôs poco mas o menos  
y Díjo cono ser al dicho Iua de soza *Pereyra* avía tiem  
po de Díes anôs, y e neste dicho tiempo conociera por  
185 *Christiano* nuevo Comum mente, y *que* le dísera *Manoel*  
*gomes* morador e nel mismo río, *que* la Muger del dí  
cho Iua de soza *Pereyra* lo allara azotando una Y  
magem de *Christo* *Senhor* *Nossrô*, y *que* la tal muger le  
dísera *que* asavía era *Christiano* nuevo, nunca se





le dísera *que* lo deíara y no le peanguíera.

230 Como tambeín díso el mismo *Antonio* de frítes *Pereira* le tenía  
dicho el dicho criado como le tenían dado veneno em  
una tríncha a la dicha muger de Iua de soza, lo *qual* le  
tenía manda do de caza de Phelípe de *santiago*, y  
*que* luego *que* Comíera pídiera Azeíte, por sospechar ser  
veneno el *que* le tenían dado, y luego *que* tomo el Azeíte se  
235 le [engrozara?] la lengua y mostrara los vestígíos de ser  
veneno, Como tambeín ser tí fí cara ser lo, el *Padre Frey*  
Iua que a companô el Cuerpo, y díjo no saver mas assí  
lo íuro con las manos puestas sobre los *santos* Evangelíos  
ser esta la verdad de lo *que* sabía, por tener oído de

[Fol. 34 v.]

240 dezía alos mismo Críados dela Caza la Cauza y sícuns  
tancia por lo *que* fue la muerte dela dicha muger y ló  
fíamo desu nombre en dicho día, mês y anô=

[Ass.] *Antonio* De Freitas *Pereira*

245 A veinte y nueve días del mes de setiembre anô de míl setecientos  
y treinta y nueve Comparecieron los testígíos aquí firmador  
todos Confirmado la Comun vos, y todos hombres Cazados, y Vaí  
gados e nel río de *san Francisco* y vezínos del dicho Iua de soza *Pereira*  
aquíen Conosen Con las sícunstancias aquí referídas, y por ser  
así Como Notarío *que* este prezente sumario lo es Creví lo firme  
250 en dicho día mês y anô=

[Ass.] *Frey Ioseph* de Híguereta

Orden de Predicadores

[Escrito de cabeça para baixo]

255 Al supremo Tríbunal dela santa ynquícisión  
*que* ba com seís puntos desínas blancas, y seís gotas  
de lacre vermeío=

Lisvoa

Anô1739

## ANEXO 18 – Confissão de Januário

[Fol. 35]

1

Comfição

42<sup>149</sup>

5      Aos vinte e sete dias do mes de setembro  
 de mil e settecentos e quarenta annos em Lisboa  
 nos Estaos e caza primeyra das audiencias da san  
 ta Inquizição estando ahi nade menhaá o se  
 nhor Inquizidor Simaó Jozé Silveyra  
 Lobo mandou vir perante si por pedir audiencia  
 a hum Religiozo que no dia antecedente tinha  
 vindo prezo para os carceres secretos desta In  
 10      quizição, e sendo presente por dizer a pedira  
 para confeçar suas culpas lhe foy dado o jura  
 mento dos Santos Evangelhos em que pos sua  
 maó sobcarga de qual lhe foy mandado dizer  
 verdade e ter segredo o que tudo prometeu cum  
 15      prir: E logo disse chamarse Frey Januario de  
 Saó Pedro Espanhol de Nação Religiozo  
 profeço leygo da Ordem de Saõ Domingos da Pro  
 vincia de quitto Reyno do Perú na America Me  
 ridional, e morador no seu Convento de Nossa se  
 20      nhora de Penha de França da Recoleyção dos Reli  
 giozos e Dominicos da Cidade de quitto que hí a ça  
 pital do ditto Reyno do mesmo nome filho de

[Fol. 35 v.]

de Ioaõ de Montes de Occa, e Dona Iozepha de suas  
 naves de trenta, e sinco annos de idade.  
 25      Foy admoestado que [póytamaua?] tambom  
 concelho como o de querer confeçar as suas culpas,  
 lhe convenha muito trazelas todas a memoria para de=  
 llas fazer huma inteyra e verdadeyra confição, não  
 impondo sobre si nem sobre outre testemunho falço  
 30      porque so o dizer verdadeera o que lhe convinha pa  
 ra descargo de sua consciencia, salvação de sua

---

<sup>149</sup> Nota de mão alheia.

alma, e bom despacho de sua cauza, ao que respon  
deo que só a verdade deria aqual era.

35 Que haverá quatro annos achandosse elle confi  
tente no seu convento de Gyalquil, que fica  
na mesma Provincia de quitto, e vendose religio-  
zo leygo em cujo estado tinha profecado, servindo  
continuamente a Comunidade nos Meniste  
rios mais pezados, e trabalhosos da Religiaó, dezeja-  
40 do muito passar para o estado de sacerdote para  
ser trattado com mais estimação, e descanso, como eraõ  
os sacerdotes, tratou logo de lavrar por sua própria  
maó hua patente falca do seu Padre Provincial *que*  
entaó se chamava Frey Jozé Henrique, furtando  
45 para este effeyto o seu sinal que imitou o melhor *que* lhe  
foy posivel, para que desta sorte pudece mostrar pela

[Fol. 36]

43<sup>150</sup>

pela ditta patente falça, que hera avido por habil,  
e idoneo, e ter todos os requizittos necessarios para  
50 ser condenado por qualquer Bispo, de todos as-  
ordens assim o menores, como sacras, e como-  
tal o apresentava o ditto Provincial para *que*  
em virtude da ditta pattente lhe podessem ser  
conferidas, segilando tambem a mesma patten  
55 te com o sello da Religiaó, o qual tirou de outra  
que tinha em seu poder de sorte *que* em tudo ficava  
parecendo verdadeyra, e sem deferença alguma  
das que o ditto Padre Provincial costumava pa  
sar para o ditto effeyto de recepsaó de ordens:  
60 E auzentandosse elle confitente logo do conven  
to donde entaó era morador veyo fugido parar  
ao seu convento da Cidade de Lima que hé da  
provincia de Saó Joaõ Baupista donde se  
demorou por alguns mezes, e nele foy trattado co  
65 mo se fora na verdade Religiozo coristatudo em  
virtude da ditta pattente falca que logo prezentou  
ao seu Prelado dizendo lhe, *que* era mandado aque  
la Cidade para effeito dese ordenar com o Arce

---

<sup>150</sup> Nota de mão alheia.

70 bispo que nela Rezidia. Vendo porem, *que* o ditto Ar-  
cebispo por indispoziçáo em que se achava dilata  
va muito o conferir as ordens se resolveo passar ao  
Reyno de Ccili com o pre teixto de buscar Bispo que  
o ordenace. E passando com effeyto ao ditto Rey-

[Fol. 36 v.]

75 Reyno chegou a cidade de santhiago donde tambem  
rezedia o seu Bispo, e de [mosandoseno?] seu convento por al-  
guns, mezes teve ocaziaõ de comunicar entre outros ahu religi  
ozo de sua mesma ordem chamado Frey Jozé de Iguaretta  
com quem vivia de companhia na mesma cela. E suceden  
do pouco tempo depois ó auzentar se para outra terra o *ditto* Religi  
80 ozo ficaraó varios papeis seus em poder delle confitente  
entre os quaes ficou tambem a carta de ordens do ditto Frey  
Joze da Iguareta da qual logo intentou valer-se para se-  
os intentos, e para *que* melhor o pode se conceguir se passou para  
a Provincia de Tocoman, mas nella achou ja noticia  
85 de se haver descuberto a falcidade, de que tinha uzado fingin  
do doloza mente a ditta pattente; e soube também  
maes que o mesmo Bispo deTocoman havia  
recebido cartas do seu Padre Provincial pelas  
quaes lhe fazia avizo de ser falca a ditta patten  
90 te recomendando lhe muito que por nenhum  
cazo ordenasse a elle confitente se viesse aque  
la Cidade antes o castigasse como pela falcidade  
merecia: com a qual noticia se auzentou logo da  
cidade de Tocoman, e partio para a de Buenos ay-  
95 res que hé da mesma Provincia, e dahy passou para a da  
nova Colonia a qual fica ja nos Estados do Reyno de  
Portugal na America.

Disse mais, que logo, que chegou a Povoação da nova  
colonia trattou de aproveytarse da carta de or  
100 dens que havia ficado com outros papeis em seu po  
der como ditto tem e pera

[Fol. 37]

44<sup>151</sup>

e para introduzir melhor o seu emgano  
mudou o proprio nome, de de Frey Januario, no

---

<sup>151</sup> Nota de mão alheia.

105 de Frey Iozé de Igôareta pelo qual foy  
tratado, e conhecido dahy por diante, o que fes para  
poder uzar a seu salvo da Carta de ordens do-  
Religiozo do dito nome, e ficar desta sorte tido, e há  
vido por sacerdote, em qualquer parte que se a-  
110 achase. E por evittar, todos os reparos, que se  
pudiaó fazer sobre a sua vinda, âquela povoação  
fingio, que vinha da Provincia de Lima da qual  
era mandado a curia Romana como Procu-  
rador geral da sua Religiaõ com varios negocios  
115 a ella pertencentez; e de morandosse por tempo de  
hum mes na dita povoação da nova Colonia, ahy  
comessou a dizer Missa, e a fazer todos os mais  
actos de sacerdote, como se o fora na realida  
De

120 Disse mais que chegando lhe neste tempo  
a noticia que naquele Porto da nova Colonia se  
achava prompta huma embarcação que fazia viagem  
para a Cidade da Bahia de todos os santos  
se embarcou nela por Cappelam dizendo Miça  
125 nos dias Santos, e Domingos emquanto durou

[Fol. 37 v.]

durou a viagem, e chegando a ditta Cida-  
de da Bahia se apresentou logo ao Ar-  
cebispo daquela Deocez e chamado Dom  
Luis Alues de Figueyredo, mostrando lhe  
130 a carta de ordenz que levava pela qual  
entendendo o ditto Arcebispo que elle confi-  
tente hera o mesmo Frey Iozé de Igoare-  
ta para quem a carta de ordens se havia passa-  
do lhe deu licença para dizer logo Missa  
135 e exercitar todas as mais funçoens de  
sacerdote como com effeyto, exercitou por-  
tempo de quatro mezes que assistio naquela  
cidade ouuindo de confição, e dizendo sem-  
pre Miça.

140 Disse mais que passados os quatro me-  
zes, que teve de assistencia na dita cidade da  
Bahia se auzentou dahy com preteisto de bus=

car a cidade de Pernambuco e muijo porto se  
 dizia que estava para partir a Frotta para  
 145 este Reyno de Portugal para onde, queria  
 elle confitente fazer jornada, e embarcan  
 dosse para este effeyto em huma so maca  
 por cauza de hum temporal, que sobre veyo

[Fol. 38]

45<sup>152</sup>

sobre veyo aportou no certaõ de Serigipe no-  
 150 qual ficou assistindo por tempo de tres mezes dis  
 correndo por todas as suas Freguezias que sam  
 muitas, e em todas ellas confeçava, e dizia Mi  
 ça, e pedia esmolas que recebia para a Fabrica  
 de hum Hospicio que dizia queriaó fabricar  
 155 os terceyros da sua ordem: E quando passava  
 de huma Freguezia para outra, levavasem  
 pre Altar portatil, no qual dizia Missa em  
 qualquer parte que se achava administrando tam  
 bem a muitas pessoas publicamente o sacramen  
 160 to do Bautismo para mentado com vestidu  
 ras sagradas, o que faria por sinco, ou seis ve-  
 zes.

Disse mais, que assistindo no dito certaó  
 de Serigipe lhe chegou a noticia que os morado-  
 165 res daquellas terras, e Freguezias, e ainda de algu  
 mas mais distantes uzavaõ de humas certas bol  
 ças a que chamavaó Breves da Marca com  
 as quais negociavaó, e vendiaó por alto preço  
 trazendo as com sigo, e serteficando que  
 170 as pessoas que estivessem naó poderiaó nunca  
 ser offendidas com qualquer sorte de ar-  
 mas com que lhe quisessem fazer dano

[Fol. 38 v.]

dano; e passando elle confitente por hum  
 lugar pequeno do mesmo certaõ vio pestava  
 175 hum grande a juntamento de pessoas, as-  
 quaes tinhaó no meyo hum caó no pesçosso

---

<sup>152</sup> Nota de mão alheia.

do qual reparou que estava a toda huma  
das ditas bolças e preguntando o para que  
aquilo era lhe foy respondido que huma das  
180 pessoas que ahy se achava queria comprar  
aquela bolça e para prova, de que tinha  
ou não tinha em sy virtude para não ser  
o fendido, aquelle, que atroxese queriaõ ti-  
rar a espingarda ao dito caó, que tinha abol-  
185 ça a o pescosso certificandose com isto, de que  
seria a bolça verdadeyra seo tiro da espingar  
da naó fizese mal algú, nem ofendese o di  
to caó, o que ouvido por elle conffitente fin  
gio que era comissario do santo officio,  
190 e que como tal tinha ordem deste Tribunal  
para tomar asy todas quantas bolças acha  
se destas, e para as poder tirar as pessoas,  
que as tinhaó o que ouvido pelas ditas pesso-  
as que se achauaõ juntas lhe entregaraõ  
195 muitas das ditas bolças que comsigo traziaõ  
as quaes dezpois entregou lhe denuncian  
te ao Bispo de Pernambuco, chamado

[Fol. 39]

46<sup>153</sup>

chamado Dom Jozé Fialho contando  
200 lhe grande abuzo, que havia das ditas bolças  
por todas, aquelaz vizinhanças, e as grandes su  
perstiçoens de, que se uzava por cauza delas.

Disse mais que passando do dito certaó de  
Cerigipe para as Minas geraiz veyo dar a hu  
205 ma povoação de Indios aonde estava huma  
Freguezia, ou Missaó de Padrez Capuchi  
nos Italianos chamada a Missaó de Rodelas  
em cuja Igreja fazendosse a festa de saó Joaó Bau-  
tista que era o orago daquela Missaó se ofereceu elle  
210 confitente para pregar na dita festa como com effeyto  
fes na Missa solene logo, queseacabou decantar o  
Evangelho tomando a benção ao selebrante como  
costuma fazer se conforme o ritual da Igreja, e dis

---

<sup>153</sup> Nota de mão alheia.

215 correu sobre as palavras do mesmo Evangelho que  
 tomou por [lema?] e foraó = quis putas [Puer iste erit?]  
 valendosse para tudo isto de hum sermaó, que tinha  
 lido impreço e sabia de memoria ao qual era au  
 tor o Padre Frey Manoel de gouea Portu  
 220 gues da Ordem de *saó* Agostinho, e ficou assistindo  
 depois disso na ditta Missaó por tempo de hummes

Disse mais, que passando da ditta Missaó para  
 o sertao de Pajau se introduzio com os gentios da

[Fol. 39 v.]

225 x alguns Missionarios  
 daquele lugar donde reduzio, e batizou alguns  
 dellez, e passando a Cidade de Pernambuco a pedir  
 ao dito Bispo Dom Frey Jozé Fialho<sup>x</sup> para que  
 melhor fosse instruida, aquela gente da qual tra  
 zia comsigo grande parte, não foy attendido nem  
 recebido do dito Bispo porque ja tinha noticia que elle  
 230 confitente pregava confessava, e dizia Missas em  
 que tivesse jurisdicaó nem ordens algumas para  
 se me pregar nestes exercicios, e tinha tam-  
 bem escrito a hum Paroco da Freguezia da Ca  
 brabô, que ficava no mesmo Certaó, chamado Na  
 nio Alves de Carvalho recomendando lhe fizesse  
 235 sumario das culpas dele confitente, e lho re  
 metesse logo como com effeyto fes recomendan  
 do ao ditto Bispo por carta sua, que por nenhum  
 cazo concedesse os Missionarios, que se pediaó.  
 e retirandose ele confitente com estas noticias  
 240 outra ves para o dito Certaó encontrou no cami  
 nho hum correyo, que trazia as cartas, e sumario,  
 que havia feyto o dito Parroco, os quaes papeis to-  
 dos tirou elle confitente ao dito Correyo, e os abrio,  
 e os leo, e vendo que neles vinha provada a sua  
 245 culpa os tornou a entregar a o mesmo correyo  
 e continuou o caminho para o dito Certaó donde  
 se deteve thé o tempo que partio para a Cidade  
 da Bahia.

Disse



[Fol. 40]

250

47<sup>154</sup>

Disse mais que no tempo que se demorou  
na Cidade de Pernambuco com a ocazião de pedir  
missionarios como tem dito se encontrou com hum  
Religiozo da Ordem de Saó Bento Castilhano de  
255 nasção chamado Frey Jozé de Freyxes, o qual  
tinha vindo como Procurador geral do conven  
to de Nossa senhora do Moncerrate do Reyno  
de Cathalunha e trazia comsigo huá grande  
quantidade de papeis grandes impressos nos qua  
260 es se dava noticias das muitas indulgencias  
e graças espirituas que ficauaó lucrando todos  
aqueles que dando alguma esmola se acen  
tassem por irmaós da dita senhora: e dan  
dolhe a ele denunciante alguns destes pape  
265 is para que os fosse distribuindo, e cobrando su  
as esmolos; recolhendose elle confitente ao di  
to certaó como tem declarado levou consigo  
todos estes papeis, e os destruiuio por algumas  
pessoas, e cobrou delas as suas esmolos.

270 Dissemais que passando dentro de pou  
cos dias do dito Certaó para a Cidade da Ba  
hia, e trazendo consigo ainda alguns dos ditos

[Fol. 40 v.]

dos ditos papeis impressos chegou  
a hum emgenho de que era Senhor hum ho  
275 mem chamado Joaó de Aguiar Vilas boas  
com o qual fez que se acentasse por irmaó  
da dita Confraria de Nossa senhora do Mon  
çarrate escrevendo o seu nome em hum  
livro que levava rubricado pelo ditto Pa  
280 dre Frey Jozé de Freyxas, e por esmola  
lhe deo o dito Joaó de Aguiar huá grande  
venerá ou habito de Familiar do Santo of  
ficio o qual era de ouro esmaltado, de gran  
de preço e havia sido do Pay do dito Jo  
285 aó de Aguiar Familiar do Santo Officio

---

<sup>154</sup> Nota de mão alheia.

ja falecido. E logo, que elle confitente  
 recebeo a dita venera ou medalha entrou  
 a usar della trazendo-a pendurada ao-  
 pescoço e intitulandose por onde quer,  
 290 que passava humas vezes comissario do-  
 Santo Officio, e outras Familiar do mes-  
 mo, sendo reconhecido por tal nos lugares  
 por honde passava; e entrando para huns  
 certoens chamados de Santossé que ficaó  
 295 cento e secenta legoas da dita Cidade  
 da Bahia sabendo os moradores de todos

[Fol. 41]

48<sup>155</sup>

de todos aqueles lugares que eraó muitos,  
 que elle confitente se achava, naquelas partes  
 300 e correndo vox que era comissario do santo  
 Officio por elle o ter assim devulgado comessaraó  
 a concorrer com denunciassoens de cazos, e culpas  
 pertencentes ao Tribunal do santo officio as-  
 quaes denunciacoens todas elle confitente toma  
 305 va como se fora verdadeyro Menistro deste Tri-  
 bunal fingindo ter toda a jurisdicção, e autho-  
 ridade para isso, dando juramento aos denun-  
 ciantes, fazendo escrever seus depoimentos, pre-  
 guntando testemunhas referidas, e formando  
 310 processos, como se hovera de porceder contra os cul-  
 pados.

Disse maiz, que entre outras denun-  
 ciaçoens, que elle confitente tomou foy huma,  
 que deraó varias pessoas contra hum homem chama  
 315 do Joaó de Souza Pereyra Laurador de man-  
 diocas viuvo não sabe, de quem, e assistia  
 em terras que cultivava distantes vinte legoas,  
 daquele lugar, sendo as culpas desta denunciação  
 o dizerem que o tal Joaó de Souza Pereyra

[Fol. 41 v.]

320 Pereyra fora visto asoutar a imagem

---

<sup>155</sup> Nota de mão alheia.

de hum cruxifixo por varias vezes em des  
prezo, e dezacato da mesma imagem o que  
tinhaó prezenciado sua molher, e huma  
escrava e que depois sendo a miassado pe  
325 la dita molher que hauia denunciar  
ao Santo Officio aquelle facto, elle a mata=  
ra com medo de que assim o fizesse de cuja  
morte tinha vindo de vaçar hum Juis  
secular da vila de Pilaó Arcado, e sahin  
330 do culpado nela se livrou por grande quan  
tidade de dinheyro, que deo ao dito Juis,  
e Menistros, que com elez vieraó.

Disse mais que logo que elle com  
fitente tomou a dita denunciação fes com vo-  
335 car quantidade de gente mandando a to-  
dos da parte do Santo Officio se prepara  
sem para hirem fazer huma prizaõ da par-  
te do mesmo Tribunal, aqueelles logo obe  
deceraõ, e partindo do lugar chamado de Al-  
340 dea, donde antaõ se achava, acompanhado

[Fol. 42]

49<sup>156</sup>

a acompanhado de toda a gente que o seguia que  
era muita pela ter con vocado da parte do San  
to Officio entrou nas terras onde rezidia o dito  
345 Joaó de Souza Pereyra chegando, a caza  
deste o predeo da parte do Santo Officio e fes  
apreheensão em todos os seus bens, e deles mandou  
fazer hum inventario por escripto, e constavaõ de  
cento, e trinta, e oito oitavas de ouro lavrado em defe-  
350 rentes pessaó quatro a rates, e meyo de prata tambem  
lavrada, sincoenta, e seis, mil res em dinheyro, tres  
credittos ou escriptos de obrigação hum de seiscen  
tos, e outenta, e tres mil res, e dos outros senaõ lembra  
da quantia certa de que constavaõ, os quaes din  
355 heyros tinha dado a juro o ditto Joaó de Souza Pe  
reyra como constava dos mesmos escriptos: E assim  
maiz lansou no dito Eventario dozoutto Negros

---

<sup>156</sup> Nota de mão alheia.

entre homens, e molheres, que eraó seus escravos,  
 cecenta porcos, cento, e tantas vacas, grande, quan-  
 360 tidade de movel da caza, em que entravaõ mun-  
 tas roupas, e vestidos de homem, e de molher, e no-  
 meando logo, elle confitente a hum homem chama-  
 do Bartholameu Martins, que assistia naque-  
 la mesma Aldea para depuzitario dos dittos bens,  
 365 e lhos entregou com obrigacaõ de dar conta deles  
 attodo tempo, que lhe fossem pededos, de que tudo

[Fol. 42 v.]

tudo sefes termo no ditto inventario.

Disse mais, que querendo elle confi-  
 tente partir para a Cidade da Bahia acondu-  
 370 zir prezo o ditto Joaó de Souza Pereyra, man-  
 dou ao ditto depozitario, que lhe entregase todo  
 o ouro, e prata, que constava do dito envantario  
 para valer-se do seu valor para gastos do Ca-  
 minho, e assim mais humas varaz de pano  
 375 de linho as quaes trocou por hum cavalo no=  
 qual se conduziraó algumas couzas que  
 eraó prezizas para o caminho, e tambem troxe  
 comsigo dous dos sobreditos creditos por se-  
 rem os devedores, de que elles faziaõ menção  
 380 asistentes na dita Cidade da Bahia para onde  
 fazia viagem para cujos gastos também  
 recebeo os sincoenta, e seis mil res em dinheyro  
 os quais se despenderaõ no caminho, e sobrraó  
 ainda dous mil reis, que se entregarao logo que  
 385 elle confitente e chegou a Cidade da Bahia  
 ao Procurador do Fisco por ordem do comissa-  
 rio o Padre Antonio Rodrigues como tam-  
 bem foraó entregues os creditos, e tudo o mais,  
 que se havia recebido do sobredito depuzitario

390

Disse

[Fol. 43]

50<sup>157</sup>

Disse mais, que no tempo, que se estava fazendo  
 o inventario como ditto tem chegou tudo isto a noticia

---

<sup>157</sup> Nota de mão alheia.

395 de hum Phelipe de santiago que morava na ou-  
 tra banda do mesmo rio de sam Francisco, o qual  
 era Primo de Joaõ de souza Pereira, que vinha  
 prezo, e o pertendeo livrar; e tirar da prizaõ para o *que*  
 avizova hum Tenente de Cavallos de cujo nome  
 400 senaõ lembra o qual vindo, logo onde elle confitente  
 se achava com dous sargentos, e alguns soldados quis le-  
 var o ditto prezo comsigo; mais vendo a muita quanti-  
 dade de gente que o guardava revando lhe socedesse  
 mal se retirou sem fazer cauza alguma o que visto,  
 E sabido por elle confitente mandou logo notificar da  
 405 parte do Santo Officio ao dito Phelipe de  
 santiago para que viesse em pessoa a cidade da  
 Bahia responder diante do comissario, e dar  
 a rezaõ que tivera para valerse de soldados, e  
 420 pedir ajuda ao ditto Tenente para que com  
 violencia, e força de armas, viesse [estorcar?] huma  
 prizaõ que se havia feyto da parte do santo offi-  
 cio o qual naõ podia embaraçar sem [ofenia?]  
 do mesmo Tribunal, e de que logo lhe fazia cul-  
 425 pa, e querendo fazer se a dita noteficação como  
 elle confitente tinha mandado acharaõ as=

[Fol. 43 v.]

as pessoas que eraõ sette a quem tinha em  
 carregado esta delegencia que o ditto Phelipe  
 de santiago havia fugido para huns mon-  
 430 tes por ter ja noticia de que o procuravaõ; e naõ  
 o achando, notificaraõ as mesmas pessoas a  
 sua molher para, que desse parte a seu ma-  
 rido da diligencia que hiaõ fazer emcarregan-  
 do lhe da parte do mesmo Tribunal que  
 435 logo que ele chegasse o fizesse pór a caminho  
 e o certificasse da ordem, que para isto lhe  
 intimavaõ; e que tornando depois o dito Phe-  
 lipe de santiago a sua caza sabendo da  
 notificação que se tinha feyto a sua molher  
 440 da parte delle confitente lhe mandou falar  
 por hum homem chamado Manoel da cos-  
 ta, e pedir lhe com grande encarisimento  
 que viesse rasgar o termo de notificação que  
 se tinha feyto em sua caza na presença de

445 sua molher por senaõ ver obrigado a vir  
a cidade da Bahia o que elle confitente  
naõ quis consintir.

Disse mais que uindo elle confitente

Ioão de Souza *Pereira*

450 ja com o prezo, em sua companhia chegando  
ao lugar de [Sáco?] de Arára lhe requireo o dito

[Fol. 44]

51<sup>158</sup>

o dito Joaõ de Souza Pereyra que naquela  
comitiva vinha hum homem official de Ferrey  
455 ra devejo nome senaõ lembra o qual por haver  
sido seu vizinho muitos annos sabia melhor que  
ninguem da sua vida, e com elle se podia avirga  
ar que era falço o crime porque vinha prezo; e  
chegando ao lugar de Tamanduá que era  
460 pouco distante mandou elle confitente prender  
ao dito Ferreyro, e estando na dita prizaõ o pre  
guntou, examinou sobre as ditas culpas  
que depus serem verdadeyras e, ser certo que  
o dito Joaõ de Souza Pereyra tinha a souta  
465 do a imagem de hum crixifixo, o que afir-  
mou de baxo do juramento dos Santos evan-  
gelhos do qual depoimento se fes hum auto de  
testemunhas que juraraõ por ele confitente  
asim o mandar tudo, o que o dito Ferreyro ti  
470 nha deposto, mandando lhe primeyro ler o teste  
munho asim como se tinha escripto; e que  
feyto isto mandou soltar o Ferreyro e que vol-  
tasse para sua caza, e continuou a sua jornada  
vindo sempre acompanhado de vinte e sinco ou  
475 trinta pessoas.

Disse mais que vindo elle confitente

[Fol. 44 v.]

confitente considerando pello caminho  
no prezo que trazia e cauza da sua prizaõ, pa-  
recendo lhe que ainda esta naõ era bastante

---

<sup>158</sup> Nota de mão alheia.

480 nem concludentes as denunciaçoens que  
 trazia por escripto lhe vejo ao penssamento  
 o agravar, e fazer mayor a culpa, e para es-  
 te effeyto intruduzio logo dentro de hum  
 reliquiario de ouro que era do mesmo pre-  
 485 zo, e se tinha achado entre as outras pessas  
 hum forma , ou particula sem ser consa-  
 grada, e com essou a publicar que a dita par-  
 ticula era consagrada, e que a tinha tirado=  
 o reliquiário ao dito prezo do qual uzava  
 490 por deza<sup>ca</sup>to e desprezo, que fazia ao santi-  
 simo sacramento e para que ficasse mais  
 crível, e fundasse melhor esta falcidade fes hum  
 instrumento ou sumario da suposta culpa fazen  
 do jurar nelle a muitas pessoas para mostrar assim  
 495 que com effeyto tinha sido achado o ditto riliquiario  
 e que o prezo uzava dele, e que feyto o dito instru-  
 mento, ou sumario o que tudo seo brovem hum  
 te era chamado do Sargento continuou a sua  
 jor nada para a Bahia.

500 Disse mais que chegando depois a huma

[Fol. 45]

52<sup>159</sup>

a huma povoação chamada Villa de Agoafria  
 o que seria outo dias passado o que tem referido,  
 aly mandou notificar mais algumas pessoas  
 505 da parte do Santo officio para que tambem o acom-  
 panha um; e sendo entre estas notificado também  
 hum homem chamado Manoel Alves que vivia  
 de encinar meninos para, o que tinha na ditta  
 povoação sua escola, não querendo este deyxar a sua  
 510 caza tratou de se esconder por não acompanhar  
 a elle confitente como sevia obrigado a fazer pella no-  
 teficação que ja lhe havia sido intimada; e logo que  
 elle confitente teve esta noticia o mandou buscar fazen-  
 dosse para isto grande deligencia e sendo achado o man-  
 515 dou vir a sua presença e depois de lhe estranhar o haver  
 faltado as suas hordens o obrigou, o que o acompanha

---

<sup>159</sup> Nota de mão alheia.

ce como com effeyto fes.

Disse mais que depois de ter andado seriaõ du  
 as outres legoas deca minho vendo que faltava o dito  
 520 manoe! Alves, e constando lhe, que havia fugido  
 e desemparado o cometiva tornou elle confitente  
 atras a o lugar dos Orizangues, e aly o achou  
 em huma caza com hua grande canastra, em que  
 tinha salvado algumas couzas mais preciosas,  
 525 receando ja, que voltassem a busca lo, o qual canas-  
 tra entregou elle confitente a hum depositário

[Fol. 45 v.]

depozitario diante de testemunhas, e lhe  
 fes fazer hum escripto pelo, qual se obrigava  
 a dar conta da dita canastra todas as vezes, *que*  
 530 lhe fosse pedida, e continuando a sua jornada  
 acompanhado do dito Manoel Alves che  
 Chamado gando passados dous dias a hum engenho \*da  
 Pujuca, e se hospedou em caza de hum Capitaõ  
 chamado Jozé Pereyra, e fazendo convocar toda  
 535 agente da sua cometiva mandou elle confitente  
 vir perante sy ao dito Manoel Alveres, e de  
 pois de ter notiçado a toda aquella gente que esta  
 va junta que o dito Manoel Alveres ti-  
 nha incorrido nas mais graves cencuras e=  
 540 cleziasticas por ter fugido, e faltar em acom-  
 panhalo havendo sido noteficado da parte do-  
 Santo Officio, o absolveo publicamente pelo  
 ritual romano, da excomunhaõ, e depois  
 disto lhe inpoz huma penitencia publica a qual  
 545 era que elle ditto Manoel Alveres por tres di-  
 as santos sucesivos apparecesse nũ na Igreja  
 das Orizangaz diante de todo o Povo o que  
 elle prometeo cumprir obrigandosse mais aman-  
 dar dentro de poucos dias huma certidaõ  
 550 jurada pelo Parocho da Igreja das Orizan-  
 gas de que havia obedecido com effeyto atu-  
 do o que se lhe mandava, e com isto o largou el



[Fol. 46]

53<sup>160</sup>

555 elle confitente, e o deyxou voltar livre para sua  
caza.

Disse mais, que continuando elle confitente  
a sua jornada para a Cidade da Bahia como gas-  
tou nella muitos dias vio, que lhe fugiaó, e o dezempa-  
ravaó algumas das muitas pessoas que com sigo le  
560 vavá; e mandando fazer deligencia pelos colher  
foraó somente achados tres aos quaes fes vir perante  
sy, e absolveos da escomunhaó da mesma sorte  
que asima tem declarado, e contra os mais que  
senao puderaõ achar escreveo a muitos Parochos,  
565 e Capellans daquelas Aldeas para que nas por-  
tas das suas Igrejas e capellas fixasem, e dittos,  
e cartas de Ex communhão im nomedo santo officio  
contra os sobre ditos de vejós no mes por hora senaõ lem-  
bra.

570 Disse mais que chegando elle confitente a hum Porto  
donde de via embarcar para a cidade da Bahia a qual  
ja lhe ficava so [menee?] em distancia de sette legoas  
nao achando prontas a embarcaçoens fes noti-  
ficar da parte do santo officio a huns Bar-  
575 queyros os quaes temendo a notificaçaó a comdu-  
zirao contoda aquela gente para a dita cidade

[Fol. 46 v.]

cidade da Bahia a outo de Novembro do na  
no proxime passado, seriaó onze horas da noi-  
te, e buscando logo ao Padre Antonio Rodri-  
580 gues commissario do santo officio lhe entregou  
o prezo que trazia com todos os mais alltos, su-  
marios, e deligencias, que havia feyto, e com  
estes papeis lhe entregou o dito Reliquiario  
com a particula dentro como tem declarado  
585 e dando lhe o dito commissario huma carta lhe  
mandou a elle confitente que levase o dito pre-  
zo a o convento de Saó Francisco, e o entre

---

<sup>160</sup> Nota de mão alheia.

gasse ao Padre Guardiaó como com effeyto  
fes.

590 Disse mais que logo que elle confiten  
te entregou o dito prezo ao Guardiaó de saó  
Francisco buscou caza em que pudece estar  
alguns dias naquela cidade mas logo na  
noyte seguinte entrou humMeyrinho na dita ca-  
595 za, e o prendeo da parte do Gouernador, na cadea  
publica da cidade donde foy levado nesse  
mesmo dia pelo dito Merinho para o conven  
to de Santa Thereza, que he dos Religiosos car  
melitas descalços, que o meteraõ no seu  
600 carcere de que dezejando elle livra

[Fol. 47]

54<sup>161</sup>

livrarse per entender se tinha discuberto tudo o que  
tinha obrado, se lançou de huma genela abaxo a qual  
por ficar demasiadamente alta deo huma, que da  
605 tam grande que quebrando hua perna, e hum  
braço ficou como desacordado por algum tempo,  
e pedindo depois confizaó acodio a confeçalo o Pa  
dre fulano Pinheyro que era tambem comissa  
rio do santo officio, e sendo outra ves recolhi  
610 do ao carcere do dito convento de santa The  
reza, e delle foy remetido a este santo Tri  
bunal em cujos carceres se acha prezo; E que  
estas saó as culpas, que tem, que comfeçar nesta  
Meza que erradamente cometeo por falta  
615 da de vida concideração, e por sua grande mize  
ria, e de as haver cometido esta muyto a repen  
dido e dellas pede perdaó e que com elle se uze de  
meziricordia.

Foy lhe dito que tomou muyto bom  
620 concelho em principiar a confeçar as suas culpas  
e lhe convem muyto trazelas todaz a memoria  
para delas fazer huma inteysa e verdadeysa  
confizaõ declarando a verdadeysa tençaõ *que*

---

<sup>161</sup> Nota de mão alheia.

625 teve em as cometer não inpondo por em so-  
bre sy, nem sobre outrem testemunho falço

[Fol. 47 v.]

630 falço por ser o que lhe convem para descargo  
de sua consciencia salvação de sua alma, e  
bom despacho de sua cauza, e por dizer que não  
era demais lembrado foy outra ves admoes-  
tado em forma, e mandado a seu cárcere  
sendo lhe primeyro lida esta sua confissão  
e por ele ouvida, e entendida disse que esta  
va escripta na verdade e assignou com  
635 o dito senhor Inquisidor Andre correio  
de Figueyredo o escrevi

[Ass.] Simao Joze Sylveira Lobo

[Ass.] Frey Januario de *Saõ* Pedro

## ANEXO 19 – Genealogia de Januário

[Fol. 48]

1

56<sup>162</sup>

### Genealogia

- Aos doze dias do mes de outubro de mil e settecentos, e quarenta annos em Lisboa nos Estaos, e caza primeyra das audiencias da santa Inquizição estando ahi na de menhaá o senhor Inquizidor Simão Jozé Silveyro Lobo mandou vir perante sy a Frey Januario de saó Pedro Religiozo profeço leygo da da ordem de saó Domingos, e sendo presente lhe foy dado o juramento dos santos evangelhos em que pos sua maó sobcarga do qual lhe foy mandado dizer verdade, e ter segredo o que tudo prometeo cumprir
- 15 Perguntado se cuydou em suas culpas como nesta Meza lhe foy mandado, e as quer acabar de confeçar e a verdadeyra tenção que teve em cometer as que ja tem confeçado por ser o que lhe convem para descargo de sua consciencia, salvação de sua alma, e bom despacho de sua cauza

Disse que sim cuydara mas que não tinha

[Fol. 48 v.]

- tinha mais culpas que confeçar nem tivera outra tenção mais do que, o que tem declarado pelo que lhe foraõ feytas as seguintes perguntas de sua genealogia a que respondendo disse.
- 25

Que elle como dito tem se chama Frey Januario de saó Pedro Espanhol de nação Religiozo leygo profeço da ordem de saó Domingos natural, da cidade de quito, e morador no conven

---

<sup>162</sup> Nota de mão alheia.

30 to da mesma cidade que hé da Prouincia de quito  
de trinta, e sinco annos de idade.

E que seus Pays se chamaraó Joaõ christavaó  
de Montes doca que vivia de suas fazendas, e Do-  
na Jozepha de suas naves ambos naturaes, e mo-  
35 radores na mesma cidade de quito, e saó ja de  
funtos.

E que seus Avós asim paternos como ma  
ternos saó ja falecidos, e aos paternos não sabe os  
40 nomes pelos naó ter conhecido, nem sabe donde eraó  
naturaes, nem moradores, e os maternos se chama  
raó Dom Affonso de suas naves, natural do Reyno  
de Biscaya e foy Governador decanbatto donde  
era morador, e Dona Patrunhilha Mera de Horte  
45 ga natural, e moradora na dita cidade de quito

[Fol. 49]

57<sup>163</sup>

E que elle nunca foy cazado, nem teve filho  
algum iligitimo.

E que elle he christaó Bautizado, e o foy na Igre  
ja cathedral da cidade de quitto por Dom Am  
50 brozio de Asumar Parroco da mesma Cathedral  
e foy sua Madrinha Dona Manocha de Ribadaney  
ra, e naó sabe quem foy o Padrinho.

E que elle he crismado e o foy na mesma cida  
55 de de quito pelo Bispo de Popaian na Igreja  
de santa Barbora da mesma cidade na  
America Meridional.

E que elle nunca foy ordenado de ordens algu  
mas sem embargo de ter uzado delas.

60 E que elle tanto que chegou aos annos de juizo, e  
dijeriçaó hia as Igrejas, e nellas ouvia Miça e pre  
gaçaó frequentava os sacramentos da penitencia

---

<sup>163</sup> Nota de mão alheia.

e comunhão, e fazia as maiz obras de christaó

65 E sendo logo mandado por de joelhos se per  
sinou e benzeo, e disse a doutrina cristáa a saber  
o Padre nosso, Ave Maria, credo, salve Ra-  
inha, os Mandamentos, da ley de Deos, e os da

[Fol. 49 v.]

e os da santa Madre Igreja que tudo sou  
be muito bem.

70 E que elle sabe ler, e escrever, aprendeo  
a gramatica, e latim, e estudou Philozophia, e Me-  
decina na Univercidade de Saó Gregorio na mes-  
ma cidade de quito, que esta sugeyta a dire-  
caó doz Padres da companhia de Iessus, que  
75 foraó os seus mestres.

E que elle nunca sahio fora da America  
Meridional, e nesta parte do mundo andou  
por muitas, Provincias e terras como foraó a Pro-  
vincia de quito, a de Lima, no Reyno de xily;  
80 Provincia do Tocoman, e outras, e asim mais es-  
teve nas cidadez de quito, coenca, saó Ioaó de  
Pasto Goca aqui, villas de Riobanba, saó Miguel  
de Barra, e outras muitaz, e en todas as di-  
tas terraz falou sempre com toda a costa de  
85 gente que se lhe oferecia.

E que elle nunca foy presentado, nem prezo  
no santo officio, senaó agora, e de seus paren-  
tes naó sabe que algum o fosse.

Foy lhe ditto que trate de examinar

[Fol. 50]

90

58<sup>164</sup>

examinar muito bem a sua consciência  
para acabar de confeçar nesta Meza todas  
as suas culpas, e verdadeyra tenção que teve

---

<sup>164</sup> Nota de mão alheia.

95 em cometer todas as que tem confeçado de  
 clarando toda a verdade delas não se deyxan  
 do levar de respeytos homanos que o podem  
 empedir, porque só o dizer a verdade hé o *que*  
 lhe convem para descargo de sua consciência  
 100 salvaçáo de sua alma, e poder merece esta  
 miziricordia que a santa Madre Igreja cos-  
 tuma conceder, aos bonz, e verdadeyros confi-  
 tentes; E por tornar a dizer que naó era de ma-  
 is lembrado, e no cazo *que* o fosse o veria mani-  
 105 festar nesta Meza foy outra ves admoestado  
 em forma e mandado a seu carcere sendo lhe  
 primeyro lida esta sessaó e por elle ouvida  
 e entendida disse que estava escripta na ver-  
 dade, e assignou com o dito senhor Inquizidor  
 Andre [corsino?] de Figueyredo o escreve  
 110 Simao Joze Sylveiro Lobo

Frey Januario de *San Pedro*

## ANEXO 20 – Interrogatório (I)

[Fol. 51]

1

60<sup>165</sup>

## I.º Exame

Aos vinte, e sette diaz do mes de Mar-  
co de mil, e settecentos, e quarenta, e hum annos em  
5 Lisboa nos Estaos, e caza primeyra das audienciaz  
da santa Inquicição estando ahy nad emenhá  
o senhor Inquizidor Simão Jozé Silvey  
ro Lobo mandou vir perante si a Frey Januario  
de saó Pedro Reo prezo contheudo nestes autos  
10 e sendo presente lhe foy dado o juramento dos  
santos evangelhos em que pos a mão sobcarga  
do qual lhe foy mandado dizer verdade e ter se  
gredo o que tudo prometeu cumprir

Preguntado se cuidou em suas culpas  
15 como nesta Meza lhe foy mandado, e as quer aca  
bar de confeçar, e a verdadeyra tenção, que teve  
em cometeras, que ja tem confeçado para descargo  
de sua consciencia, salvação de sua alma, e bom  
despacho de sua cauza.

20 Disse que sim cuidara mas, *que* não tem mais  
culpas, que confeçar nem tivera outra tenção em co-  
meter as que tem comfeçado mais do que ja tem de  
clarado

[Fol. 51 v.]

Preguntado se nas terras, e provincias da Ameri  
25 ca donde<sup>xelle</sup> Reo nasceo, e secriou, comunicou com alguns  
Hereges, Înfies, ou Idolatras, e se delles recebeo algu  
mas doutrinas falcas, ou erros opostos á verdade, e  
pureza de nossa santa Fé Catholica, e ley Evange  
lica.

30 Disse que sem embargo de que elle Reo assiste-

---

<sup>165</sup> Nota de mão alheia.



ra sempre en terras, e provincias da America don  
de se achoo muitos Infieis, e Idolatras, nunca co-  
municou com elles nem com outras algumas pesso-  
as, aquem ouvisse, nem de quem podese receber  
35 doutrinas que o prevertessem, e apartassemdo ca  
minho da verdade

Perguntado se elle Reo por outra alguma  
cauza se apartou em algum tempo de Nossa  
Santa Fé Catholica não crendo, ou duvidando  
40 de algum dos misterios, ou artigos dela.

Disse que elle em nenhum tempo, e por ne-  
nhuma<sup>cauza</sup> ou principio se apartou de Nossa Fé  
Catholica, nem duvidou doz misterios, e artigos  
Dela

45 Perguntado se duvidou em algum tempo

[Fol. 52]

61<sup>166</sup>

tempo da doutrina da Santa Madre Igreja  
Romana acercados sete sacramentos dela;  
sua instituição, numero, ministroz, materias for-  
50 mas, eeffeytos.

Disse que nunca duvidara de couza alguma do *que*  
se conthem na pergunta.

Perguntado se sabe elle Reo que os sacramen-  
tos da Santa Madre Igreja foráo instituidos,  
55 e ordenados por Christo Senhor Nosso como ins-  
trumentos para comunicar a devina graça, áquellas  
*que* dignamentos os recebem.

Disse que sabe e conhece muito bem tudo o *que*  
se conthem napergunta.

60 Perguntado se tem ou teve algum dia para sy  
que hera licito uzar mal dos sacramentos da

---

<sup>166</sup> Nota de mão alheia.

Igreja para diverso, ou contrario fim daquele porque foraõ santamente instituidos.

65 Disse que sempre entendera não só que não podia ser licitto uzar mal dos sacramentos da Igreja mas que são dignos de todo o castigo

[Fol. 52 v.]

aqueles que a sim o fazem.

Perguntado se tem ou teve algum dia para sy que a Ordem<sup>xnaõ</sup> hera hum dos sette sacramentos instituido por christo senhor Nosso, pelo  
70 qual se confere, e dá poder, aos ordenados para exercitar em licita e validamente os actos ou ministerios *que* lhe competem conforme os seus graos.

75 Disse que nunca duvidou de couza alguma do que se conthem na pergunta; antes entende e entendeo sempre; que o dizer, e afirmar o contrario seria hum erro heretico, e abominável digno de todo o castigo.

80 Perguntado se tem ou teve algum dia para sy *que* as pessoas, aquem não foráo conferidas ordens algumas podem licita e validamente exercitar os actos, e ministerios que só competem aos *que* ao tem.

85 Disse que sabe, e conheceu muito bem que nenhuma pessoa que não for legitima

[Fol. 53]

62<sup>167</sup>

legitimamente ordenada pode sem gravissima culpa exercitar aqueles actos que só competem aos que o são.  
90

Perguntado se conhece elle Reo, que<sup>ainda</sup> *que* na

---

<sup>167</sup> Nota de mão alheia.

Miça concorra a materia, forma, e intenção  
 se esta nao for de Menistro compectente, e ligi-  
 timamente ordenado senaõ pode fazer sacra-  
 95 ficio, antes se faria hum acto sacrilego, Nulo, e  
 de nenhum valor, nem efficacia.

Disse que conhece muito bem tudo o que se  
 conthem na pergunta.

Preguntado se conhece elle Reo que pe  
 100 qua gravissimamente, e hé merecedor de hum  
 exemplar castigo todo aquelle que se fin-  
 ge sacerdote, e sem o ser se atteve com  
 temeraria ozadia, aselebrar, publica, e  
 sacrilegamente Miça aos Fieis que com  
 105 correm ao villa.

Disse que conhece muyto bem tudo o que

[Fol. 53 v.]

o *que* se conthem na pergunta.

Perguntado se conhece elle Reo que não  
 só peca gravissima mente aquelle que assim  
 110 o faz, mas mostra tambem com evidencia ser  
 falto de fé, viver apartado della, e sentir mal  
 da instituição do santissimo sacramento,  
 vallore requisitos necesarios para o sacra-  
 ficio da Miça, fazendo huma tão grave in-  
 115 juria a Deos, a sua Igreja, ao mesmo as-  
 cramento, e ainda aos Fieis catholicos a que  
 faz Idolatrar adorando o que hé só paó; e vinho  
 per suadidos pello seu engano o ser corpo, e  
 sangue de christo.

120 Disse que conhece muito bem tudo o *que* se con-  
 them na pergunta.

Perguntado se esta elle Reo lembra  
 do de haver confeçado nesta Meza que  
 sendo religioso leygo, e havendo perse-  
 125 verado sempre na condição deste estado

sem que nunca lhe fossem conferidas  
ordens algumas se atrevera a fingir se

[Fol. 54]

63<sup>168</sup>

sacerdote, e a querer ser tido por tal, fal  
130 cificando para este Effeyto patentes, de tras pu  
blicas dos seus Pre lados mayores, uzando de car-  
tas de ordens que não erão suas, e entrando  
sem temor de Deos em virtude dellas a di  
zer, e selebrar publicamente Miça aos  
135 fiez catholicos que a ouvião por entenderem  
ser elle legitimo sacerdote, fazendo-os  
adorar pao, e vinho como se forá o Real, e  
verdadeyro corpo de christo senhor Nosso  
e que neste exacrando, e abominável  
140 facto continuara por muyto tempo.

Disse que muyto bem lembrado estava de o-  
haver assim confeçado porque tudo assim passou  
na verdade.

Perguntado como logo pode ser verdade  
145 e fazer se crível que elle Reo não vivesse apar-  
tado de nossa Santa Fé Catholica não crendo  
nos sacramentos da Igreja no santo  
sacrificio de missa, e na instituição das or-  
dens sagradas, confeçando o que sem as ter  
150 se atrevera a dizer Miça continuando nisto

[Fol. 54 v.]

nisto por muito tempo, fazendo sempre en todos  
estez actos idolatrar, ainda que material  
mente, aos que lha vivião por entenderem  
ser elle Reo legitimo sacerdote, e que ti  
155 nha o poder de consagrar, como tem os  
que verdadeyra mente o são, alem da  
gravissima injuria, que fazia ao sacrifi-  
cio da Miça e a sua sagrada instituição

---

<sup>168</sup> Nota de mão alheia.

Disse que elle reconhece que en todas  
 160 estas accoens que obrou por serem huns  
 factos,e sacrilegios abominaveis, e exa  
 crandos mostrou, e deo hum grande fundamen  
 to para se presumir dele que tudo fes por-  
 viver apartado da Fé, não crendo o que  
 165 de vim crer os catholicos, porem, *que*  
 a verdade he, que elle nunca se apar-  
 tou da Fé, e deixou de crer tudo aqui  
 lo que crer, e encina a santa Ma  
 dre Igreja, e só por sua fragilidade,  
 170 mizeria, e cegueyra, se deixou  
 cahir na abominação de todos estas  
 culpas sem advertir como devia

[Fol. 55]

64<sup>169</sup>

Devia no grande mal que obrava.

175 Perguntado se tem ou teve elle Reo para  
 sy, que depois que o legitimo sacerdote  
 pro fere as palavras da consecração sobre  
 a materia detriminada para o sacraficio  
 senão convertia esta em corpo, e sangue  
 180 de christo, e ficava per severendo a mes-  
 mo sustancia que dantes era!

Disse que nunca tivera para sy couza  
 alguma, do que se conthem na pergunta.

Perguntado se entendeo, ou duvidou elle  
 185 Reo algum dia, de que debaxo das espe  
 cies sacramentaez, e accidentez de pao  
 e vinho, que somente se oferecem a os no-  
 sos olhos estava o corpo, e sangue de christo  
 senhor nosso toda, a sua devindade, e hu  
 190 manidade taõ real, verdadeyra, e substanci  
 almente como está nos ceos.

Disse que nunca duvidada de couza

---

<sup>169</sup> Nota de mão alheia.

[Fol. 55 v.]

de couza alguma do que se conthem na  
pregunta.

- 195 Perguntada se tem ou teve algum dia  
para sy que â hostia, e calix depois de  
proferidas as palavras da consagração por  
verdadeyro, e legimo sacerdote senão de  
via der aquelle mesmo cultto, e adora  
200 ção de Latria, que hé de vida a Deos no-  
so senhor.

- Disse que nunca tive para sy couza  
alguma do que se conthem na pergunta por-  
que sempre creio firmissimamente que  
205 hâ Hostia, e calix depois de proferidas as-  
palavras da concegração por legitimo as  
cerdote hé devida a mesma adoração que  
se deve a Deos.

- Perguntado se entendeo elle Reo, e te  
210 ve para sy algum dia, que â hóstia  
e calix sobre que dizia as palavras  
da concagração fingindo ser sacerdote  
se devia tambem aquelle mesmo cul

[Fol. 56]

65<sup>170</sup>

- 215 culto, e adoração de Latria que se deve  
dar a Déos, e se convertia em corpo, e sam  
gue de christo.

- Disse que nunca entendera, nem ti-  
vera para sy couza alguma do que se  
220 conthem na pergunta antes entendera sem  
pre o contrario, e que seria Herege quan  
do asim o entendera.

Perguntado se conhece elle Reo que a Hos-  
tia, e calix sobre que proferia az palavras

---

<sup>170</sup> Nota de mão alheia.

225 da consagração na sua chamada Miça fica  
vão sendo pão, e vinho sem mudança, sem com-  
uerção, nem trans substanciação alguma, e da  
mesma sorte que de antez eráo.

Disse muyto bem digo que conhece muito  
230 bem tudo o que se conthem na pergunta por-  
que não pode haver, conversão, nem mudança  
na matteria senão por força e virtude das  
palavras da consagração proferidas por-  
legitimo sacerdote, como elle certamen-  
235 te não hé.

Pre

[Fol. 56 v.]

Preguntado se conhecia elle Reo, supos-  
to, o que tem dito, que todos, aquelles que adora  
vão a materia, que lhe oferecia na sua chama  
240 da Miça Idolatravão, ainda que material  
mente, por entenderem que elle Reo era Le-  
gitimo sacerdote, e que desta mesma Idola-  
tria, e gravissiimo absurdo que seu guia era  
elle Reo toda a cauza por se fingir sacerdo-  
245 te, e dando a entender, que ligitimamente  
o herao.

Disse que conhecia muyto bem tudo  
o que se conthem na pergunta, mas que  
sem embargo desto senão apartara nun-  
250 qua da fé mas que tudo fazia por se-  
gueyra fragilidade, e miseria sua.

Preguntado como pode ser verdade, que  
conhecendo elle Reo tudo, o que se com-  
them nas perguntas que se lhe tem feyto, e  
255 as perigosas consequencias que seu guia  
do mal que o brava cometeu tantas cul-  
pas, sem viver apartado da Fé e só por-  
fragilidade sua quando elle mesmo jul

[Fol. 57]

65A<sup>171</sup>

260 julga, reconhece, e confeça, que todo  
 aquelle, que assim o faz mostra, e dá a entender com  
 e videncia não crer nos sacramentos da Igreja em  
 seus sagrados rittoz, e serimoniaz, e instituição do santo  
 sacraficio da Miça.

265 Disse que elle conhece muyto bem que en tudo, o que  
 fazia, e perversa vida em que se achava obrava pior ainda  
*que* o Herege, maiz preverso porem que com tudo isso se  
 não apartou nunca da verdadeyra fé porque por tem  
 tácao do demonio, e fragilidade sua cometia as ditas  
 270 Culpaz

Perguntado se conhece elle Reo que os pecados  
 culpas que se cometem por fragilidade homana  
 são só aquelles para os quaes a natureza de provada  
 e enfraquecida pella primeyra culpa costuma in  
 275 clinar, a nossa vontade, o que certamente senão acha  
 nos *que* elle tem confeçado pois para estes não são  
 não inclina a nattereza mas antes fazem hum gran  
 de erros attodos, o *que* que são verdadeyros catholi-  
 cos, e se achão fortalecidos com as luzes da fé e dou  
 380 trinas da Igreja.

Disse

[Fol. 57 v.]

Disse, que como elle Reo sahio da Religião, e  
 reciou tornar a ella pello crime em *que* tinha in-  
 corrido de falcificar papeis, e patentes falças  
 285 dos seus Prelados superiores para effeyto de  
 se ordenar como tem ditto, vendo se depoiz sem  
 ter com *que* passar a vida entrou temeraria men  
 te a fazer-se conhecido por sacerdote a dizer Mi  
 ças in vertude das cartas supostas que mos  
 290 trava para se poder utilizar com a esmolla, e esti  
 pendio que recebia; e ainda a *que* sentia conti=  
 nuos remorços na sua concciencia por conhecer  
 o grande mal *que* obrava, e sacriligios que

---

<sup>171</sup> Nota de mão alheia.



295 fazia ainda asim continuou neste mau es-  
tado por muyto tempo nao só pella utilize  
que recebia das ditas esmollaz mas também  
pella vaydade, e vangloria em *que* entrou vendo-  
se com respeyto, e estimação e trattado de to-  
dos como se fora verdadeyramente sacerdote  
300 não se atrevendo a cortar por mizeria sua por-  
estas estimaçoens que e o primentava; e  
por isso senão apartou nunca da fé se em  
bargo de cometer tão graves delictos poiz por-  
fragilidade humana se deyxou somente le

[Fol. 58]

305

66<sup>172</sup>

levar dos referidos motivos conhecendo muyto bom  
o grande mal, *que* o brava

Perguntado se conhece elle Reo que a penitencia  
hé hum dos sette sacramentos da Igreja instituído  
310 por christo senhor Nosso, e que nelle se perdao ao  
os pecados aquem so confeça inteiramente a ligiti-  
mo Ministro com dor, e a rependimento dos há  
ver cometido, e prepozitto da emmenda reciben-  
do a absolvição do mesmo Menistro.

315 Disse *que* conhece tudo muy dego que co-  
nhece muyto bem tudo o *que* se conthem na pergun-  
ta.

Perguntado se sabe elle Reo *que* o sacra-  
mento da Penitencia tem particullar Meniz-  
320 tro determinado por direyto Devino; e que o não po-  
de administrar qualquer pessoa indistintamen-  
te senão so ós sacerdotes legitimamente orde-  
nados, e com jurisdição ordinaria, ou delegada.

325 Disse que conhece muyto bem tudo o que se  
conthem na pergunta.

Pre

---

<sup>172</sup> Nota de mão alheia.

[Fol. 58 v.]

Perguntado se sabe conhece elle Reo que ain  
da que da parte do penitente concorrão os actos ne  
cessarios, como são, contrição, confissão de culpas,  
330 e satisfação de obras não pode haver sacra-  
mento de penitencia sem absolvição dada por  
verdadeyro sacerdotte, e legitimamente de  
putado para ouvir as confissões dos fieis  
com a sobreditta jurisdição e tenção de fazer  
335 o que a Igreja quer, e detrimina.

Disse *que* conhece muyto bem tudo o *que* se  
conthem na pergunta.

Perguntado se conhece elle Reo que pecca  
gravissima mente, e merece sir reguroza  
340 mente castigado todo aquelle que não sem  
do sacerdotte, se atreve a fingir que o hé  
e *que* tem poder para administrar o sacra-  
mento da penitencia sem que asim seja  
na verdade.

345 Disse *que* conhece muyto bem, o que se con-  
them na pergunta.

Pre

[Fol. 59]

66A<sup>173</sup>

Perguntado se conhece elle Reo, *que* nisto só se  
350 faz huma grave injuria ao sacramento da peniten-  
cia, mas tambem aos Fieis Catholicos, aos quaes se  
faz descobrir, e declarar as suas culpas, e mizerias,  
e ainda os mesmos pençamentos so mente por-  
se reconciliarem com Deos, e alcançarem o per-  
355 dação de seus pecados ficando desta sorte enga-  
nados, e sem a absolvição que vinhão buscar  
de suas culpas.

Disse *que* conhece muyto bem tudo o *que* se com  
them na pergunta.

---

<sup>173</sup> Nota de mão alheia.

360 Perguntado se está elle Reo lembrado  
de haver confeçado nesta Meza *que* sem ter  
ordens algumas ouvira de confiação a muytas  
pessoas, que entendendo ser elle legitimo confeçor  
concorrião a confeçarse com elle.

365 Disse que muyta bem lembrado estava de  
o ter confeçado, porque tudo assim passou  
na verdade.

Pre

[Fol. 59 v.]

Perguntado se elle Reo recebia algum estipen  
370 dio, interesse, ou esmolla das pessoas aquem as  
crilegamente ouvia de confiação, asim como  
o fazia nas Miças que sacrilegamente  
se lembrava.

Disse, *que* nunca recebera estipendio,  
375 interece, nem esmolla por ouvir de confiação  
assim como fazia por dizer Miça.

Perguntado como logo pode ser verdade  
que elle Reo abuzace, tão torpe, e atrevi  
damente dos sacramentos da Igre  
380 ja principalmente da penitencia, e da or-  
dem, sem que sentisse mal delles, e da sua  
instituição vivendo apartado da fé, e não  
pella rezão que tem dado, e motivos *que* tem re-  
ferido por querer utilizarse do estipendio,  
385 se elle mezmo confeça, que sem utili-  
dade alguma sua abzara por tantas  
vezes do sacramento da penitencia; de *que*  
evidente mente secolhe, *que* só por lhe fazer

[Fol. 60]

67<sup>174</sup>

390 por lhe fazer dezacatto, e não crer na sua institui-  
ção commetia estes sacrilegios, e não pellos mo-

---

<sup>174</sup> Nota de mão alheia.

tivos *que* tem referido, e com *que* pertende emco brir maliciosamente a sua culpa.

Disse *que* conhece muyto bem *que* tudo o *que* tem  
 395 confeçado mostra com grande fundamento, *que* elle  
 vivia como hum Herege apartado totalmente da  
 Fé, e da Igreja; mas a verdade hé *que* nunca dela  
 se apartou em couza alguma em meyo de tantas, e tam  
 e normes culpas; e ainda *que* nunca recebera estipen  
 400 dio algum, nem se otilizara com esmolla ou com  
 outro interesse por ouvir de confição o fazia só mente  
 pella veydade e vangloria *que* tinha de se ver estima  
 do, não só por religiozo simplex sacerdotte mas  
 tambem por confeçor e pregador; e *que* tanto conhecia  
 405 em meyo de tudo isto o mal *que* obrava, e a gravissima  
 culpa *que* commetia contra *Deos* e contra a sua  
 Igreja *que* attodas aquella s pessoas aquem ou  
 via de confição negou sempre a absolvição di  
 zendolhe, e mandando lhe *que* se fossem confessar  
 410 com outro confeçar porque elle as não podia absol-  
 ver pella pouca despozição *que* nelles conhecia  
 para o sacramento; e *que* daqui resultou

[Fol. 60 v.]

resultou o chegar se a perceber *que* elle Reo  
 não era sacerdotte pois a ninguem absolvía nun  
 415 qua o *que* logo fazião os outros confecores com  
 quem as tais pessoas sehião confeçar.  
 e por ser dada a hora lhe não forão feytas  
 mais perguntas e foy mandado a seu carce  
 re sendo lhe primeyro lida esta seção, e  
 420 por elle ouvida, e entendida disse *que* es-  
 tava escripta na verdade, e assignou com  
 o dito senhor Inquizidor Andre  
 Corsino de Figueyredo o escreve

[Ass.] Simão Ioze Sylverio Lobo

425 [Ass.] Frey Januario de San Pedro

## ANEXO 21 – Interrogatório (II)

[Fol. 61]

1

68<sup>175</sup>

### I.º Exame

Aos sinco dias do mes de Abril de mil  
e sette centos e quarenta, e hum annos em lis  
5 boa nos Estaos e caza primeyra das audiências  
da santa Inquizição estando ahy na de menhá  
o senhor Inquizidor Simáo Jozé Sylveyro Lo  
bo mandou vir perante si ao Padre Frey Ia  
nuario de São Pedro Reo prezo contheudo nestes au  
10 tos e sendo prezente lhe foy dado o juramento dos  
santos Evangelhos *que* pos sua mão sobcar  
go do qual lhe foy mandado dizer verdade, e  
ter segredo o *que*, tudo prometeu cumprir.

Preguntado se cuidou em suas culpas  
15 como nesta Meza lhe foy mandado, e as quer  
acabar de confeçar, como tambem a ver-  
dadeyra tenção *que* teve em cometer as que  
ja tem confeçado para descargo de sua conci  
encia, salvação de sua alma, e bom despa  
20 cho de sua cauza.

Disse que sim cuidara, e *que* não tem

[Fol. 61 v.]

tem mais culpas que confeçar nem tivera ou-  
tra tenção e mas cometer mais da *que* tem declara  
do.

25 Preguntado se sabe elle Reo *que* o Santo  
officio hé o tribunal da Fé donde se tratáo  
os negocios mais graves, e inportantes, e que  
só os seus legitimos Menistros podem to-  
mar conhecimento de tudo o que pertence a esta  
30 matteria.

---

<sup>175</sup> Nota de mão alheia.

Disse que conhece muyto bem tudo, o *quese* com them na pergunta.

35 Preguntado se sabe elle Reo *que* tudo o fiel christão hé obrigado a favorecer, e ajudar, em tudo attribunal do Santo Officio e a Remo ver toda a ocazião de que se perturbe, confun da ou embarace por qualquer modo o seu rec to e justissimo procedimento.

40 Disse que muyto bem sabe tudo o *que* se conthem na pergunta.

Preguntado se sabe e conhece que o per

[Fol. 62]

69<sup>176</sup>

45 o perturbar o procedimento do Santo Officio hé culpa gravissima, e digna do mais exemplar castigo pelas perigozas consequencias que disto se seguem.

Disse que assim o conhece como se conthem na pergunta.

50 Preguntado se sabe elle Reo *que* todo aquelle *que* attreuidamente se finge Menistro do san to Officio hé o que mais ofende, e perturba seu Santo menisterio, e a inteyreza e verdade de seus procedimentos.

55 Disse que muyto bem sabe tudo o que se com them na pergunta.

60 Preguntado se conhece elle Reo que hé ainda muyto mayor mais atrox esta gravissima culpa quando a perturbação deste rectissimo meniste rio hé, e se fás publica, e dela seceguem es candollos, dezordens, prizonis injustas, e ini

---

<sup>176</sup> Nota de mão alheia.

quas, e castigos de inocentes.

Disse

[Fol. 62 v.]

Disse que conhece muyto bem tudo o *que* se conthem na pergunta.

65 Preguntado se conhece elle Reo *que* os Here  
ges, e inimigos da Igreja sentem mal, do-  
Santo Officio, e aborrecem o recto procedi  
mento de seus Menistros não podendo sofrer  
overem por ellez extirpadas as herezias, pu  
70 nidos, e condenados seus erros, e doutrinas fal  
cas.

Disse que conhece muito bem tudo o *que* secon  
them na pergunta.

Preguntado se conhece elle Reo que cem os mes-  
75 mos Hereges sente mal de Nossa Santa  
Fé Catholica e do procedimento do Santo offi-  
cio aquelle que não sendo legitimo Menistro  
deste Tribunal se finge que o hé pertendendo de  
zacreditar, e o fender por este modo a rectidao  
80 verdade, e inteyreza com que elle procede.

Disse que assim o conhece, como se conthém  
na pergunta

P

[Fol. 63]

70<sup>177</sup>

85 Preguntado se elle Reo sentio ou sente  
ainda mal com os Hereges do procedimento des  
te Santo Tribunal parecendo lhe que hé injus-  
to, e dezordenado, e que nelle são castigados os ino-  
centes, e se procede contra os que não são culpa-  
90 dos.

Disse que não sente, nem sentira nunca

---

<sup>177</sup> Nota de mão alheia.

mal do procedimento deste Santo, e rectissimo  
Tribunal nem entendera que nelle se castigauão  
inocentes antes tive sempre firmissima mente  
95 por certo, e sem duvida, que ainda os mesmos *que* saó  
gravemente culpados saó trattados com grande  
piedade e Miziricordia se confeção inteiramente  
mente com dor, e a rependimento toda a verdade  
de suas culpas.

100 Preguntado se esta lembrado de haver confe  
çado nesta Meza *que* por muitas vezes, e em diferen  
tes occasioens fingira ser Menistro do Santo Offi-  
cio, e em nome deste Tribunal thomava denun  
ciaçoens, chamara testemunhas, notificara pesso  
105 as, formara processos, impureza penitencias, e pro  
cedera a prizáo, e castigo de pessoas que não eráo

[Fol. 63 v.]

eráo culpados obrando tudo isto sem jurisdic-  
ção nem authoridade alguma, e so por mall e  
volencia, e malicia sua.

110 Disse que muyto bem lembrado está de  
haver confeçado tudo o *que* se conthem na per-  
gunta, por que assim passou na verdade.

Preguntado como logo pode ser verdade *que*  
commetendo elle todas estas culpas não vive  
115 se apartado da fé e sentisse mal como sen-  
tem os Hereges, do Tribunal do Santo Of-  
ficio, e do Recto procedimento dos seus Menis-  
tros não podendo ter outro motivo mais do *que*  
Este para cometer hum tão exacrando atten-  
120 tado, e conhecendo muito bem *que* nisto se conformava  
e, sentia aquillo mesmo, *que* os Hereges sentem.

Disse, que elle conhece muito bem o grande erro;  
em que cahio e as gravissimas culpas que cometeo,  
e a pouca ou nenhuma escuza *que* para isto podia  
125 ter, porem *que* a verdade hé *que* nunca se apar-  
tara em couza alguma de Nossa Santa Fé  
Catholica, nem sentira mal do Rectissimo pro-



cedimento do Tribunal do Santo Officio, e *que*

[Fol. 64]

71<sup>178</sup>

130 e que o motivo, que unicamente tivera para come-  
ter tam grande attentado fora o dezar ter a honr-  
ra, e estimação de Menistro do Santo Officio  
e ser havido por tal, o que naquellas partes in-  
trodis huma grande veneração e respeyto bastan-  
135 do só o ouvirse este nome para ser temido  
e respeytado; e que vendosse elle Reo Apostata  
da sua Religião, e conhecendo os graves crimes que  
nella tinha cometido em falcificar patentes dos  
seus Prelados mayores para haver de se orde-  
140 nar como tem dito para que o não prendessem  
e levassem outra vez a Religião lhe veyo este pença-  
mento de fingirse Menistro do Santo Offi-  
cio parecendo lhe, *que* desta sorte ninguem  
se atreveria a prendelo, e mal tratallo, e pode  
145 ria falcilmente, evittar qualquer mal que lhe quize  
sem fazer.

Preguntado se esta lembrado de haver  
tambem confeçado nesta Meza que não só co-  
meteu todas as sobreditas culpas procedendo in-  
150 justamente contra pessoas inocentes privando as  
de seus bens obrigando os a deixar as suas ca-  
zas, e trattando as com tanta des honrra, e igno-  
minia, mas o que hé mais atemorizan

[Fol. 64 v.]

atemerizando as compinas de ex comunhão  
155 *que* mandava publicar e absolvendo dellas na  
forma da Igreja.

110 Disse *que* muito bem lembrado estava de  
haver confeçado tudo o que se conthem na per-  
gunta porque assim passou na verdade

Preguntado se sabe elle Reo que as ex-

---

<sup>178</sup> Nota de mão alheia.

comunhoens e censuras ecclesiasticas são as  
 115 mais fortes, poderosas, e formidaveis armas da  
 Igreja e que destas não podem uzar senão  
 os seus Menistros, que tem plena, e verda  
 deyra jurisdição para isso, e *que* todo aquelle  
 120 *que* abuza dellas mostra viver apartado da Fé  
 da verdadeyra doutrina, e não ser Catholico.

Disse *que* conhece muyto bem tudo o que se  
 conthem na pergunta.

Preguntado como logo pode ser verdade  
*que* elle Reo so pellos motivos que tem  
 125 referido e não por sentir mal da nossa san  
 ta Fé Catholica entrasse e fingirse te

[Fol. 65]

72<sup>179</sup>

a fingirse temerariamente Menistro do  
 santo officio ofendendo os seus retos proce  
 130 dimentos abusando nelles das excomunhoens  
 e censuras ecclesiasticas acrecentando culpas  
 sobre culpas, e agravando cada ves mais as *que*  
 hia cometendo, perseruerando obstinadamente  
 portanto tempo em todos estes absurdos com  
 135 tão grave detrimento do proximo, e total ru  
 ina da sua consciencia.

Disse que elle não tem resposta alguma  
 cabal *que* possadar a pergunta porque conhe  
 ce muyto bem a gravidade e inormidade  
 140 da sua culpa porem, *que* nada fes por se ter  
 apartado da Fé, e só pella rezão de querer  
 cubrir o engano, de *que* uzava querendo ser tido por-  
 Menistro do santo officio e uzar em tudo dos-  
 meynos de *que* uza este Santo Tribunal a temo-  
 145 rizando desta sorte attodos para *que* lhe não fi-  
 zessem mal algum nem o prendessem como  
 levava pellas culpas que na sua religião tinha  
 cometido.

---

<sup>179</sup> Nota de mão alheia.

Preguntado se está também lembrado

[Fol. 65 v.]

150 lembrado de haver confeçado que com temera  
ria ouzadia se atrevera aprender, e culpar in  
justissimamente a hum homem chamado Jo-  
ão de Souza Pereyra introduzido para  
Este fim hua forma ou particula, *que* não  
155 era consagrada divalgando *que* o era só  
afim de agravar lhe mais a culpa, e metendo-a  
dentro de hum reliquiario de oiro afirmando  
*que* o tinha ao ditto homem *que* uzava dela  
só mente para fazer dezacattos ao Santissi-  
mo Sacramento sendo tudo isso falço  
160 e inventado pella sua malicia, privando  
desta sorte ao ditto homem de todos os seus bens,  
da sua liberdade, e reputação para contó-  
das aquellas pessoas que so vião conduzir pre-  
zo como culpado.  
165

Disse que lembrado estava de assim o há  
ver confeçado como se conthem na pergunta.

Preguntado se entendia elle Reo *que* ento-  
das estas acçoens e factos exacrando  
170 adquiria mayor estimação e respeyto em  
tre aquella genteque tudo isto prezencea  
ua, elhe tinhao mais alguma veneração

[Fol. 66]

72<sup>a180</sup>

175 veneração por todas estas falcidadez, e  
culpas que cometia.

Disse *que* nunca chegara a entender coi-  
za alguma do *que* se conthem na pergun-  
ta

Preguntado como logo pertende elle  
180 Reo desculparse de cometer, e por severar

---

<sup>180</sup> Nota de mão alheia.

em tantas, etao' graves culpas dizendo se dey-  
 xara levar do respeyto, e estimação que adque-  
 ria, e da vaydade *que* disto lhe rezultava, e que  
 por isso cegamente as cometera, enão porseapar-  
 185 tar da fé se elle mesmo confeça; que ain-  
 da sem *que* se lhe seguisse creditto respeyto,  
 ou estimação alguma obrava tão exacran-  
 dos factos de que evidentemente se colhé *que*  
 não pellos motivos que tem referido, mas por-  
 190 sentir mal de nossa Santa Fé Cathólica, e  
 do rectissimo procedimento do Tribunal  
 do Santo Officio entrara a fazer tudo, o *que*  
 tem declarado.

Disse

[Fol. 66 v.]

195 Disse, que elle conhece muyto bem a-  
 grande força da pergunta, e que não tem  
*que* responder a ella mais que a verdade  
 hé que nunca se apartou de nossa santa  
 Fé Catholica em meyo de tão graves cul-  
 200 pas como reconhece serem as suas, e que  
 em tende *que* Deos nosso Senhor o dezen-  
 parou e premetio que elle cahisse em cou-  
 zas tão abominaveis por justo castigo  
 da máo estado em havia muyto tempo  
 205 andava mizaravelmente metido, por  
 ocazião de huma molher *que* trazia em sua  
 companhia; e que a estes grandes pecados  
 a tribue a cegueyra com que cahio ento-  
 dos os maiz que tem confeçado o *que* tudo  
 210 foy por fragilidade, e miseria, ainda, *que*  
 não sem huma grande maldade, e ma-  
 licia sua.

Perguntado se elle Reo quando  
 entregou o ditto prezo Ioáo de Souza Pe-  
 215 reyra ao comissario Antonio Rodrigues  
 lhe disse a facilidade de *que* tinha uzado  
 e descobrio a inocência do ditto prezo.

Di

[Fol. 67]

73<sup>181</sup>

220 Disse que assim que o quizera fazer mas *que-*  
nunca tivera tempo, nem comodidade para isso.

Perguntado se elle Reo entregou ao ditto comi  
sario tudo aquillo, que levava, e pertencia ao-  
ditto prezo asim de roupas como dinhey,  
225 e peças de ouro e pratta.

Disse, que do dinheyro do ditto prezo gastou  
sincoenta, e seis mil reis que era toda a quan-  
tia *que* lhe tinha achado em moeda; e os despen-  
deo em gastos da jornada, e mais couzas *que*  
230 lhe foráo necessarias, e *que* tudo o mais, assim  
de roupas, como de peças de ouro, e prata,  
e tres creditos pertencentes ao mesmo pre-  
zo, hum de seiscentos, e outenta mil reis,  
outro de duzentos, e sincoenta, e outro de-  
235 trezentos, e tantos, tudo entregou ao ditto co-  
missario em cuja mão se poderâ achar.

Perguntado se soube, elle Reo, ou te-  
va depois alguma noticia do que o ditto comissa-  
rio dispois acerqua do ditto prezo.

240 Di

[Fol. 67 v.]

Disse, que elle não sabe sobre esta ma-  
teria couza alguma, nem o podia saber  
porque logo no outro dia fora prezo no car-  
cere do convento dos carmelitas descalços  
245 donde fora remetido para os desta Inquizi-  
cão em que de presente se acha.

Foylhe ditto, que de tudo, o que elle Reo  
tem confeçado nesta Meza rezulta prezun-  
ção de que vivia apartado de nossa santa  
250 Fé Catholica sentindo mal dos sacramen-  
os da Igreja especialmente da Eucharis-

---

<sup>181</sup> Nota de mão alheia.

tia, da Penitencia, e da instituição do santo as  
 crificio da Miça e assim mais sentia mal  
 contos Heréges do rectissimo procedimen-  
 255 to do Tribunal do Santo Officio pelo *que*  
 de novo o admoestáo que deyxando todos  
 os respeytos humanos que o podem em pe-  
 dir só trate de dezemcargar a sua concien-  
 cia fazendo huá inteyra, e verdadeyra com  
 260 fição de suas culpas declarando tambem  
 a verdadeyra tenção que teve em cometer  
 as que tem confeçado não impondo sobre

[Fol. 68]

74<sup>182</sup>

sobre sy, nem sobre outrem testemunho fal-  
 265 ço, por ser só o que lhe convem para descargo  
 de sua consciencia, salvação de sua alma, e  
 se poder usar com elle dá miziricordia que  
 a santa Madre Igreja costuma conceder  
 aos bons, e verdadeyros, confitentes; Epor-  
 270 tornar a dizer que não tinha mais culpas que  
 confeçar nem tivera outra tenção e mas co-  
 meter, mais do que tem declarado foy outra  
 ves admoestado em forma, e mandado a seu  
 carsere sendo lhe primeyro lida esta  
 275 sessáo e por elle ouvida, e entendida disse  
 que estava escripta na verdade, e assignou  
 como ditto Senhor Inquizador Andre  
 Corsino de Figueyredo o escrevi

[Ass.] Simão Joze Sylveiro Lobo

280 [Ass.] Frey Januario de San Pedro

---

<sup>182</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 22 – Inspecie

[Fol. 69]

1

75<sup>183</sup>

### Inspecie

Aos quatorze dias do mes de Abril de  
mil, e settecentos, e quarenta, e hum annos em lis-  
5 boa nos Estaos e caza primeyra das audiências  
da santa Inquizição estando ahy na de menhá  
o senhor Inquizidor Simaó Jozé Sylvey  
ro Lobo mando vir perante si ao Padre Frey  
Januario de saó Pedro Reo prezo conteúdo  
10 neste processo, e sendo prezente lhe foy dado o jura-  
mento dos Santos Evangelhos em que pos a mão  
sobcargos do qual lhe foi mandado dizer verdade  
e ter segredo o *que* prometeu cumprir

Perguntado se cuidou em suas culpas  
15 como nesta Meza lhefoi mandado, e as quer aca-  
bar de confessar, e a verdadeyra tenção que teve  
em cometer as *que* tem declarado para descargo  
de sua consciencia, salvação de sua alma, e  
bom despacho de sua cauza.

20 Disse que sim cuidara e que não tinha mais  
culpas que confeçar, nem oivera outra tenção

[Fol. 69 v.]

tenção em as cometer, mais do que, a que tem de-  
clarado.

Foy lhe ditto que elle mesmo tem confe-  
25 çado nesta Meza que sendo Relligiozo Leigo sem  
nunca ter ordens algumas se atrevera com te-  
meraria uzadia a querer ser tido, e havido, por ver-  
dadeyro sacerdote, fingindo que o era, falcifican-  
do, para este effeito letras, e patentes falças dos se-  
30 us Prellados mayores, usando maliciosamente de

---

<sup>183</sup> Nota de mão alheia.

cartas so postas, e que não erão suas, fazendo crer,  
 que o erão mudando o seu proprio nome para  
 melhor cobrir o seu fingimento, e chegando com  
 effeito a dizer por muitas vezes publicamente  
 35 Miça aos fieis, em diferentes terras, e lugares  
 e continuando nisto por muyto tempo, e assim  
 mais ouvindo tambem de confição aos fieis fin-  
 gindo ter jurisdição, poder, e faculdade para ab-  
 solver pecados emganando maliciosamente aos-  
 40 penitentes; como tambem que se fingira por  
 muitas vezes Menistro do santo officio, inti-  
 tulandosse humas vezes comissario deste Tri-  
 bunal, outras Familiar, e outras caleficador,  
 erigindo publicamente hum chamado Tribu-  
 45 nal, e entrando nelle a formar processos tomar  
 denuncias chamar testemunhas conhecer dos

[Fol. 70]

76<sup>184</sup>

dos culpados, e castigar aos mesmos *que* esta  
 vão inocentes; de que tudo rezulta prezunção de que  
 50 elle Reo vivia, apartado de nossa santa Fé catho-  
 lica sentindo mal dos sacramentos, da Igreja  
 e de seus rittos, e seremonias, especialmen-  
 te do santissimo sacramento da eucharis-  
 tica, fazendo adorar a matteria de pam, e vi-  
 55 nho entendendo-se *que*<sup>hera</sup>, o corpo, exangue de  
 christo senhor nosso, e asim tambem do as-  
 craficio da Miça tendo para sy que os leigos  
 o podião celebrar, e absolver de pecados. Sentin-  
 do tambem mal do Tribunal do santo officio,  
 60 e de seu rectissimo procedimento, verdade, e intey-  
 rezade seus Menistros; o que elle Reo uzando de  
 mau concelho quer incobrir com rezoens, e moti-  
 vos que não podem ilidir, nem remover a ditta  
 prezunção; pello que de novo o admoestão com muy-  
 65 ta caridade da parte de christo senhor nosso  
 que deyxados todos os respeitos homanos que o po-  
 dem empedir, só trate de dezencaregar a sua  
 consciencia fazendo huâ inteyra, e sincera com

---

<sup>184</sup> Nota de mão alheia.



70      fição de todas as suas culpas declarando a ver-  
dadeira tenção que teve em cometer todas as que  
tem confeçado porque isto hé, o *que* sô mente lhe  
convenem para descargo de sua consciência

[Fol. 70 v.]

75      conciencia salvação de sua alma, e bom  
despacho de sua cauza, e por tornar a di-  
zer que não era demais lembrado, nem tive-  
ra outra tenção mais de que tem declarado  
foy outra vez admoestado em forma, e manda-  
do a seu carcere, e ao Promottor fiscal do san-  
Libello to officio que venha com libelo criminal ac-  
80      xuzatorio contra elle, sendo lhe primeyro li-  
da esta sessão, e por elle ouvida e entendi-  
da disse que estava escripta na verdade, e  
assignou com o dito senhor Inquizidor Na-  
dre Corsino de Figueyredo o escrevi.

85      [Ass.] Simao Ioze Sylveyro Lobo

[Ass.] Frey Januario de San Pedro

## ANEXO 23 – Citação

[Fol. 75]

1

82<sup>185</sup>

## Citação

5

10

15

Lancado

20

Aos dezouto diaz do mez de Abril de mil, e settecen  
 tos e quarenta, e *hum* annos em lisboa nos Estaos, e caza do Despa  
 cho da santa Inquizição estando ahy em audiencia de menhá  
 os senhores Inquizidores mandarão vir perante sy ao-  
 Padre Frey Januario de são Pedro Reo prezo conteúdo  
 nestes autos, e sendo prezente lhe foy ditto que elle era  
 chamado, e cittado para se lhe dar a copia da prova da-  
 justiça para por ella formar interrogatorios pellos quaes  
 seja repetida a ditta prova que veja se quer estar com  
 Procurador para o ditto effeyto, e pello Reo foy ditto *que*  
 não tinha para *que* estar com Procurador, e que havia por  
 repetida a ditta prova o *que* visto pellos dictos senhores  
 Inquizidores [danearão?], e houverão por lançado da ditta  
 repetição de que fiz este termo de mandado dos dittos se-  
 nhores Inquizidores com quem assignou o qual lhe  
 foy lido, e por elle ouvido Andre Corsino de Figueyre  
 do o escreve  
 [Ass.] Francisco [Mendo?][Ass.] Simão Joze Sylveyro Lobo[Ass.]  
 Manoel Varejaó  
 [Frigor?]  
 e Tavora

[Ass.] Frey Januario de San Pedro

---

<sup>185</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 24 – Requerimento dos Promotores

[Fol. 76]

1 83<sup>186</sup> ção

Requerimento do Promotorantes dapu,

Aos vinte dias do mes de Abril de mil  
e ssettecentos, e quarenta e hum annos em lisboa nos

5 Estaos, e caza do Despacho da santa Inquizição es-  
tando ahy na audiencia de tarde os senhores In-  
quizidores apareceo o Promotor fiscal do santo  
officio e por elle foy ditto que este processo estava  
entermos de se fazer publicação da prova da

10 justiça que há contra elle Reo o Padre Frey Janu-  
rio de são Pedro contheudo neste processo por  
tanto requeria a elles senhores Inquizidores  
mandassem vir perante sy o ditto Reo para  
Lhe ser feita a ditta publicação e visto pellos di

15 tos senhores o requerimento do Promotor man-  
darão se lhe tomasse por termo para haverem de  
lhe deferir ao que foy satisfeito Andre Corsino  
de Figueyredo o escreve

### Admoestação antes da publicação

20 Aos vinte dias do mes de Abril de-  
mil, e settecentos, e quarenta, e hum annos em  
Lisboa nos Estaos, e caza do despacho da santa In

[Fol. 76 v.]

da santa Inquizição estando ahi na audi-  
encia de tarde os senhores Inquizidores manda

25 ráo vir perante si ao Padre Frey Januario  
de são Pedro Reo prezo contheudo nestes auttos  
e sendo prezente lhe foy ditto que elle fora por mui-  
tas vezes admoestado nesta Meza quisesse aca-  
bar de confeçar suas culpas declarando a verdadey

30 ra tenção que teve em cometer as que tem decla-  
rado, ao que elle Reo uzando de mão concelho

---

<sup>186</sup> Nota de mão alheia.

athe agora não tem feito e lhe fazem a saber  
 que o Promotor fiscal do santo officio requer  
 com instancia se lhe faça publicação da prova  
 35 da justiça que há contra elle Reo, e por que lhe será  
 melhor, e alcançara mais miziricordia, se aca  
 bar de confeçar suas culpas antes do que depois  
 de lhe ser lida a ditta publicação de novo a admoes-  
 40 tão com muita caridade da parte de christo se  
 nhor nosso o queyra assim fazer para descargo  
 de sua consciencia salvação de sua alma e bom  
 despacho de sua cauza e por tornar a dizer que  
 não tinha mais culpas que confeçar nem tive  
 45 ra outra tenção e mas cometer, as que tem com  
 feçado foy mandado levantar em pé, e logo  
 lhe foy lida publicação e hé a que a di  
 ante se segue Andre corsino de Figueyre  
 do o escreve

[Fol. 77]

84<sup>187</sup>

50	Publicasáo da prova da Justiça A.
	<i>que</i> ha nesta Inquizição de Lisboa con=
	tra Frey Januario de <i>são</i> Pedro aliás Frey
	Joze de Iguareta Religiozo leigo pro=
	fesso da ordem de <i>são</i> Domingos Hes=
55	panhol de nasção filho de Joáo de
	Montes de Occa natural da cidade
	de quito da America setentrional e
	morador no seu convento da dita cidade
	Reo prezo conteudo neste processo.
60	
	<i>Primeira testemunha</i> Huma <i>testemunha</i> da Justiça A. jurada, ratificada, e ha=
	Domingos de Souza vida por repetida na forma de direito dis <i>quesabe</i>
	13 de Janeiro de pella razão <i>quedá</i> , <i>que</i> o Reo Frey Januario de
	1740. <i>são</i> Pedro aliás Frey Ioze de Iguareta haverá hum anno e
65	tres meses se achou em certo lugar donde <i>finjin=</i>
	do e publicando ser ministro do santo officio da par=
	te do mesmo prendera a certa pessoa mandando fa=
	zer lhe sequestro de seus bens, mandando se puze=
	sem em depozito em poder de outra certa

---

<sup>187</sup> Nota de mão alheia.

70

pessoa e as custume dis a dita testemunha nada.

*Segunda testemunha*  
Bartholomeu Mar-  
tins Ferreira dito dito

75

Outra *testemunha* da Justiça A. jurada ratificada e havida por repetida na forma de dis *que sabe pella razão que dá que* o Reo Frey Januario de *são Pedro* aliás Frey Ioze de Iguaressa há o mesmo tempo se achou em certo lugar donde prendera da parte do *santo officio* a certa pessoa  
Levando

[Fol. 77 v.]

80

levando *para* a tal diligencia comsigo a muitas pessoas *que para* o mesmo effeito mandou notificar com ordem escrita por elle assinada na qual se intitulava comissario geral do *santo officio* e que acompanhando ao dito prezo levava hum medalha descuberta ao pescosso, e em nome da *santa Inquizição* fizera logo sequestro em todo os bens do dito prezo, notificando tambem a outra certa pessoa *para* ser depositario das mesmas, levando comsigo dos ditos bens sequestrados tudo o *que* hera ouro e prata e algumas roupas dizendo que levava isto *para* o entregar juntamente com o dito prezo e a o custume diz a dita *testemunha* nada.

85

90

*Terceira testemunha*  
Joaõ de Deos dos  
Santos dito dito

95

Outra *testemunha* da Justiça A. jurada, ratificada e havida por repetida na forma de direito dis *que sabe pella razão que dá que* o Reo Frey Januario de *são Pedro* aliás Frey Joze de Iguaressa haverá o mesmo tempo se achou em certo lugar donde prendeo a certa pessoa levando *para* este effeito a outras muitas pessoas a quem fez notificar da parte do *santo officio* e o prendeo em nome do mesmo Tribunal; e *que* preguntando lhe o dito prezo, da parte ou a requerimento de quer o prendia elle Reo lhe respondeo *que* o prendia por ordem *que para* isso tinha do *santo officio* e logo lhe fes sequestro em seus bens os  
Quais

100

105

[Fol. 78]

85<sup>188</sup>

quais mandou depozitar na mão de certa pessoa  
e ao costuma dis a dita testemunha nada

110 *Quarta testemunha*  
Pedro da sylva Bri=  
to dito dito

Outra testemunha de Justiça A. jurada ratificada  
e havida por repetida na forma de dereito dis  
*que* sabe pella razão *que* há *que* o Reo Frey Janu  
rio de *são* Pedro aliás frey Ioze de Iguareta  
havera o mesmo tempo prendera a certa pessoa  
115 da parte do *santo officio* levando consigo  
*para* o *dito* effeito a muitas outras pessoas *que* por  
ordem do mesmo Tribunal mandou notificar,  
publicando neste mesmo tempo *que* hera Familiar,  
e mostrando huma medalha *que* levava ao  
120 pescosso, e logo mandara fazer sequestro nos  
bens do *dito* prezo tambem da parte do *santo*  
*officio* os quais mandara pôr em depozito  
e ao costuma dis a dita testemunha nada.

125 *Quinta testemunha*  
Francisco Correa  
Pitta dito dito

Outra *testemunha* da Justiça A. jurada rati=  
ficada e havida por repitida na forma  
de dereito dis *que* sabe pella razão *que* dá *que*  
o Reo Frey Januario de *saõ* Pedro alias frey  
Joze de Iguareta haverá o mesmo tempo  
se achou em certo lugar donde da parte  
130 do *santo officio* prendeo a certa pessoa levan-  
do *para* este fim a algumas outras *que* por  
ordem do mesmo Tribunal mandou notificar  
e lhe fes sequestro em seus bens *que* mandou  
por em

[Fol. 78 v.]

135

em depozito; e ao custume dis a dita testemunha  
nada.

*Sexta testemunha*  
Joze Carvalho da  
conceição dito dito

140

Outra *testemunha* da Justiça A. jurada ratifi=  
cada e havida por repitida na forma da  
dereito dis *que* sabe pella raõ *que* dá *que*  
o Reo Frey Januario de *são* Pedro aliás frey Joze

---

<sup>188</sup> Nota de mão alheia.

145 de Iguaqueta haverá o mesmo tempo se  
 achou em certo lugar donde publicando ser  
 Ministro do *santo officio* da parte do mesmo  
 Tribunal mandara prender a certa pessoa  
 mandando notificar a outras *para* o mesmo e=  
 ffeito, e lhe fes sequestro em seus bens man  
 dandos por em depozito. e ao costume  
 dis a *dita testemunha* nada.

150 *Setima*  
 Joao de Barros  
 Do Rego *dito dito*  
 155 Outra *testemunha* da Justiça A. jurada ra=  
 tificada e havida por repitida na forma  
 de derecho dis *que* sabe pella razaó *que* dá  
*que* o Reo Frey Januario de *são* Pedro alias  
 frey Joze de Iguaqueta haverá o mesmo  
 tempo se achou em certo lugar donde  
 fingindo se e publicando ser Familiar do  
*santo officio*, e mostrando para isto huma me-  
 dalha *que* trazia intimando a todos *que* lhe  
 obedecessem prendera a certa pessoa  
 em nome do mesmo Tribunal, levando *para* a da  
 diligencia a *muitas* outras pessoas apenados por  
 160 Parte

[Fol. 79]

86<sup>189</sup>

165 parte da santa Inquizição e lhe fas se=  
 questro em seus bens *que* mandou por  
 em depozito levando elle Reo comsigo  
 o *dinheiro*, ouro, e prata *que* se tinha  
 achado a o *dito* prezo e ao costume  
 dis a *dita testemunha* nada.

170 *Oitaua testesmunha*  
 Antonio Ramos  
*dito dito*  
 Outra *testemunha* da Justiça A. jurada, rati=  
 ficada, e havida por repitida na forma de  
 derecho dis *que* sabe pella razaõ *que* dá *que* o Reo  
 frey Januario de *são* Pedro aliás frey Ioze de Igua-  
 reta haverá o mesmo tempo se achou em  
 certo lugar aonde prendera certa pessoa da  
 parte do *santo officio* dizendo que hera Familiar

<sup>189</sup> Nota de mão alheia.

175 e para isso mostrou uma medalha e logo  
 lhe fes sequestro em todos os seus bens da  
 parte do mesmo Tribunal e os mandou por em  
 depozito rezervando só algumas coizas *que*  
 comsigo levou e ao custume dis a dita *testemunha*  
 180 Nada

*Nona testemunha*  
 João Baptista  
 Neues dito dito

185 Outra *testemunha* da Justiça A. jurada, ratificada,  
 e havida por repitada na forma de derecho  
 dis *que* sabe pella razão *que* dá *que* o Reo  
 frey Januario de *saó* Pedro alias frey Joze  
 de Iguareta haverá o mesmo tempo se  
 achou em certo lugar aonde prendera  
 Da

[Fol. 79 v.]

190 da parte do *santo officio* a certa pessoa a  
 qual meteo em ferros notificando da parte  
 do *santo officio* pessoas para acompanharem  
 e lhe fes sequestro em seus bens, que man=  
 dou por em depozito levando comsigo o *dinheiro*  
*que* se tinha achado ao dito prezo e ao  
 custume dis a dita *testemunha* nada.

195 Outra *testemunha* da Justiça A. jurada ratifi=  
 cada e havida por repitada na forma de de=  
 reito dis *que* sabe pella razão *que* dá *que* o Reo  
 Frey Januario de *sáo* Pedro haverá o mesmo  
 tempo se achou em certo lugar donde da  
 200 parte do *santo officio* prendeo a certa pessoa  
 e a meteo em ferros, levando comsigo a  
 algumas pessoas *que* para isso mandou notificar  
 da parte do mesmo Tribunal, e lhe fes se=  
 questro em seus bens fazendo delles de=  
 205 pozitario a certa pessoa levando porem  
 comsigo todo o *dinheiro* e pellas de ouro e prata  
 que ao dito prezo se tinha achado. e ao cus=  
 tume dis a dita *testemunha* nada.

*DecimaPrimeira testemunha*

210 Faustina soares  
 da cunha dito dito

Outra *testemunha* da Justiça jurada, ratificada  
 e havida por repitada na forma de derecho  
 dis *que* sabe pella razão *que* dá *que* Reo  
 Frey Januario de *sáo* Pedro alias frey Joze



De

[Fol. 80]

215

87<sup>190</sup>

Joze de Iguareta haverá o mesmo  
tempo se achou em certo lugar onde  
prendera certa pessoa levando *para* este  
fim a outras *que* foram notificadas  
220 da parte do *santo officio*, e lhe fez se=  
questro em seus bens *que* ficaram depo=  
zitados em mao de certa pessoa e ao cus=  
tume dis a dita *testemunha* nada.

[Ass.] Simao Joze Sylveiro Lobo

225

E lida como dito he a dita publica-  
ção sendo pelo Reo Frey Januario de  
Saó Pedro ouvida, e entendida, logo  
pelos senhores Inquizidores lhe foy  
dado o juramento dos santos evan  
230 gelhos em que pos mao sobcarga  
do qual foy mandado dezer ver  
dade e ter segredo o que tudo prome  
teo cumprir.

235

Perguntado se ha verdade oque se  
dis na dita publicação

Disse que em quanto se conforma  
como materia de suas confissoéns passa  
na verdade

---

[Fol 80 v.]

240

Perguntado se tem contra dittas com  
que lhe e para as formar quer estar  
com Procurador.

Disse que naó tinha contra ditas com  
que lhe nem para que estar com procu-  
rador o que visto pelos ditos senhores e

---

<sup>190</sup> Nota de mão alheia.

245 Lançado lançaraõ e houverâ por lançado das  
com que pudera [lhe?] e admoestado o Reo  
outra ves em forma foy mandado a  
seu carcere sendo lhe primeyro li-  
da esta sessaó que por elle ouvida  
250 e entendida disse que estava es  
cripta na verdade e a respondera  
os ditos senhores Inquizidores Fran  
cisco de souza o escrevy.

215 [Ass.] Francisco [mendo?] [Ass.] Simao Joze Sylveiro [Ass.] Manoel  
Varejaó

Frigor[?] Lobo e Tavora

[Ass.] Frey Januario de San Pedro

## ANEXO 25 – Documento que contém a sentença de Januário

[Fol. 82]

1

89<sup>191</sup>

Foram vistos na Meza do *santo officio* desta Inquizisaõ  
de *Lisboa* em 5 de Maio de 1741 estes autos  
culpas, confissoes, e declarasoens de Frey Ianuario de *san Pe*=  
5 *dro*, alias Frey Joze de Iguareta, Hespanhol de nascaõ,  
Religioso leigo professo da ordem de *saõ* Domingos,  
filho de Joaõ de Montes de Occa, sem *officio*, natural  
da *cidade* de quitõ, Reino do Perú, na America Meri=  
dional; e morador no seu convento da mesma *cidade*, Reo pre=  
10 zo nelles conteudo; e pareceo a todos os vottos, *que* elle  
pella prova da *Justica*, e por sua mesma confissã es=  
tava legitimamente convicto nos crimes de dizer pu=  
blicamente missa, por muitas vezes, em diferentes partes,  
e na prezensa de muitas pessoas, sem ter ordens algumas,  
15 como tambem de ouvir confissãõ, e preguar, to=  
mando no acto da Missa solemne abensam ao cele=  
brante a tempo *que* se cantava o evangelho, e assim  
mais, de se fingir Ministro do *santo officio*, uzando de  
hum habito ou medalha de ouro, *que* publicamente trazia  
20 lanssada ao pescosso *para* melhor persuadir o seu fin=  
gimento e emgano, erigindo nos lugares donde se achava  
hum chamado Tribunal, em *que* tomava denuncias, noti=  
ficava pessoas, perguntava *testemunhas*, promulgava excomu=  
nhoes por cartas, e editões *que* mandava fixar em lugares  
25 Públicos

[Fol. 82 v.]

contra aquelles *que* não obedeciam a suas ordens, in=  
titulandose humas vezes comissario do *santo officio*, outras  
Familiar, leitor de prima, e *Mestre* da sua ordem, pro=  
cedendo violentamente da parte do *santo officio* contra pe=  
30 ssoas inocentes, castigando as como culpadas, impondo lhe  
falssamente crimes *que* não tinham, *para* o *que* obrigava  
as *testemunhas* *que* jurassem falssamente tudo o *que* queria,  
prendendo as tais pessoas, lansando lhe ferros, sequestran  
do lhe seus bens, e utilizandose de muita parte delas, man

---

<sup>191</sup> Nota de mão alheia.

35 dando pôr o restante em [arrecadasuaõ?], nomeando *para* isso  
depozitarias, tudo da parte, e em nome do *santo officio*,  
com grande escandalo, gravissimo, e irreparevel pre=  
juizo de muitas pessoas, e notoria [perturbasaõ?] e ofensa  
do mesmo Tribunal: por quanto, elle mesmo confessou  
40 nesta Meza; *que* achandose morador no seu convento da  
Guayalquil, e vendose religioso leigo obrigado a servir  
continuamente a comunidade nos mais pezados, e laborio=  
zos exercicios da religião, abatido e desprezado dos outros,  
desejando ser tratado com a estimasaõ e descando com  
45 *que* via tratar aos sacerdotes, tratava logo *para* con=  
seguir este fim de lavrar por sua propria mãõ huma  
patente falssa do seu *Padre* Provincial, furtando, e imi=  
tando o seu sinal o melhor *que* pode, e pondo lhe o sello  
Da

[Fol. 83]

50

89A<sup>192</sup>

da ordem *que* tirou de outra, mostrando falssamente por este  
modo *que* hera em tudo idoneo *para* receber todas as ordens  
e como tal a presentaua o *dito* seu Provincial a todas os Bis=  
pos, *para que* qualquer delles lhas podesse conferir em vir=  
55 tude da dita patente; e *que* fugindo logo do *dito* convento don=  
de hera morador *para* a Provincia de Tucumania, e achando  
notissia de se ter descuberto a sua falcidade, por avizos *que*  
o *dito* seu Provincial tinha feito a alguns Bispos, ueyo *para* a  
povoasaõ da nova colonia, *que* he ja das conquistas de  
60 Portugal, trazendo comsigo a carta de ordens de hum re=  
ligiozo *que* havia sido seu companheiro, chamado Frey Joze de  
Iguareta, e logo *que* chegou, mudando seu proprio nome  
se fes conhecer pello *dito* religioso, de quem hera a car=  
ta de ordens, e em virtude della entrou a dizer mi=  
65 ssa publicamente e fazer todos os mais actos e funsões de  
sacerdote, divalgando; *que* vinha da Provincia de Lima  
donde hera mandado como procurador geral á Curia  
Romana a tratar negocios graves da sua religião: e  
*que* depois de se demorar algum tempo na *dita* povoasaõ, se embar=  
70 cara *para* a cidade da Bahia em hum Navio donde por  
capelaõ, e em todo o tempo da viagem, *que* durou por mezes, di=  
ssera sempre missa, e administrara os mais sacramentos

---

<sup>192</sup> Nota de mão alheia.

75 como se fora verdadeiro sacerdote; e *que* aportando em huns  
certões chamados de seregipe donde havia quantidade de  
villas, povoasoes; e lugares, levando sempre comsigo altar

[Fol. 83 v.]

altar portatil dissera sempre missa, pregava, e confessara  
discorrendo por todas aquellas terras, em huma das quais em  
contrandose com hum Religiozo da ordem de *saõ* Bento  
*que* vinha de Monserrate, dele recebera quantidade de papeis  
80 ou sumarios impressos das *muitas* indulgencias e grassas spi=  
rituais, *que* lucraram os Irmaos daquela confraria; e  
*que* fazendo *que* *muitas* pessoas se acentassem em hum livro por  
irmaos; da dita confraria, de todos cobrava suas esmolas  
de *que* se utilizava, entre os quais lhe dera hum Joaõ  
85 de Aguiar, tambem por esmola, huma medalha de  
ouro ou habito de Familiar, *que* havia sido de seu Pay, e  
fora Familiar do *santo officio*, do qual entrou a uzar logo  
trazendo publicamente lansado ao pescosso, e comessara  
a fingirse ministrando *santo officio* inculcandose por  
90 todos os lugares e terras por onde passava, humas  
vezes familiar, e outras commissario, mandando notificar  
a todos *para que* viessem logo denunciar perante elle  
de tudo o *que* soubessem, de culpas pertencentes ao conhe  
cimento deste Tribunal, e *que* divulgandose por todas aque  
95 llas terras, *que* heram *muitas*, *que* nellas se achava hum co=  
missario do *santo officio* comessaram a correr todos com  
denunciasoes, as quais elle tomava, fingindo ter toda a  
jurisdicção e authoridade *para* ofazer, dando primeiro ju=  
ramento aos denunciantes, fazendo escrever seus depoimentos,  
100 perguntando *testemunhas* referidas, e formando processos *para* pro

[Fol. 84]

90<sup>193</sup>

proceder contra os culpados, e *que* especialmente executou com  
hum Joaõ de souza Pereira, homem *muíto* rico, lavrador de  
mandiocas, de quem disseram *que* tinha feito dezacatos á ima=  
105 gem de hum crucifixo, por *que* logo que o Reo teve esta noti=  
sia foy conuocar quantidade de gente mandando a todos da  
parte do *santo officio* se preparassem *para* hirem fazer huma  
prizaõ, ao *que* obedeceram, e partindo do lugar chama=

---

<sup>193</sup> Nota de mão alheia.

do da Aldea, em *que* entaõ se achava, seguindo de mais da  
 110 trinta pessoas *que* o acompanhavam entrou nas terras don=  
 de rezidia o *dito* João de Souza *Pereira*, e chegando a sua casa  
 o prendeo da parte do *santo officio*, sequestrando todos os  
 seus bens, *que* heram muitos; de *que* mandou inventario  
 por escrito, e constada de quantidade de gados de toda a espe-  
 115 cie; grande numero de escravos, quantidade de pessoas de  
 ouro e prata, movel e *dinheiro* de *que* tudo fez depozitario a hum  
 João Martins morador na *dita* Aldea rezervando *para* si o  
 ouro, prata, e *dinheiro* de *que* se utilizou, e caminhaou com o prezo *que* con=  
 duzio a cidade da Bahia acompanhado de todas as sobreditas pe=  
 120 ssoas; e *que* vindo pello caminho parecendo-lhe *que* a culpa não vi=  
 nha provada, *quanto* hera necessario *para* se fazer a *dita* prizaõ,  
 se atreueu iniquamente a querer agravála com mayor falcidade, e  
*para* elle effeito introduzira dentro de humm reliquiario de ou=  
 ro, *que* hera mesmo prezo, huma forma, ou particula sem  
 125 ser consagrada, publicando depois *que* o hera e fora achada  
 a o *dito* prezo, e *que* elle uzava por dezacato *que* fazia ao sacramento

[Fol. 84 v.]

sacramento, induzindo *testemunhas* falssas *que* juraram tudo o *que* elle  
 quis em gravissimo danno e prejuizo do *dito* prezo; e *que* acham  
 do neste tempo *que* faltavam na comitiva muitas das pessoas  
 130 ás quais da parte do *santo officio* tinha mandado notificar *para*  
*que* o acompanhasem e seguissem, procedera com cartas de  
 excomunhoes contra ellas, mandando aos seus Parochos, tam=  
 bem da parte do *santo officio* *que* logo as publicassem e fi=  
 xassem nas portas das suas Igrejas e depois *que* os absol.  
 135 vessem da sua parte determinando lhe penitencias publi=  
 cas *que* primeiro haviam cumprir os excomungados *para*  
 serem absolutos, com *testemunhas* circunstacias, *que* largam  
 constam de suas confissoes; e *que* chegando finalmente a cidade  
 da Bahia com o *dito* prezo o entregara logo ao comi=  
 140 ssario Antonio Rodrigues Lima, com o reliquiario e particula, [as?]  
 mando lhe *que* hera consagrada, e assim mais o inventa-  
 rio *que* tinha feito, e o *que* ainda trazia dos bens pertencentes  
 ao *dito* prezo, o *que* fizera com o tensaõ de retirar-se logo  
 outra ves *para* os certoens donde tinha vindo; porem, *que*  
 145 sendo ja neste tempo descubertas todas as suas culpas e fal-  
 cidades, o mandara logo prender o *dito* comissario na ca=  
 dea publica e depois o mudara *para* o carcere do convento dos  
 Padres carmelitas descalsos donde considerando o grande

mal *que* havia cometido, e o terrivel castigo *que* o espe=  
 150 rava tentou fugir do carcere em *que* o puzeram quei=  
 mando as portas delle, e lansandose de huma janela

[Fol. 85]

91<sup>194</sup>

janella *para* baixo sucedra quebrar hum brasso e huma  
 perna, e vendose em evidente perigo de vida declarara por  
 155 descargo da sua consciencia diante do *dito* commissario, do  
 Prior do convento, e de outros Padres, *que* o *dito* prezo Joaõ de  
 souza Pereira estava innocente, e *que* tudo quanto elle Reo  
 lhe havia imposto fora só inventado pella sua grande  
 malicia; concludindo, *que* o fim *que* tivera, e motivo *porque*  
 160 se atrevera a cometer tantas e taõ abominavens culpas  
 fora por se ver com as estimasoes de sacerdote, confe=  
 ssor, e pregador, *que* via nos outros religiosos, *queo*  
 heram, e com as de Ministro do *santo officio* *que* nas  
 suas terras saõ as pessoas *que* tem a primeiro estima=  
 165 saõ e respeito, e tambem por se utilizar | como com effei=  
 to se utilizou | com as esmolas das missas *que* dizia, e  
 outros emolumentos *que* tirava de ser tido e havido por  
 sacerdote, e com o producto dos bens e *dinheiro* em *que* fazia  
 sequestro fingindo se ministro do *santo officio*; as quais cul=  
 170 pas naõ so constam pella mesma confissao do Reo mas  
 tambem pello summario de *testemunhas* feyto pello Padre  
 Francisco Ferreira, *vigario* de Rodellas no sitio da Barra de  
 Santossé Bispado de Pernambuco, por ordem do commissário  
 Antonio Rodrigues Lima, e mais documentos *que* se juntam  
 175 E este processo. Portanto, pareceo a todos os

[Fol. 85 v.]

todos os votós | excepto o Deputado Frey Ioze de Fransa  
*que* elle vá ao Auto publico da Fee e nelle oida sua  
 sentensa na forma costumada, e fassa a abjurasaõ de  
 leve suspeito na Feé, seja degradado por tempo de des  
 180 annos *para* as galles de sua *magestade* onde servira a  
 remo sem soldo, e inhabilitado *para* nunca mais poder  
 receber ordens algumas, e *que* restituía as partes  
 interessadas tudo o *que* injustamente lhe tiver levado, tendo  
 penitencias spirituais e instruccaõ ordinaria, e se fassa  
 185 saber aos Parochos das freguezias dos certos de seriggipe

---

<sup>194</sup> Nota de mão alheia.

por onde o reo andou, *que* no anno de 1740 andara por aque=  
 llas terras hum religiozo *que* dizia chamarse frey Ioze de Igua=  
 reta, o qual sem ter ordens algumas ouvira de confissão a  
 varias pessoas, *para que* estas procurem o remedio das suas almas  
 190 e assim o publiquem na estassaõ da missa a seus fregue=  
 zes; e *que* a mesma sentença lhe seja lida por hum No=  
 tario no capitulo do convento, prezente a comunidade  
 de *que* se juntará a certidaõ ao seu processo, e pague  
 as custas. E ao dito Deputado Frey Ioze da Fransa pareceo,  
 195 *que* elle tivesse todas as referidas penas porem *que* o degredo  
 das galles fosse so por tempo de oito annos, atendendo  
 o ter o reo confessado as suas culpas logo *que* chegou  
 e ter dado mostras e sinais de seu arrependimento; ea todos

[Fol. 86]

92<sup>195</sup>

200 todos *que* antes de se executar este acento seja com  
 os autos levado ao consenso geral na forma do regi=  
 mento e acistio a este despacho pello ordinario de sua comissaõ o  
 Inquisidor mais antigo

205 [Ass.] Francisco [mendo?] [Ass.] Manoel varejaõ [Ass.] Simao Joze  
 Frigor[?] Sylverio Lobo

e Tavora

[Ass.] Fie sabestiaõ Pereira de castro

[Ass.] Diogo Lopes Pereira [Ass.] Ioachim Iansen Moller

Foy voto o Deputado

210 Frey Joze de Fransa  
*que* naõ asina por  
 senaõ achar pre=  
 zente.

---

<sup>195</sup> Nota de mão alheia.



## ANEXO 26 – Documento do Conselho Geral para os párocos dos sertões de Sergipe

[Fol. 88]

Em 28 de Junho de 1742 se escreveo para a Bahia  
Ao comissario Antonio Rodrigues Lima fizesse avizo aos Parochos dos  
certoés de Sergipe na forma, *que* se ordena no assento  
do conselho geral adiante.

[Fol. 89]

1

94<sup>196</sup>

5

10

15

20

25

Foraõ visto na Meza do conselho geral, em prezenca de  
*SuaEminencia*, estes autos, culpas, confissoens, e declaraçoés de Frey  
Januario de *Saõ*Pedro, aliás Frey Ioze de Iguareta, Hespanhol  
da nação, Religiozo leigo, professo da ordem de *Saõ* Do-  
mingos, natural da cidade de quitó, Reino do Perú  
na America Meridional, e *morador* no seu convento da mes-  
ma cidade; reo prezo nelle, conteudo. E assetou se que  
elle vá ao Auto publico da Fe na forma costumada  
nelle ouça sua sentença, faça abjuração de vehé  
*mente* sospeito na Fe; seja degredado por dez anos  
*para* as galés de *sua* magestade; inhabilitado *para* nunca rece-  
ber ordens algumas; tenha penitencias espirituais  
instrução ordinaria, e pague as custas: que restitua  
às partes interessadas tudo o que injustamente lhe tiver  
levado; e se faça saber aos Parocos das Freguezias  
dos certoens de Serigipe, por onde o reo andou, que  
no anno de 1740 andara por aquellas terras hum  
Religiozo, que dizia chamarse Frey Jozé de Iguareta; o *qual*  
sem ter ordens algumas, ouvira de confissão a varias  
pessoas, *para* que estas procurem o remedio de suas al-  
mas, eassi o publiquem na estação da Missa a  
seos fregueses; e *que* asentença lhe seja lida por hum  
Notario no capitulo do seu convento, *prezente* a *communidade*  
de *que* sejuntará certidaó ao seu processo: Mandaõ  
*que* afis secumpra. Lisboa occidental 30 de Mayo de 1741  
[Ass.] [Antonio?]*Rodrigues* [delanos?] [Ass.] [?]

---

<sup>196</sup> Nota de mão alheia.

[Ass.] Nuno da Silva Tallus    [Ass.] Ioaõ Alves soares  
[Ass.] *Antonio* Ribeiro de Abreu

## ANEXO 27 – Sobre a celebração do auto-de-fé

[Fol 93 v. ]

1 logo na Meza do mesmo suas culpas com mos-  
tras e sinaes de arrependimento pedindo delas  
perdaõ e mizericordia.

5 Mandaó que o Reo Frey Januario de *Saõ* Pedro,  
aliâs Frey Joze de Iguareta em pena e penitencia das  
ditas culpas va ao Auto publico da Fe na forma cos-  
tumada, nelle ouça sua sentença, faça abjuraçao  
de vehemente sospeyto na Fe e por tal o declaraõ  
sera degrado do por dez annos para as gales de sua  
10 magestade, e inhabilitado para nunca receber  
ordens alguãs: se ins-  
truido nos misterios da Fe necessarios para a sal-  
cação de sua alma, e cumprirá as mais penas e  
penitencias espirituas que lhe forem impostas  
15 e pague as custas.  
[Ass.] Francisco Mendo [Frigor?] [Ass.] Simao Joze [Ass.] Manoel  
Varejaõ

Sylverio Lobo e Tavora

20 Publicada foi asima supra escripta  
ao Reo Frey Ignacio de *Saõ* Pedro no Au-  
to publico da Fé que se celebrou na  
Igreja do Convento de *Saõ Domingos* desta cidade em 18  
de Junho D 1741 estando prezente El  
Rey Nosso *Senhor Dom João* o 5º o Principe, e os Infantes  
25 *Dom Pedro*, e *Dom Francisco* os Senhores *Inquizidores* e  
mais Menistros, muita nobreza, e  
[pauve?] Manoel da Sylva [Renes?]  
o escrevi

## ANEXO 28 – Abjuração de Veemente

[Fol. 94]

1

100<sup>197</sup>

Abjuraçam de vehementi.

Ev Frey Januario de *São Pedro* aliâs Frey Jozé de Iguareta  
 perante vòs Senhores Inquisidores, juro nestes sanctos  
 5 Evangelhos em *que* tenho minhas mãos, *que* de minha pro-  
 pria & livre vontade anathematizo, & aparto de mim to-  
 da a especie de heresia & apostasia *que* for, ou se levantar con-  
 tra nossa *Santa Fê* Catholica, & Sê Apostolica: especialmente  
 estas *que* agora em minha sentença me foraõ lidas, de *que*  
 10 me ouveraõ por de vehementi sospeito na Fê. E juro de  
 sempre ter, & guardar a *Santa Fê* Catholica, *que* tem& ensi-  
 na a *Santa* Madre Igreja de Roma, & *que* serei sempre muito  
 obidiente ao nosso muy sancto Padre o Papa Benedito  
 decimo quarto ————— nosso Senhor Presidente  
 15 na Igreja de Deos, & a seus successores: & confesso, *que*  
 todos os *que* contra esta *Santa Fê* Catholica vierem, saõ dig-  
 nos de condemnação: & prometo de nunca com elles me  
 ajuntar, & de os perseguir, & as heresias *que* delles sou-  
 ber as descobrir aos Inquisidores, ou Prelado da *Santa Ma-*  
 20 *dre* Igreja: & juro, & prometo quanto em mim for de com-  
 prir a penitencia *que* me he, ou for imposta, & se em algum  
 tempo (o *que* Deos não permita) tornar a cahir nestes er-  
 ros, ou em outra qualquer especie de heresia, ou não com-  
 prir a penitencia, *que* me he, ou for imposta, quero & me  
 25 praz *que* seja avido por relaso, & castigado conforme a  
 direito, & me someto à correição. & feveridade dos Sa-  
 gradados Canones. E requieiro aos Notarios do *Santo* Officio,  
*que* disto passem estromentos, & aos *que* estaõ presentes  
 sejam testemunhas, & assinem aqui comigo . e assignou  
 30 com as testemunhas Manoel da Sylva Renes sobs  
 Crevi

[Ass.] Frey Januario, de *São Pedro*


---

<sup>197</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 29 – Termo de Segredo

[Fol. 95]

1

101<sup>198</sup>

### TERMO DE SEGREDO.

AOs dezanove dias do mes de Junho  
 de mil & seiscentos & quarenta e hum  
 5 annos em Lisboa nos Estaos, & casa do despacho  
 da santa Inquisição, estando ahi em audiencia da  
    os senhores Inquisidores, man-  
 daraõ vir perante sy, do carcere da penitencia a Frey Januario de *Saõ Pedro* aliãs Frey Jozé  
 de Iguareta *Reo* preso contheudo neste processo, & sendo  
 10 presente lhe foy dado juramento dos santos Euangelhos, em  
 que poz a mão, & sob cargo delle lhe foy mandado, qu tenha  
 muito segredo em tudo o que vio, & ouuio nestes carceres, & com  
 elle se passou acerca de seu processo, & nem por palavra, nem  
 15 escrito o descubra, nem por outra qualquer via que seja, sob pe-  
 na de ser graueamente castigado o que tudo elle prometteo *cum-*  
*prir*, & sob cargo do ditto juramento, de que se fez este termo de  
 mandado dos dittos senhores, que com os mesmos assignou  
 Manoel da Sylva Renes o sob escrevi  
 [Ass.] Francisco Mendo [Frigor?] [Ass.] Simao Joze Sylverio Lobo  
 20 [Ass.] Frey Januario de *Saõ Pedro*

---

<sup>198</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 30 – Penitências Espirituais

[Fol. 96]

1

102<sup>199</sup>

Idae Penitencias

Aos        dias do mes de Junho de mil  
e settecentos e quarenta e hum annos em Lisboa  
5        nos Estaos e caza do despacho da santa Inquizi  
      ção estando ahy em audiencia de menhã  
      os senhores Inquizidores, mandava vir  
      perante sy a Januario digo sy a Frey Janu  
      ario de Saõ Pedro dos carceres da Penitencia  
10       Reo prezo contheudo nestes autos, e sendo  
      prezente lhe foi dito, que elle não torne a  
      cometer as culpaspor que foi prezo, e pro  
      cessado, nem outras semelhantes sob pena  
      de ser rigorosamente castigado, e que trate  
15       de dar bom exemplo com sua vida, e costumes,  
      e neste primeyro anno se confessava nas qua  
      tro festas de [?] saber, Natal, Paschoa,  
      da Resureyção, do Espirito Santo, e Assum  
      ção de Nossa Senhora, e no mesmo anno reza  
20       va em cada semana hum Terço de Rozario  
      a mesma *Senhora*, e em cada sexta feyra sinco=  
      Padres Nossos e sinco Ave Marias as chegadas  
      de christo, e cumplita tudo o que prometeu  
      cumprir em sua abjuração, e se pode  
25       hir para onde melhor lhes careçer, contanto  
      que saya deste Reyno sem expressão Li  
      cencia desta Meza, o que tudo prometeu cum  
      prir sobcarga do juramento dos Santos  
      Evangelhos que lhe foi dado que fiz

[Fol. 96 v.]

30

este termo de mandado dos ditos Senhores  
Inquizidores com *quem* assignou Mano-  
el da Sylva Renis o escrevi.

[Ass.] Francisco Mendo [Frigor?] [Ass.] Simao Joze Sylverio Lobo

[Ass.] Frey Januario de Saõ Pedro

---

<sup>199</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 31 – Indicação por parte dos Inquisidores do médico e cirurgião

[Fol. 98]

- 1 A Meza manda chamar o 105<sup>200</sup>  
 Padre Mestre Frey Manoel Coelho, Prior *Excelentissimmo e Reverendissimo* Senhor  
 do convento de *São Domingos* lhe diga, *que*  
 SuaEminencia uzando de muita piedade man  
 5 da aliviar da galle o Frey Januario  
 de *São Pedro*, e lhe manda entregar *para*  
 que *Seu Padre* por outro Religiozo Leigo o man-  
 da remeter ao Prior do seu Convento  
 de Elvas, com avizo *para que* dahi seja  
 10 enviado ao Prior de Badajós *que* o  
 remeterá ao Provincial da Sua Provincia *com*  
 o traslado da Sua sentença. *Lisboa* 21  
 de Fevereiro de 1744.  
 [Ass.] [?] Teixeira Abreu Amaral
- 15 Em observancia do despacho do concelho Geral, man=  
 damos ao sirurgiaõ dos carceres desta Inquizisaõ  
 Manoel Gomes da Paz, e *para que* constasse mais se=  
 guramente da Verdade, mandamos tambem ao Medico  
 Antonio da Costa Falcaõ, que visitasem nas Gallés a  
 20 Frey Januario de *São Pedro*, conteudo na petisaõ in=  
 cluza *que VossaEminencia* nos mandou informar, e dicessem  
 por sua certidaõ jurada, o *que* lhes parecia sobre as quei=  
 xas *que* o suplente na sua petisaõ Representa: e como nos  
 affirmam ambos ser verdade o *que* elle allega, e *que* po=  
 25 desse grande, e conhecida falta na saude, nos parece *que* es=  
 tá em termos de *VossaEminencia* lhe defirir na mesma forma  
*que* já declarámos na nossa informaçãõ incluza.  
*VossaEminencia* mandará o que for servido. *Lisboa* em Meza  
 11 de Fevereiro de 1744
- 30 [Ass.] Francisco Mendo [Ass.] Manoel Varejaõ e Tavora [Ass.] Simaõ Joze  
 [Frigor?] Sylverio Lobo

---

<sup>200</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 32 – Sobre o lugar de degredo

[Fol. 100]

1  
 107<sup>201</sup>  
 Vizitar nos diz ser Verdade tudo o *que* elle allega  
 E *que* necessita de ser aliviado do dito segredo, Pará=  
 Cenos *que* esta em termos de Vossa Eminencia lhe fazer  
 5 A merce de lhe completar os dez annos de Galles  
 Pello degredo para a Villa de Castro Marim.  
 VossaEminencia mandará o *que* for servido Lisboa  
 Em Meza 28 de Janeiro de 1744.  
 [Ass.] Francisco mendo [Ass.] Manoel Varejaõ [Ass.] Simaõ Joze  
 10 [Frigor?] e Tavora Sylverio Lobo

## ANEXO 33 – Análise do médico Antônio da Costa Falção

[Fol. 102]

1  
 109<sup>202</sup>  
 O Doutor Antonio da Costa Falzam medico dos carceres do *santo*  
*officio* nesta Corte: Certifico, que por ordem dos *senhores*  
 Inquisidores fui ver a Frey Januario de Saõ Pedro  
 5 prezo na gale, e informandome do que podecin achei  
 que tinha o ventre inchado, e alem disto me disce que pade=  
 cia huma deslocação no braço esquerdo, e que a perna do mes  
 mo lado era quebrado, e que da banda direita estava alei=  
 jado da outra perna de maneira que para me fallar foi necessario  
 10 vallerse de huma molleta, e pello que ouvi esta<sup>r</sup> em estado, que  
 nem pode hir a missa, o que supposto naõ o julgo capaz  
 de poder servir na gale, o *que* juro se necessario for aos *santos*  
*evangelhos* Lisboa 4 de Fevereiro de 1744.  
 [Ass.] O Doutor Antonio da Costa Falcaõ

---

<sup>201</sup> Nota de mão alheia.

<sup>202</sup> Nota de mão alheia.



## ANEXO 34 – Análise do cirurgião Manoel Gomes da Paz

[Fol. 103]

1 110<sup>203</sup>  
 Manoel Gomes da Pax Cirurgia nesta Corte  
 por El Rey *que Deos guarde* e dos Cãrceres do ssantoofficio  
 Certifico fui ã Cadea da Galé, por ordem de *Vossa Senhoria*  
 5 e achey de cama Frey Ianuario de *Saõ* Pedro com algua febre,  
 e huma *grande* obstrução, em toda a Regéaõ do ventre, de que  
 se poderá seguir hidropezia, e no hombro esquerdo  
 tem huma dislocação, de *que* fiz toda a diligensa a levar lhe o br-  
 easo ã cabeça, e nunca pode, e a perna da mesma parte,  
 10 que dis quebrará, mas em a outra *que* finge Paralitica, não  
 lhe achey nada, se bem *que* como não vir, andar, por estar  
 de cama não pude tomar Cabal conhecimento de tudo, tem  
 ao pe desi huma *grande* Moleta em *que* dis se firma e lhe fãz  
 o corpo todo o pezo *para* ella *quando* quer dar alguã pasada,  
 15 e *que* por iso a não Sente, isto he o *que* pude conhecer o que  
 tudo Juro aos ssantos Evangelhos Lisboa 7 de Fevereiro de 1744.  
 [Ass.] Manoel Gomes da Pax

---

<sup>203</sup> Nota de mão alheia.

## ANEXO 35 – Sentença dos Inquisidores sob o alívio da pena

[Fol. 106]

- 1 118<sup>204</sup>
- Muito Illustres senhores  
 Recebi a *sentença*; *que* logo re  
 meti pello Irmaõ Frey Já  
 5 [to?] [Jacome?] e na compa  
 nhia de Frey Januario de  
 São Pedro, *para* o Convento de  
 Elvas, *para que* o Prior do mês  
 mo Convento o remetesse  
 10 de Badajos *saõ Domingos*  
*Lisboa* 27 de Março de 1744  
 [Ass.] Frey Manoel Coelho<sup>205</sup>
- 15 Remettemos a *Vosso Padre* a *sentença* incluza de  
 Frey Januario de São Pedro, para que *Vosso Padre* na for-  
 ma, que se lhe tem declarado nessa Meza, a Re  
 metta com elle ao *Padre Prior* do Convento de *Saõ Do-*  
 mingos da Cidade de Elvas, e este ao *Padre Prior*  
 do Convento do mesmo Santo da Cidade de  
 Badajós, para dahi ser remettido o dito Frey  
 Januario de São Pedro ao seu *Reverendissimo Padre Geral*  
 com a mesma *Sentença*; assim esperamos de  
*Vosso Padre* o execute, e nos de de tudo Resposta sua  
 Na margem desta DEos Nosso Senhor *grande* a  
*Vosso Padre*. *Lisboa* no *Santo Officio* em Meza 27  
 de Março de 1744.  
 [Ass.] Francisco Mendo [Ass.] Simaõ Joze  
 [Frigor?] Sylverio Lobo  
 Registrada folha 312

[Fol. 107]

- 1 119<sup>206</sup>
- Logo que *Vosso Padre* receber esta, mandara vir á sua pre  
 zença o Frey Januario de *Saõ Pedro*, alias Frey Jozé  
 de Iguareta religiozo Leygo da ordem de *saõ Domingos*  
 5 *natural* da Cidade de quito Reyno de Perú, e de presente  
 se acha no Convento dessa Cidade de Elvas: o qual  
 foy penitenciado por esta *Inquizicam*, e o notificará  
 da Nossa *parte* para que dentro do termo de  
 tres dias sahia fora deste Reyno, aonde não  
 10 tornará a entrar, nem em seus dominios, com  
 cominaçam, de que fazendo o contrario se proce  
 derá contra elle, e de tudo mandará *Vosso Padre* fazer  
 hum termo, por escrivam, que para esse efeyto  
 elegerá, que *Vosso Padre* assinara, e o dito Frey Januario de  
 15 São Pedro, o qual termo *Vosso Padre* nosremeterá com

<sup>204</sup> Nota de mão alheia.<sup>205</sup> Nota do Frei Manoel Coelho.<sup>206</sup> Nota de mão alheia.

reposta suas, Deos Nosso *senhor grande* ao *Padre Lisboa*  
no *santo officio* em Meza 23 de outubro de 1744

[Ass.] Francisco Mendo [Ass.] Simão Joze [Ass.] Manoel Varejaõ  
[Frigor?] Sylverio Lobo e Tavora

## ANEXO 36 – Sobre a fuga dos cárceres

[Fol. 108]

1 *Illustrissimos I. Senhores*  
Dezeyó, mas não posto [dara?] com [primeiro?] [?] ordens de *Vossas*  
*senhorias* por *quanto* no dia 24 deste mes de outubro pellas oyto ho-  
ras do dia se achou fugido do carcere, em *que* esta va a bom  
5 recato, como consta dessa certidaõ, *que* appresento, o Nosso Ir-  
maõ Frey Januario de *Saõ Pedro Deos grande a Vossas Senhorias* [saõ?] [Domingos?]  
e tuas 30 de outubro de 1744  
De *Vossas Senhorias*  
Seo obedienty [?] servo  
10 [Ass.] Frey Jorge da encarnação

[Fol. 109]

1 120<sup>207</sup>  
Frey Jorge da Encarnação, Prezado em *Santa Theologia*,  
Consultor do *santo officio*, e *Procurador* deste Convento de *Saõ Domingos* de Elvas, e os  
mais Padres abacho assignados: Certificamos em como na me=  
5 nham do dia Vinte e quatro de outubro, se achou tinha fugido  
do carcere, aonde estava a bom recato, o Irmaõ Frey Januario de *Saõ*  
*Pedro Religioso* da Ordem de Nosso P *Saõ Domingos filho* da Provinsia do  
Perû, *que* tinha sido penitensiado pello *santo officio* de *Lisboa*, do qual Re-  
ligioso senaõ descobrio athequi alguma noticia por onde constasse  
10 para onde tinha fugido; e por ser assim verdade passamos a prezente cer-  
tidaõ que juramos aos *santos Evangelhos Saõ Domingos* de Elvas 30 de  
Outubro de 1744.  
[Ass.] Frey Joaõ de Saõ [Remas?] [Ass.] Frey Jorge da encarnação  
[?] e [Supperior/Supplicador?] *Procurador*  
15 [Ass.] Frey Mathias do Rozario [Ass.] Frey Nicolao de *santo Thomas*  
[Ass.] Frey Domingos [Pacha?] [Ass.] Frey Manoel Coelho  
[Ass.] Frey Gaspar do Rozario [Ass.] Frey Thomas de Aquino  
[Ass.] Frey Bras do [Rozario?] [Ass.] Frey Manoel Viegas

<sup>207</sup> Nota de mão alheia.

20

[Ass.] Frey Alexandre de *Santa Ritta*  
[Ass.] Frey *Manoel do Rozario* Cardozo  
[Ass.] Frey Jozeph de *Nossa Senhora*  
[Ass.] Frey Theodoro de *Jesus Maria*  
[Ass.] Frey Christovaô Teyxeira  
[Ass.] Frey An<sup>l</sup> de *Nossa Senhora*

[Ass.] Frey Lucas do *Rozario*  
[Ass.] Frey *Antonio* do [Couto?] *Pereira*  
[Ass.] Frey Bento da *Vizitação*  
Mestre de Noviços  
[Ass.] Frey Joze de [Sua?] *Boavista*